



## **Reabilitação da Quinta da Ribafria**

Criação de um Centro de Artes num Espaço Esquecido

**Igor de Araújo Mogne**

Licenciado

Projeto Final para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura, especialização em Arquitetura

Orientadores

Professor Doutor José Aguiar

Professor Doutor Jorge Nunes

Júri:

Presidente: Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

Vogal: António Pedro Moreira Pacheco

Documento Definitivo

Lisboa, FA-ULisboa, Janeiro, 2022



# **Reabilitação da Quinta da Ribafria**

Criação de um Centro de Artes num Espaço Esquecido

**Igor de Araújo Mogne**

Licenciado

Projeto Final para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura, especialização em Arquitetura

Orientação Científica:

Professor Doutor José Aguiar

Professor Doutor Jorge Nunes

Júri:

Presidente: Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias

Vogal: António Pedro Moreira Pacheco

Documento Definitivo

Lisboa, FA-ULisboa, Janeiro, 2022



## Agradecimentos

Aos meus pais e a minha irmã por terem acreditado em mim neste longo percurso acadêmico, por terem ajudado nos momentos das escolhas difíceis, por terem acreditado e deixado seguir os meus sonhos e andar pelo meu próprio caminho.

Ao meu avô pelo apoio que me tem dado em toda a minha formação acadêmica, e por ter sido uma grande fonte de inspiração e influência.

A minha avó pelas inúmeras boleias para a faculdade e por ter acreditado em mim desde o início.

A minha namorada pelo apoio durante este ano.

As minhas duas grandes amigas por terem ajudado e aturado, em todos os momentos que passamos juntos que não foram poucos, uns mais fáceis que outros, e que de alguma maneira influenciaram a minha formação.

Aos meus professores José Aguiar e Jorge Nunes por estarem sempre disponíveis para ajudar, em quase todos os momentos críticos desta fase, e pela fonte de conhecimento que transmitiram ao longo dos anos.

**Palavras-Chaves:** Reabilitação, Comunidade, Quinta da Ribafria, Arte, Sintra

## Resumo

Em Sintra, as quintas sempre tiveram uma presença constante, desde o aparecimento da primeira no século XVI até aos nossos dias, apesar do estado de abandono em que algumas se encontram. Estas apresentam invariavelmente uma organização similar entre si, com programas organizacionais e de produção (alimentar) idênticos, e surgiram essencialmente pelo mesmo motivo: a procura pela nobreza de locais relativamente próximos da moradia principal, para servirem como quinta de produção e espaço de lazer.

Em *Reabilitação da Quinta da Ribafria* é desenvolvido um discurso diferente do já traçado no que toca ao tipo de intuito para estas quintas. Pretende-se divergir das intervenções de recuperação que habitualmente ocorrem, oferecendo este espaço à comunidade, de modo a poder ser experienciado por todos.

O projeto desenvolve-se assim em torno da Quinta da Ribafria, respeitando a sua história à medida que se constrói o melhor aproveitamento possível de um espaço que ficou esquecido no tempo, concedendo-lhe novas utilizações e tornando-o mais apelativo para a sociedade (atual) onde se integra.

**Keywords:** Rehabilitation, Community, Estate of Ribafria, Art, Sintra

## Abstract

In Sintra, farms have always had a constant presence, since the appearance of the first one in the XVI century until our current time, despite the state of abandonment in which some are. Those invariably present a similar organization between them, with identical programs, and essentially emerged due to the same motive: the nobility's quest for places relatively near their main house, to serve as a production farm and a leisure area.

In *Rehabilitation of the Quinta da Ribafria* there's the development of a different address/discourse of what has been traced in what regards the type of purpose for these farms. It's intended a diversion from the recovery interventions that usually occur, given instead this space to the community, so it can be experienced by all.

The project is thus developed in turn of Quinta da Ribafria, respecting its history while building the best exploitation possible of a space that was lost in time, granting it with new uses and rendering it more appealing for the society it's integrated in.



# Índice

Agradecimentos.....	■
Resumo.....	V
Abstract.....	VI
Índice.....	IX
<b>1. Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>1.1. Enquadramento Temático.....</b>	<b>2</b>
<b>1.1.1. Património Cultural, reabilitação, conservação e restauro.....</b>	<b>2</b>
<b>1.2. Território e lugar.....</b>	<b>6</b>
<b>1.2.1. Sintra.....</b>	<b>6</b>
<b>1.2.2. Quinta da Ribafria.....</b>	<b>9</b>
<b>1.3. Casa Senhorial.....</b>	<b>13</b>
<b>1.4. Arte: produzir, mostrar, habitar.....</b>	<b>15</b>
<b>2. Contextualização da proposta de intervenção.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1. Análise e enquadramento da Quinta da Ribafria.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2. Objetivos e estratégias de intervenção na Quinta.....</b>	<b>22</b>
<b>2.3. Casos de Referência.....</b>	<b>23</b>
<b>2.3.1. Quinta do Bom Pastor.....</b>	<b>23</b>
<b>2.3.2. Quinta da Bacalhoa.....</b>	<b>25</b>
<b>2.3.3. Quinta de Marique.....</b>	<b>27</b>
<b>2.3.4. Arquipélago – Centro de Arte Contemporânea.....</b>	<b>29</b>
<b>2.3.5. Olivier Debré Contemporary Art Center (CCCOD).....</b>	<b>31</b>
<b>2.3.6. Centro de Artes Los Nogales.....</b>	<b>33</b>
<b>2.3.7. Moorish Wall.....</b>	<b>35</b>
<b>2.3.8. Sunchengli Neighborhood Library.....</b>	<b>37</b>
<b>3. Proposta de projeto.....</b>	<b>39</b>
<b>3.1. Definição do Programa.....</b>	<b>41</b>
<b>3.2. Espaços exteriores da Quinta.....</b>	<b>43</b>
<b>3.3. Edifícios da Quinta.....</b>	<b>48</b>
<b>3.3.1. Corpo A.....</b>	<b>49</b>
<b>3.3.2. Corpo B.....</b>	<b>53</b>
<b>3.3.3. Corpo C.....</b>	<b>58</b>
<b>4. Considerações finais.....</b>	<b>70</b>
Índice de figuras.....	73
Bibliografia / Webgrafia.....	76
Anexos.....	80



## 1. Introdução

A presente proposta de projeto final de Mestrado teve como mote o interesse pela temática do restauro e, neste caso, de uma quinta no concelho de Sintra: a Quinta da Ribafria.

Porque este é um espaço que se encontra mal aproveitado, com o restauro dos edifícios e a requalificação dos espaços da quinta, pretende-se dar a esta uma nova vida e devolver este espaço à comunidade do concelho de Sintra.

O tema foi escolhido pela importância e necessidade que existe no restauro de espaços classificados pelo Estado, entre os quais se encontra a Quinta da Ribafria como Imóvel de Interesse Público (IIP).

Esta quinta, neste momento, é constituída por 3 corpos designados por A, B, C, como a seguir se descreve:

- O corpo A, sendo o principal, onde encontrámos uma torre, que seria a zona de habitação, uma capela, grandes salas de estar/jantar e um piso (Piso -1) dedicado a zona de serviços da 'casa';
- O corpo B meramente residencial, devia servir a família mais alargada quando os seus membros visitavam a quinta. Neste corpo encontra-se uma pequena biblioteca;
- O corpo C é uma intervenção mais recente feita pelo Instituto Progresso Social e Democracia (IPSD). É um dos únicos espaços construídos que continua em uso como espaço de escritórios e salas de reuniões, e o outro edifício ainda em uso é a casa do guarda.

O jardim da quinta foi desenhado pelos arquitetos Gonçalo Ribeiro Telles e Francisco Caldeira Cabral, intervenções do século XX. Este jardim, neste momento, é usado para eventos no exterior, como espetáculos de música, entre outros, e também como espaço para algumas atividades físicas. Estas atividades só acontecem em dois pontos da quinta; os restantes espaços exteriores estão mal aproveitados por serem considerados pouco atrativos, apesar de haver alguma facilidade no acesso da quinta.

## 1.1. Enquadramento Temático

Neste ponto serão abordados os vários temas que foram considerados importantes para o desenvolvimento desta proposta final de mestrado.

### 1.1.1. Património Cultural, reabilitação, conservação e restauro

A palavra património advém do latim *patrimonium* (*pater*, pai + *monium*, recebido).<sup>1</sup>

De acordo com Ferreira de Almeida, a palavra está ligada à herança. É um ato que consiste na passagem de bens de uma geração para a seguinte.

"Na atualidade, as pessoas lucram com a palavra património, "abusam" do seu valor. Porém, há quem tente valorizar e salvaguardar a sua origem, mantendo o seu significado estético e toda a sua envolvente conservada."<sup>2</sup>

"Património é definido como algo que proporciona qualidade de vida ao Homem a nível cultural e físico, para além de cumprir um papel de afirmação da comunidade, nacional e internacionalmente. Pressupõe-se que o significado atual de património se consolidou com a revolução francesa, o que terá chamado a atenção de alguns responsáveis políticos para a necessidade de sensibilizar as pessoas para a salvaguarda do património artístico e monumental da nação."<sup>3</sup>

Durante o século XX, o património começa a ganhar maior expressão, pois passou a ser mais do que compreender apenas o edifício, mas sim entender toda a sua envolvente, ou seja, a malha urbana e as edificações, como pode ser observado na lista estabelecida pela UNESCO, conhecida como Património Cultural.

Em Portugal a Direção Geral do Património Cultural [DGPC] é responsável pelo Património Cultural - esta entidade que elabora os planos de preservação do património, assim como se encarrega da sua classificação, desde monumento, conjunto ou sítio com interesse que pode ser nacional, público e/ou municipal.

<sup>1</sup> FUMAR, Pedro Paulo, PELEGINI, Sandra de Cássia Araújo [2006]. Património histórico e cultural. São de Janeiro, Zolner. Pág.11

<sup>2</sup> LOURENÇO, Mafalda (2019). *Requalificar e Reabilitar, A Questão da Escala: Entre o rio e o Rio, Proposta de um equipamento multifuncional e intergeneracional, no Parque Urbano do Aveiro*, Projeto Final de Mestrado para obtenção de grau de Mestre em Arquitetura, com especialização em Interiores e Reabilitação da Edificação. Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa. Pág.17

<sup>3</sup> ALMEIDA, C. F. de, 1993. Património - Hoje e Hoje. *Revista do Faculdade de Letras*

A DGPC define património, como um “universo amplo e complexo, permanentemente presente no nosso quotidiano, o património cultural é indissociável da realidade socioeconómica...”<sup>4</sup>.

A Quinta da Ribafria encontra-se classificada como imóvel de interesse público (IIP), classificação que lhe foi atribuída pela DGPC.

“Na reabilitação, *less is more, and not bore*.”<sup>5</sup>

A reabilitação, conceito que foi aplicado em 1970 pelo arquiteto Aldo Rossi, ganhou relevo em Portugal nos anos 80 do século XX<sup>6</sup>. Atualmente, é cada vez mais aplicado na arquitetura. É visto como uma ação que tem como objetivo restaurar e conservar, tomando possível o reaproveitamento de elementos arquitetónicos da época.

A reabilitação tem a potencialidade de dar novos usos/funcionalidades ao espaço pré-existente. Ela aparece como solução face à necessidade da demolição de espaços considerados ruínas desocupadas, com o intuito de serem substituídas por novas arquiteturas. Este termo (reabilitação) pode ser visto como a reciclagem da arquitetura.

Qualquer projeto de reabilitação que se enquadre em edifícios com valor patrimonial, sendo este classificado ou não, deve sempre ser precedido um estudo histórico e arquitetónico prévio, de modo a perceber-se o que se deve preservar, de maneira a manter o seu valor.<sup>7</sup>

Existem duas estratégias de projeto possíveis que podem ser usadas na reabilitação, que são: anastilose<sup>8</sup> e repristino<sup>9</sup>. No restauro a repristinação é “...à mais estrita conservação-manutenção – hoje tende a evitar-se posições predeterminadas ou normativas...”, assim considerando que “...cada caso é um caso”.<sup>10</sup>

A conservação consiste na intervenção na matéria que constitui o edifício. Serve para determinar os cuidados que devem ser tomados, para que possa manter as

<sup>4</sup> <http://patrimoniocultural.dgpc.pt/patrimonioc/> [consultado em 04-12-2021].

<sup>5</sup> AGUIAR, José (2014) Reabilitação ou Fim de Fronte. Revista Património n.º2 2014. Pág.61

<sup>6</sup> TRIGAL, Loredano López (2013) Diccionario De Geografía Aplicada y Profesional: Terminología de análisis, planificación y gestión del territorio. España: Universidade de Léon, Servicio de Publicaciones.

<sup>7</sup> AGUIAR, José, FERREIRA, Teresa Cunha, PEREIRA, José (2020). Guia FIME, Capítulo 38 – Preservação do Património. Lisboa. FUNDISTANMO, SA. Pág.147

<sup>8</sup> Anastilose: é uma técnica de reconstrução ou reintegração de um monumento em ruínas, a partir de estaleiros de peças ou fragmentos que o compõem, eventualmente com novos materiais a complementar as peças originais. “Anastilose”, in *Diccionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/anastilose> [consultado em 04-10-2021].

<sup>9</sup> Repristino: Reconstrução idêntica, que no contexto da restauração, se refere a realizar ou restabelecer de forma idêntica à que possuía ou à conservação de fachadas, principalmente as que recebem pintura, de modo igual ao original. “Repristino”, in *Diccionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/repristino> [consultado em 04-10-2021].

<sup>10</sup> AGUIAR, José, FERREIRA, Teresa Cunha, PEREIRA, José (2020). Guia FIME, Capítulo 30 – Preservação do Património. Lisboa. FUNDISTANMO, SA. Pág.146

características consideradas importantes dos edifícios, podendo resultar em vários processos possíveis como restaurar, entre outros.

“Restaurar um edifício não é conservá-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo num estado de plenitude que não pode ter existido em nenhum momento.”<sup>11</sup>

“Até ao século XVIII, entendia-se por “restauo” qualquer intervenção visando a reutilização de construções disponíveis, as quais eram recuperadas e renovadas espontaneamente e de acordo com os paradigmas arquitectónicos...”<sup>12</sup>

O restauro entendido como “qualquer intervenção destinada a repor a eficiência de um produto da atividade humana.”<sup>13</sup>, sendo esta vista como uma definição comum que pode ser generalizada, mas mostra toda a realidade do restauro. Esta pode ser aplicada na indústria, quando um objeto necessita de ser restaurado para voltar ao seu estado normal de funcionamento, mas na arte o restauro passa a ser relativo, assim como Brandi diz: “Ter-se-á, portanto, um restauro relativo aos artefactos industriais e um restauro relativo às obras de arte: mas, se o primeiro acabará por se tornar sinónimo de reparação ou de restituição a um estado anterior, o segundo será diferente...”<sup>14</sup>.

Para Brandi “...o restauro constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dupla polaridade estética e histórica, com vista à de transmissão para o futuro”<sup>15</sup>. O mesmo autor refere que um dos princípios de restauro “...deve visar o restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isto seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem apagar nenhum sinal da passagem da obra de arte no tempo.”<sup>16</sup>.

“Até ao século XVIII, restaurar significava, em grande medida reutilizar uma construção disponível, a qual era recuperada e renovada de acordo com os paradigmas arquitetónicos e as normas construtivas vigentes nesse momento.”<sup>17</sup>

Na arquitetura, o restauro é apenas funcional, pois serve para preservar a estrutura, ou reparar fissuras/ fendas e pequenos defeitos ou falhas que possam surgir com o passar

<sup>11</sup> Viñet Le Duc, Eugène-Ernest (2000). *Restauração*. São Paulo, Azélio Editorial.

<sup>12</sup> AGLIAR, José, Pires, José Vitorino, Pires, Ana (2006). *Guia Técnico de Restauro Habitacional*. Lisboa. Instituto Nacional de Habitação. Pág.8

<sup>13</sup> BRANDI, Cesare (2006) *Teoria do Restauro*. Lisboa, Edições Orion. Pág.01

<sup>14</sup> BRANDI, Cesare (2006) *Teoria do Restauro*. Lisboa, Edições Orion. Pág.01

<sup>15</sup> BRANDI, Cesare (2006) *Teoria do Restauro*. Lisboa, Edições Orion. Pág.04

<sup>16</sup> BRANDI, Cesare (2006) *Teoria do Restauro*. Lisboa, Edições Orion. Pág.06

<sup>17</sup> AGLIAR, José (2002). *Gar e Cidade Históricas – Estudos cronológicos e conservação do Património*. Porto: FAUP Publicações. Pág.33

do tempo. São intervenções feitas para preservar as características originais, sem alterar a identidade da época e, se necessário, fazendo adaptações ao contexto atual.

Neste caso, este conceito tem a intenção de manter o imóvel de interesse público (IIP) para as próximas gerações, sem criar um falso histórico, isto, sem que a alteração tenha feito perder o original e a memória deste. "Sua preservação é, de facto, uma reutilização"<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> CHOMY, Françoise (2017). A Memória do Património. Edições 70. Pág.40

## 1.2. Território e lugar

Neste subponto será realizada a introdução ao sítio da intervenção do PFM, começando por uma introdução do local onde se encontra (Sintra) e uma pequena análise de algumas características possivelmente importantes para o PFM. De seguida será feita a uma introdução e uma descrição do local de intervenção, a Quinta da Ribafria.

### 1.2.1. Sintra

Para a realização deste trabalho, é necessário conhecer o local em estudo, para ajudar na conceção de um programa que lhe seja adequado, assim como às comunidades próximas deste.

O concelho de Sintra, pertence ao distrito de Lisboa, com uma área de 319,2km<sup>2</sup> e 385.954 habitantes<sup>29</sup>, e tem o seu principal aglomerado populacional na vila de Sintra. É composto por 11 freguesias, como representado na figura 1. É limitado pelos concelhos de Mafra a Norte, Cascais a Sul, Amadora, Odivelas e Loures a Este e a Oeste o Oceano Atlântico. Possui um clima temperado atlântico; os fatores que contribuem para o clima característico da região são determinados pelas relações com o Atlântico e o estuário do Tejo, e pela serra de Sintra, que atua como uma barreira orográfica, que faz subir as massas de ar vindas de oeste carregadas de ar húmido.<sup>28</sup>

<sup>28</sup> Relatório dos Censos 2021 - [https://censos.inec.pt/cripto/000\\_censos\\_2021.html](https://censos.inec.pt/cripto/000_censos_2021.html) (consultado em 10-11-2021).

<sup>29</sup> Relatório do Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios do Concelho de Sintra. Categoria 1. Diagnóstico-Informação Base. COMISSÃO MUNICIPAL DE DEFESA DA FLORESTA.



Fig. 01 e 02- Mapa das freguesias de Sintra; Relevo e Hidrografia Do Conselho de Sintra

Fonte: <https://cm-sintra.pt/>



Fig. 03- Mapa parcial do património classificado em Sintra.

Fonte:

<https://patrimoniodepc.maps.arcgis.com/apps/webappviewer/index.html?id=7f7d5674280641849c0a0869ced22d91>

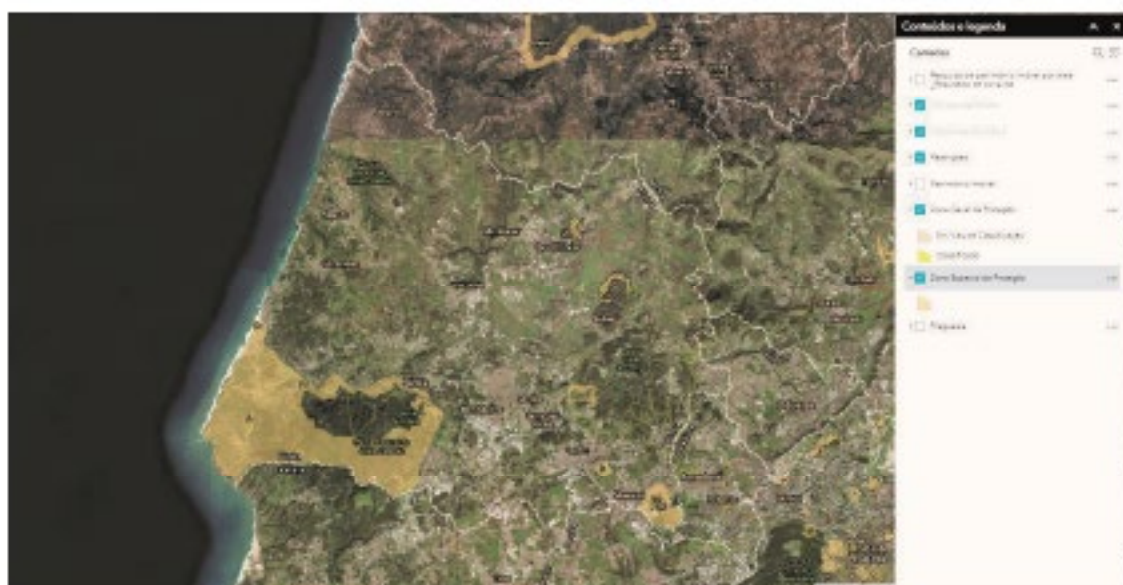


Fig. 04- Mapa da área protegida de Sintra.

Fonte:

<https://patrimoniodegpc.maps.arcgis.com/apps/webappviewer/index.html?id=7f7d5574280641849c0a0869ced22d891>

Neste concelho podem ser encontrados vestígios de civilizações antigas, desde o tempo do Neolítico. Estes vestígios foram muito importantes na candidatura de Sintra a Património Mundial/Paisagem Cultural junto da UNESCO.

“Na Serra de Sintra, exuberante combinação de verdes de jardim e floresta, nevoeiro, penhascos e precipícios, coexistem edifícios de estilos arquitetónicos variados, desde serenos palácios e mosteiros setecentistas e oitocentistas às mansões de características neoárabes e neomanuelinas de finais de século XIX e princípio do século XX.”<sup>21</sup>

É neste concelho que fica o objeto de estudo, a Quinta da Ribafria, localizado na União das Freguesias de Sintra (UF Sintra), que congrega as antigas freguesias São Martinho, São Pedro de Penaferrim, Santa Maria e São Miguel, resultante da reorganização dos limites das freguesias ocorrida em 2013.<sup>22</sup> A Quinta da Ribafria localiza-se na antiga freguesia da Santa Maria e São Miguel.

<sup>21</sup> BARNET, Marcus (1987). *Os mais belos de Portugal*. Lisboa: Círculo das Artes.

<sup>22</sup> Relatório de <https://uniaoasfreguesias-sintra.pt/> [consultado em 30-01-2021].

### 1.2.2. Quinta da Ribafria

O primeiro registo da Quinta da Ribafria aparece quando o morgadio da torre de Ribafria foi instituído, em 1536, por Gaspar Gonçalves. Ela não foi sempre o conjunto arquitetónico e paisagístico que é nos dias de hoje, pois foi sofrendo várias alterações ao longo dos anos e com a mudança de donos que teve; as alterações que sofreu não foram só nos aspetos e formas dos edifícios, mas também na área que a quinta já teve em tempos. Existe a possibilidade do, ou dos terrenos em frente terem pertencido à família Ribafria. Segundo Caetano “Gaspar Gonçalves terá mandado ainda construir nas terras do seu casal fronteiro a Ribafria, uma pequena ermida...”<sup>23</sup>. (Ver figura 05).



Fig. 05, 06 e 07 – Existência de possível Torre antes das intervenções de Gaspar Gonçalves; Registo do Corpo A e do Tanque ao longo da Fachada; Registo dos Corpos A e B, intervenções de Jorge de Mello 2º Conde de Cartaxo. Fonte: BATALHA, Catarina Sofia Correia (2019). *Intervir no Património: (Des)conexão entre o novo e o existente. Reabilitação da Quinta da Ribafria em Sintra. Projeto final de Mestrado em Arquitetura, especialização em Interiores e Reabilitação da Edificação. Faculdade de Arquitetura Universidade de Lisboa.*

É difícil estabelecer uma cronologia da construção dos primeiros edifícios da quinta, devido à dificuldade na atribuição da obra a um autor, apesar da maioria dos estudiosos atribuir a reforma da Ribafria ao mesmo mestre-de-obras responsável pelo edificado do Paço do Cavaleiro em plena Vila (de Sintra).

<sup>23</sup> CAETANO, Maria Teresa (2000). *De Sotão em Sotão, Uma Pequena Antologia da Quinta da Ribafria (Sintra)*. Sintra: Oficinas de Património: Série História e Arte. 1. Eduspresa Editam. Pág. 28.

O edifício principal teria inicialmente dois andares, pois como refere Caetano, a "Arquitetura vernacular da região saloia, caracteriza-se pelo frequente desenvolvimento de dois andares para habitação..."<sup>24</sup>

"A torre está situada paradoxalmente, na base de uma colina e no meio de um matagal: não domina a paisagem nem defende qualquer posição"<sup>25</sup>; apenas servia para a comunicação com o seu parente residente na Penha Verde, pelo que esta torre é só de aparato. "Nos anos seguintes, e até meados do século XVI, Gaspar Gonçalves mandou edificar um palacete de erudita linguagem renascentista, cuja estrutura integra um torreão de inspiração medieval, muito ao gosto da época"<sup>26</sup>. Tendo sido construído no século XVI, "ainda pode ser considerado um solar da idade média, apesar de ter vários elementos decorativos e compositivos do Renascimento italiano."<sup>27</sup>

Para o corpo da torre e do edifício adjacente não existe uma data certa de construção, nem se foram feitos ao mesmo tempo, mas olhando para as espessuras das paredes de ambos, consegue-se ver que são de espessura diferente, o que, em teoria aponta para anos de construção diferentes.

Gaspar Gonçalves ainda mandou construir o tanque ao longo da fachada norte e a cisterna que capta a água que desce da serra e a distribui para o tanque e para a rega dos jardins da quinta. (Ver figura 06)

A torre tem apenas a intenção de mostrar a riqueza da família, através das suas proporções, riqueza que não se sabe ao certo como Gaspar Gonçalves adquiriu. A propriedade ficou na família Ribafria ao longo de várias gerações e através de registos históricos é possível apreender as diferentes intervenções que contribuem para as alterações do desenho arquitetónico da quinta ao longo do tempo.

Em 1880 a Quinta da Ribafria é adquirida por Joaquim Ferreira Braga, em hasta pública. O novo proprietário, de acordo com Marquês de Avila e Bolama, terá, "realizado obras de gosto duvidoso que desfearam o palácio." E também terá feito imensas obras no jardim, na procura de um tesouro trazido da Índia supostamente escondido na quinta.<sup>28</sup>

<sup>24</sup> CAETANO, Maria Teresa (2002). *Do Salento ao Sotão, Uma Praia Renascentista na quinta da Ribafria (Sotão)*. Sintra: Cadernos de Património: Sítio Histórico e Arte 1. Eduspess Editora. Pág. 83 e 86

<sup>25</sup> BIRNEY, Marcus (1987). *Os Reis Nôbres de Portugal*. Lisboa: Difel. Pág.

<sup>26</sup> <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-immovil/espacios-do-patrimonio/classificando-su-em-niveis-de-classificacao/guest/view/71688> (consultado em 01-02-2021).

<sup>27</sup> BIRNEY, Marcus (1987). *Os Reis Nôbres de Portugal*. Lisboa: Difel. Pág.

<sup>28</sup> CAETANO, Maria Teresa (2002). *Do Salento ao Sotão, Uma Praia Renascentista na quinta da Ribafria (Sotão)*. Sintra: Cadernos de Património: Sítio Histórico e Arte 1. Eduspess Editora.

Em 1902 a quinta é adquirida por Jorge de Mello, 2º conde de Cartaxo, que nela realizou obras em 1920, que consistiram na recuperação dos edifícios e reorganização dos espaços interiores. Sofreu várias alterações enquanto na posse dos Condes de Cartaxo; estas alterações foram desde modificações dos alçados até à alteração do programa da Quinta. Estas mudanças no programa da quinta podem ser analisadas quando se comparam os registos de 1871 e de 1959. Inicialmente a Quinta da Ribafria era composta por casa de habitação, celeiros, arribanas, lagar, casa da fonte, adegas, cisternas, oficinas, poço e tanque, mas o registo de 1959 só apresenta casa de habitação, dependência, casa de rés-do-chão, habitação do caseiro, garagem e vacaria. Estas mudanças aconteceram apesar do Conde de Cartaxo ter tentado preservar a quinta. (Ver figura 07)

Uma das grandes transformações que a Ribafria sofre é entre 1961 e 1962, quando Jorge de Mello altera o programa rural da quinta e das suas atividades primárias. Em 1959 o arquiteto paisagista Francisco Caldeira Cabral, realiza um levantamento dos jardins da quinta (figuras 8 e 9). O esboço do jardim histórico neorrenascentista e o desenho da paisagem pretendia devolver o "*Locus amoenus*" da Ribafria de acordo com o jardim de quinhentos.<sup>29</sup> "O projeto do jardim, plasmado ao gosto renascentista, foi amaciado com revalorização do cadinho, de inspiração barroca, fronteiro ao magnífico espelho de água, com a reformulação do jardim de buxo centrado por fonte circular, como era, alias, frequente encontrar neste tipo de propriedades..."<sup>30</sup>.

Em 1988, a família Mello vende a Quinta da Ribafria ao Instituto Progresso Social e Democracia Francisco Sá Carneiro (IPSD), que instalou na propriedade a Academia Liberdade e Desenvolvimento, ligada à Fundação Friedrich Naumman e criou um corpo edificado na quinta denominado de Corpo C<sup>31</sup>. Anos depois, o IPSD decide vender esta quinta. Esta acaba por ser adquirida pela Câmara Municipal de Sintra, em 2002, que manteve a propriedade até aos dias de hoje.

<sup>29</sup> CAETANO, Maria Teresa (2002). *Do Sotavento ao Sotavento, Uma Praça Renascentista na quinta da Ribafria (Sintra)*. Sintra: Cadernos de Património: Série História e Arte 1. Empresa Editora. Página 91.

<sup>30</sup> CAETANO, Maria Teresa (2002). *Do Sotavento ao Sotavento, Uma Praça Renascentista na quinta da Ribafria (Sintra)*. Sintra: Cadernos de Património: Série História e Arte 1. Empresa Editora. Página 91.

<sup>31</sup> CAETANO, Maria Teresa (2002). *Do Sotavento ao Sotavento, Uma Praça Renascentista na quinta da Ribafria (Sintra)*. Sintra: Cadernos de Património: Série História e Arte 1. Empresa Editora. Página 91.



**Figs. 08 e 09 – Esboço paisagista de 1959 de Caldeira Cabral e Planta da Quinta da Ribafria após inserção do Corpo C.**

**Fonte: Do Solum ao Solar.**

### 1.3. Casa Senhorial

A casa senhorial, em Portugal, surge com denominações variadas como, por exemplo, paço, solar, quinta, entre outras denominações. Ana Marta Feliciano, usa como referência o estudo de José Custódio Vieira da Silva sobre os Paços Medievais Portugueses onde se encontra, como fundamentação mais antiga o recurso aos vocábulos paço, sala e sobrado associados à ideia de casa senhorial. No caso da Ribafria foi atribuído a denominação de quinta para esta casa senhorial. A mesma autora ainda refere que "...a origem da habitação senhorial em Portugal parece ser assim o resultado de uma conjugação orgânica de distintos espaços matriciais de casa."<sup>32</sup>.

O termo casa senhorial aparece numa época em que se manifesta uma maior valorização do ser humano.<sup>33</sup> Surgem novos conceitos espaciais e formas de habitar, afastando-se da Idade Média.

Assim sendo, o paço passa a ser forma de habitação dos reis e dos membros da nobreza, como refere Carvalho, "O solar é uma construção arquitetónica mais ou menos importante, residência principal onde, em princípio, os senhores de uma propriedade rural habitavam..."<sup>34</sup>.

Os paços, no início foram construídos em pontos estratégicos do território, como refere Ana Marta Feliciano, "... associados directamente a notáveis características orográficas, quase sempre directamente associadas quer a potenciais pontos de defesa, quer a um genérico domínio visual do seu território circundante..."<sup>35</sup>, algo que não acontece na Quinta da Ribafria, estando esta localizada no meio de um matagal e na base de uma colina.

Entre os séculos XV e XVII surgem as quintas de recreio na Europa, consequentemente em Portugal, e que funcionaram como uma força no desenvolvimento da casa senhorial. Mas em comparação com outros países da Europa, as casas senhoriais portuguesas são pouco protegidas. Como refere Veiga, "Pertencentes à Coroa, nobreza ou fidalguia, estas

<sup>32</sup> FELICIANO, Ana Marta, LEITE, António Santos (2013). A Casa Senhorial – Osvo Matriz da Recôncórdia. Lisboa: Orléanscópio.

<sup>33</sup> Aguiar, Angela (2011). QUINTA DA RIBAFRIA – PASSADO PRESENTE E FUTURO. Uma proposta para a criação de um novo centro de arte contemporânea para Sintra, Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

<sup>34</sup> MARNEY, Marcos (1987). Casas Nobres de Portugal. Lisboa: Difel.

<sup>35</sup> FELICIANO, Ana Marta, LEITE, António Santos (2013). A Casa Senhorial – Osvo Matriz da Recôncórdia. Lisboa: Orléanscópio.

casas terão tido um percurso de proteção lento, iniciado com os primeiros processos classificativos pouco antes da implantação da República (junho de 1910) ...<sup>36</sup>.

As quintas de recreio foram originalmente construídas para servirem de segundas residências. Estas eram construídas em áreas rurais que, como Pires refere "... um lugar de deleite integrado num contexto rural..."<sup>37</sup>. Normalmente estas encontram-se em terrenos com excelentes condições para a produção agrícola, com o intuito de serem autossustentáveis.

As quintas de recreio conjugam o lazer com a produção agrícola, proporcionando o contraste entre a vida contemplativa e ativa.<sup>38</sup>

A Quinta "é um troço de paisagem, pertença de alguém que a cuida para produção, para ornamento, ou só para lazer, concentrando em algumas zonas composições de grande qualidade estética que de forma mais diluída, se espalham por toda a propriedade"<sup>39</sup>

Para Pires (2013), as quintas de recreio apresentam uma tipologia arquitetónica que na Vilegiatura de forma não exclusiva, tendo como características, propriedades agrícolas autossuficientes serviam como suporte da sua existência como espaços de lazer.<sup>40</sup>

"[...] a Vilegiatura, como sinónimo de lugar de deleite integrado num contexto rural, provém da cultura romana clássica, onde as famílias urbanas mais ricas mantinham a casa de campo com uma vocação mista de produção agrícola e lazer"<sup>41</sup>.

Pelas diversas fontes consultadas consegue-se perceber a importância que a paisagem tem para as quintas de recreio, considerando que os jardins são o elemento principal e a casa o elemento secundário apesar de este ser o elemento centralizador.

Neste tipo de construções havia ausência de corredores de comunicação entre os diversas salas, ou seja, a comunicação era feita diretamente entre as salas, que por consequência retirava a noção de privacidade.

---

<sup>36</sup> VEGA, Ana Maria (2020). *Vistos às Cegas!*

<sup>37</sup> Pires, Almirar (2013). *Quintas de Recreio em Portugal*. Ed. Caleidoscópio, Lisboa

<sup>38</sup> Sousa, A. (2012). *As quintas de recreio do séc. XVI em Portugal, a relação entre arquitetura, espaços verdes e recursos hídricos*. Dissertação de Mestrado em arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

<sup>39</sup> CASTEL-BRANCO, C., 2012. *Soneto com Notícias*. Lisboa: Edições Inapa. Pág. 13

<sup>40</sup> Pires, Almirar (2013). *Quintas de Recreio em Portugal*. Ed. Caleidoscópio, Lisboa.

<sup>41</sup> Pires, Almirar (2013). *Quintas de Recreio em Portugal*. Ed. Caleidoscópio, Lisboa. Pág.14

#### 1.4. Arte: produzir, mostrar, habitar

A ideia de explorar a arte na Quinta, surgiu devido a relação com Sintra. Como em Sintra existe uma grande paixão pelas artes e pela cultura, criou-se uma grande possibilidade de usar a Quinta como local de inspiração.

Arte, termo que vem do latim “ars”, que significa habilidade. Podemos tentar definir arte, mas acaba por ser incrivelmente difícil, pela variedade de definições que se pode encontrar. “Há inúmeras possibilidades de definição de arte. Não há como limitá-las a determinado estilo ou gosto. Variações conceituais foram atribuídas no tempo e no espaço.”<sup>42</sup>

Pode-se afirmar que a arte tem grande importância para a sociedade, visto que nesta estão expostas características culturais e históricas da sociedade. Por estes motivos pode-se assumir que a arte pode ser vista como o reflexo da existência do ser humano.<sup>43</sup>

Arte pode ser experienciada de várias maneiras, variando de pessoa para pessoa e mesmo uma única pessoa pode ter experiências diferentes, dependendo do estado emocional desta. Como Pessoa preferiu, “A ciência descreve as coisas como são a arte, como são sentidas, como se sente que são.”<sup>44</sup>

A arte sempre criou o seu próprio espaço para a sua exposição, sendo esta feita em ruas, palcos, museus e outros. “Podendo apropriar-se de qualquer espaço libertou-se finalmente do suporte para se basear nas ideias.”<sup>45</sup>

Cada vez mais, nos dias de hoje, os artistas necessitam menos das grandes instituições para exporem o seu trabalho e ficarem limitados ao que podem expor e quando é feita a exposição. Estes conseguem expor o seu trabalho com maior facilidade, com o aparecimento e crescimento das redes sociais no dia-a-dia da sociedade, mas o aparecimento desta não retirou a importância da arquitetura.

Um local de produção de arte não serve somente para a produção; também deve funcionar como espaço de intercâmbio de pessoas e ideias, o que também pode ser aplicado aos locais de exposição. Com isto consegue-se perceber a importância que os

<sup>42</sup> BARROCA, Margaret; MARTINS, Simone. O que é Arte. História das Artes, 2021. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/alterar/o-que-e-arte/>>. Acesso em 27 May 2021.

<sup>43</sup> <https://conceito.de/arte> [consultado em 23-04-2021].

<sup>44</sup> <https://www.citador.pt/assuntos/temas/tema-pessoa> [consultado em 30-12-2021].

<sup>45</sup> Simões, Mariana Pereira da Cruz Silva [2010]. Para além do Alentejo. O espaço da arte, das artes e arquitetura na cidade contemporânea. Projeto final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa. Pág. 33

centros de arte ou centros culturais têm para a sociedade. Pode dizer-se que os centros culturais são um instrumento importante para o desenvolvimento da sociedade. “E, nesse aspecto, o primeiro benefício é a inclusão de um povo na cadeia de produção cultural, sendo que até mesmo aquelas pessoas que se encontram excluídas do consumo das artes possam ter acesso a essas diversas atividades culturais.”<sup>46</sup>, mas um centro cultural pode ser visto como um espaço para desenvolvimento de artistas, proporciona-lhes um local onde possam trabalhar e expor as suas obras; não serve apenas para peças de arte como esculturas, pinturas, entre outros, também serve para outras demonstrações que podem ser consideradas arte, como dança, peças teatrais, eventos musicais, entre outros

Sabendo que o local de trabalho (atelier), já fez e continua a fazer parte da residência do artista, percebeu-se que a criação uma residência temporária para estes, não fugia muito a realidade de muitos artistas, e até é capaz de facilitar no processo criativo. Dado que a Quinta não se encontra na Vila de Sintra, mas sim entre duas aldeias (Cabriz e Lourel), onde há uma maior predominância da natureza face ao construído, o que pode ajudar os artistas no processo criativo. Utilizando esta informação e a do parágrafo anterior surge a ideia de criar uma residência para os artistas.

Após a aquisição da Quinta pela CM de Sintra, esta passou a realizar alguns eventos relacionados com a arte, como eventos de dança, música, entre outros.

---

<sup>46</sup> [https://www.cm-sintra.pt/pt/pt/area-de-trabalho/centros-culturais/](https://www.cm-sintra.pt/pt/pt/area-de-trabalho/centros-culturais) (consultado em 23-04-2021).

## 2. Contextualização da proposta de intervenção

Neste ponto falar-se-á sobre as várias transformações que os edifícios da Quinta da Ribafria sofreram a nível de alçados e de organização de interiores. Também serão apresentados os objetivos que se pretendem alcançar com este PFM. Os casos de estudo também serão apresentados, pois foram fundamentais para a elaboração do presente programa e de um projeto para o local de intervenção.

### 2.1. Análise e enquadramento da Quinta da Ribafria

Inicialmente a Quinta da Ribafria era denominada Quinta de Cabriz. Ainda com esta designação, já era vista como uma propriedade de relevância económica, devido aos vestígios estruturais mais antigos que foram encontrados.<sup>47</sup>

Entre os séculos XVI e XVII ela serviu de residência secundária, o que levou a uma vivência escassa, pelo que, durante este período não houve modificações.

A figura 10 mostra como seria o seu alçado após a sua construção no século XVI. Nas figuras 11 a 17 podem ser vistas as várias modificações que o alçado da quinta sofreu ao longo dos anos, pós século XVII, com os diferentes proprietários que teve.

As primeiras modificações a nível de alçado surgem no século XVIII (1731), com a reforma setecentista. Esta reforma acrescenta um sobrado à torre (ver fig.11 e fig.12), para responder às necessidades da altura. Caetano afirma que "... tal estrutura provocou um nítido desequilíbrio no conjunto edificado"<sup>48</sup>.

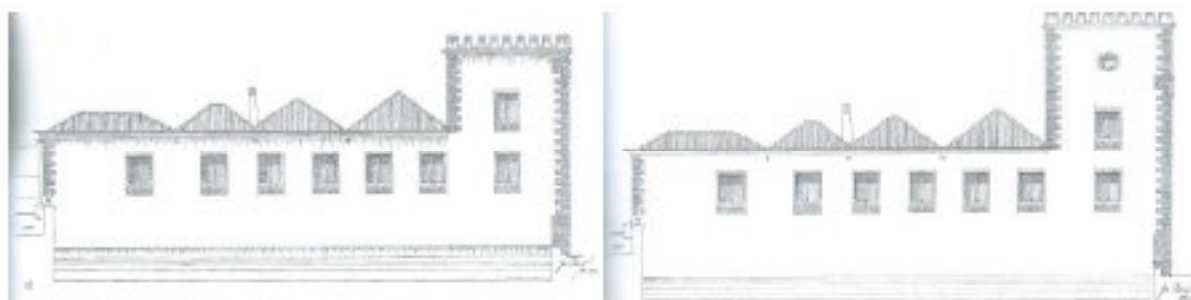
Quando esta passa a ser propriedade de Ferreira Braga, como já mencionado anteriormente (ponto 1.2), este realiza várias modificações consideradas de gosto dúbio. No que toca ao alçado, Ferreira Braga manda construir uns merlões no beirado do corpo A (ver Fig.13).

A família Mello realiza imensas modificações na quinta. No corpo A, no exterior a nível do alçado considerado frontal, percebem-se as várias alterações

<sup>47</sup> Aguiar, Augusto (2018). QUINTA DA RIBAFRIA – PASSADO PRESENTE E FUTURO. Uma proposta para a criação de um novo centro de arte contemporânea para Sintra, Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura.

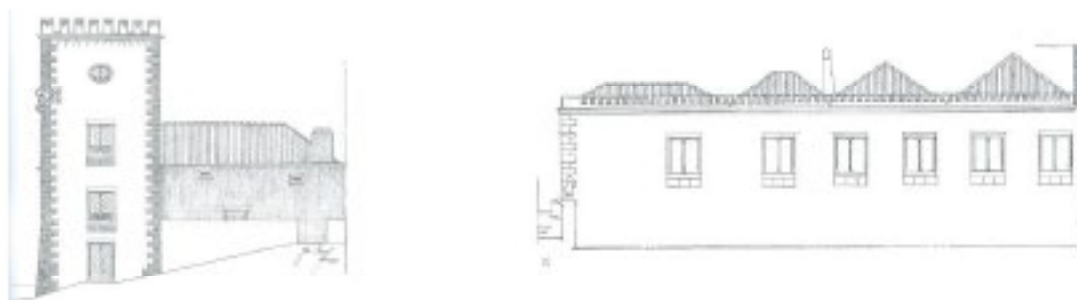
<sup>48</sup> CAETANO, Maria Teresa (2008). *Do Solter ao Soler, Uma Pivota Romantista na quinta da Ribafria (Sintra)*. Sintra: Cadernos de Património: Série História e Arte.1. Europress Editora. Pág.37

dos vãos dos pisos -1 e 3 e também a alteração da cobertura da torre, que passa a ter uma estrutura piramidal, o que, de certo modo, acentua a verticalidade da torre. Os vãos do piso -1 deixam de ser ovais e passam a ser retangulares. Também é realizada a abertura de quatro novos vãos, que permitem melhor iluminação dos vários espaços do piso -1 [ver figuras 16 e 17].



Figs. 10 e 11 – Alçados cerca de 1542 e depois da reforma setecentista. (Desenhos de João Oliveira).

Fonte.: Do Solum ao Solar.



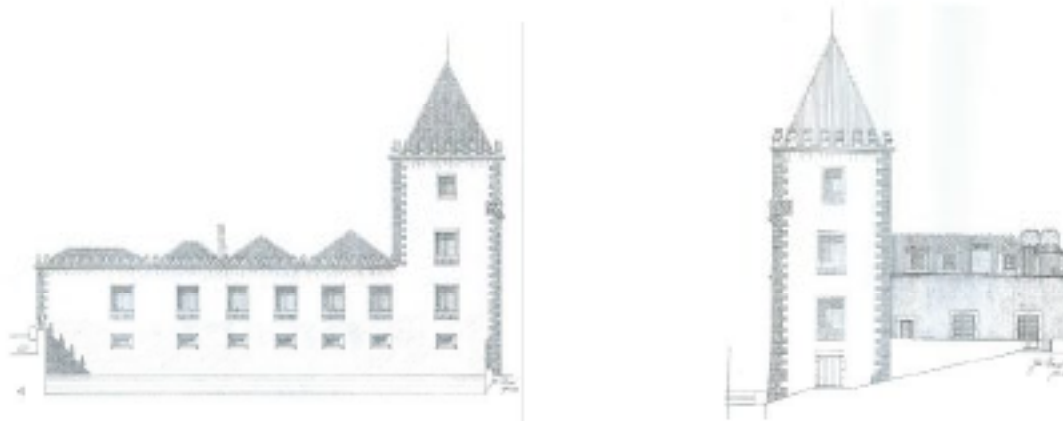
Figs. 12 e 13 – Alçados após reforma setecentista e após reforma tardo-oitocentista. (Desenhos de João Oliveira).

Fonte.: Do Solum ao Solar.



Figs. 14 e 15 – Alçados depois das obras do Conde de Cartaxo. (Desenhos de João Oliveira).

Fonte.: Do Solum ao Solar.



Figs. 16 e 17 – Alçados após intervenção de Jorge de Mello. (Desenhos de João Oliveira)

Fonte.: Do Solum ao Solar.

No que respeita às transformações interiores sabe-se que Jorge de Mello mandou realizar várias obras de remodelação, como se pode ver nas figuras 20 e 21. Os dois pisos da torre foram compartimentados, e construídas instalações sanitárias e uma passagem interior de acesso ao piso superior. Sobre estas remodelações Pires diz, “O podium de sustentação das casas térreas foi rompido e, para o lado norte, o espaço foi iluminado por óculos ovais similares aos do último piso da torre. A cozinha, a despensa e outras áreas de trabalho transferiram-se para a cave.”<sup>48</sup> (ver figura 19).

O neto de Jorge de Mello escolhe a quinta para a sua habitação principal e entrega aos arquitetos João Andrade e Sousa e Diogo de Mello a reabilitação do corpo B. Pires refere algumas das alterações feitas na nesta reabilitação “... incluindo uma ligação subterrânea da cozinha e uma outra sobrepujada a um arco que unia os dois corpos (A e B), facilitando a circulação interior, ao nível nobre e da área de serviço...”<sup>49</sup> (ver figura 22).

Por volta dos anos 60, houve mais uma tentativa de recuperar os interiores do corpo A de forma a terem a sua configuração inicial, como está descrito no tombo quinhentista. O arquiteto Vasco Regaleira ficou responsável por esta recuperação (ver figuras 22 a 25). Na antiga cozinha do solar, que o avô de Jorge Mello havia transformado em vestíbulo, este mandou pintar as armas de Ribafria, inspiradas no brasão, no teto de cabotão a imitar madeira e desta cozinha foi retirada uma grande chaminé.

A sala de jantar encontra-se paralela à antiga cozinha a poente, e corresponde à antiga casa das mulheres e a uma despensa. Esta foi dividida em várias salas onde Jorge de Mello

<sup>48</sup> Pires, Almirar (2016), *A Villa Renascentista, Arquitetura, Jardim e Paisagem*. Ed, Caleidoscópio, Lisboa  
<sup>49</sup> Pires, Almirar (2016), *A Villa Renascentista, Arquitetura, Jardim e Paisagem*. Ed, Caleidoscópio, Lisboa

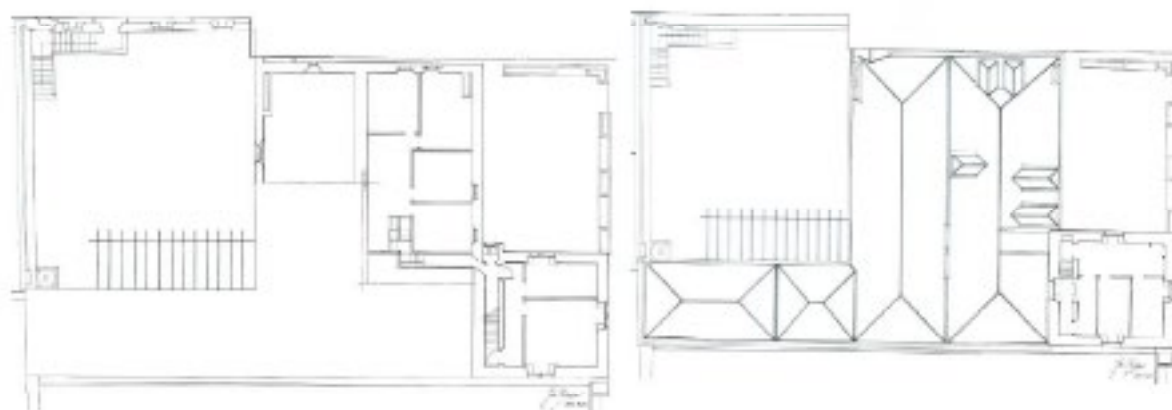
mandou demolir algumas paredes na tentativa de recuperar a antiga amplitude do espaço. Também foi criada uma passagem interior direta da biblioteca para a sala de jantar, assim como houve uma escada demolida que daria acesso ao piso superior, que agora passa a ser acedido pelo vestibulo.

Estes não foram os únicos espaços que sofreram alterações enquanto a quinta esteve na posse dos Condes de Cartaxo; algumas das intervenções feitas tinham o intuito de desenvolver o programa inicial da quinta.



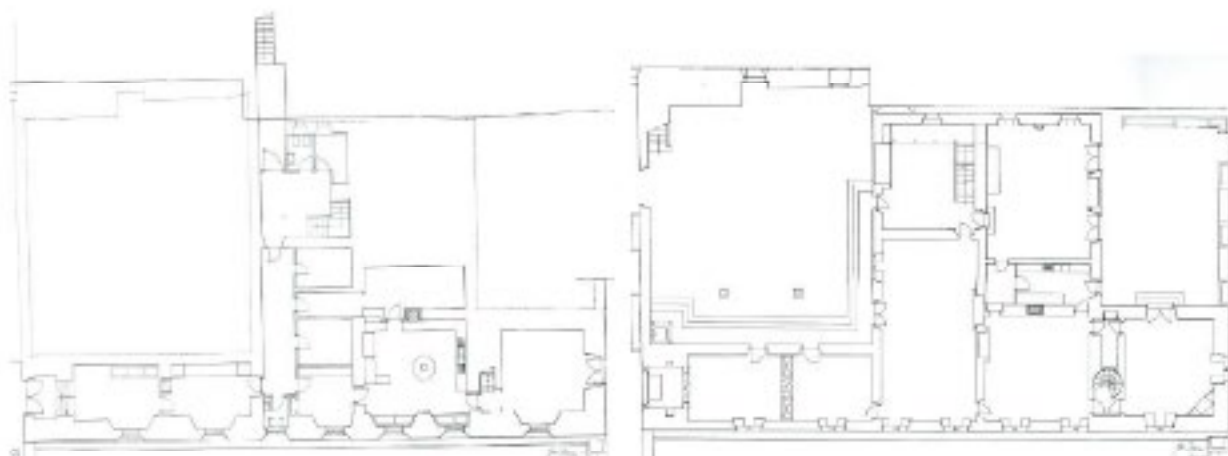
Figs. 18 e 19 - Plantas da Cave e piso térreo antes das intervenções de 1960. (Desenhos de João Oliveira)

Fonte: - Do Solum ao Solar



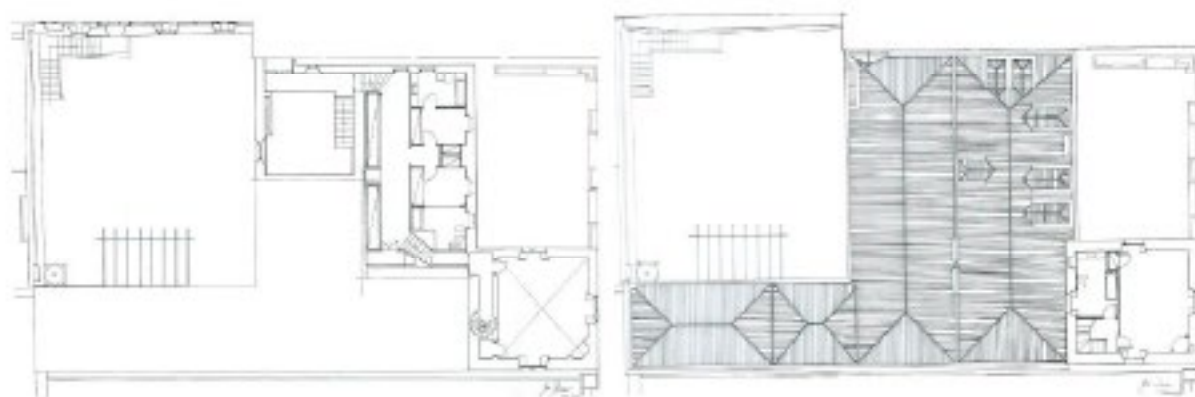
Figs. 20 e 21 - Plantas do primeiro e segundo pisos antes das intervenções de 1960. (Desenhos de João Oliveira)

Fonte: - Do Solum ao Solar.



**Figs. 22 e 23 – Plantas da Cave e piso térreo após reforma de 1960 por Jorge Mello. [Desenhos de João Oliveira]**

**Fonte.: Do Solum ao Solar.**



**Figs. 24 e 25 – Plantas do primeiro piso e segundo piso após reforma de 1960 por Jorge Mello. [Desenhos de João Oliveira]**

**Fonte.: Do Solum ao Solar.**

## 2.2. Objetivos e estratégias de intervenção na Quinta

Nesta proposta de projeto final de Mestrado pretendem-se alcançar alguns objetivos que foram considerados importantes. O objetivo central é o de devolver a Quinta da Ribafria à sociedade, o que será alcançado restaurando os edifícios da quinta e melhorando os espaços exteriores, mantendo a traçado original. Este objetivo central será alcançado através de dois objetivos específicos que a seguir se apresentam:

- Dar uso aos corpos A, B e C, restaurando e reabilitando. No corpo A o programa proposto é a transformação dos espaços interiores existentes, sem alterar a sua configuração atual, transformando estes em espaços polivalentes. A torre será um espaço de exposição permanente que servirá para mostrar como se vivia nas torres na altura. A capela será mantida com a mesma função. O espaço polivalente será para uso dos artistas que habitarem, temporariamente, o corpo B e usarem este espaço para expor as suas obras de arte, performances de dança, entre outros. O corpo C passa a ser para *workshops* e salas de reuniões e ainda é proposto um novo corpo por trás do edifício C, que também será um espaço usado pelos artistas que estejam na quinta.
- Devolver a quinta à sociedade, melhorando os seus espaços exteriores, de modo que estes possam ter um melhor aproveitamento e sejam mais apelativos. Para isto é proposta a criação de espaços para atividades variadas de lazer, desde a prática de desporto a piqueniques. Na área mais arborizada (na colina a sul), o conceito *shinrin-yoku*<sup>22</sup> será implementado;

A melhoria dos espaços exteriores, a reabilitação e o restauro dos edifícios, não é suficiente para devolver a quinta à sociedade.

---

<sup>22</sup> *Shinrin-Yoku* – Consiste em criar um percurso pela floresta interior que uma pessoa possa entrar e sair este para relaxar. Conceito japonês que traduzido significa Banho de Floresta. Surge nos anos 80 no Japão.

## 2.3. Casos de Referência

Para o estudo do projeto e para a realização de um programa para a Quinta da Ribafria serão apresentados neste ponto uma variedade de casos de estudo, uns mais focados nas quintas e na reabilitação/e ou conservação das mesmas e outros mais virados para necessidades de um centro multidisciplinar vocacionado para as artes.

### 2.3.1. Quinta do Bom Pastor

#### Projeto de Restauração

Autor / Arquiteto: Nuno Valentim

Âmbito de utilização: Adaptação de usos

Data de reabilitação: 2017

Localização: Buraca, Lisboa, Portugal



Figs.: 26 e 27 - Quinta do Bom Pastor

Fonte: [https://www.archdaily.com/906154/adaptive-reuse-of-the-palace-da-quinta-do-bom-pastor-nuno-valentim?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_projects](https://www.archdaily.com/906154/adaptive-reuse-of-the-palace-da-quinta-do-bom-pastor-nuno-valentim?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects)

A Quinta do Bom Pastor, ou Quinta da Buraca como era inicialmente conhecida, está localizada na freguesia da Buraca no concelho da Amadora, desde o ano 1712, embora a configuração atual do conjunto só se terá consolidado na segunda metade do século XVII. No século XX esta é adquirida pela CM de Lisboa, sendo mais tarde vendida ao Patriarcado de Lisboa.

A restauração da Quinta do Bom Pastor, consistiu na adaptação do palacete para a sede de conferências episcopais.

O palacete desta é *“...de uma casa nobre de traçado pombalino, com um jardim formal barroco, e os seus tanques e fontes, que configura uma opção setecentista de residências de campo, com algumas soluções românticas, resultado das múltiplas intervenções. O conjunto contou com diversas intervenções ao longo dos anos, tanto a nível estrutural como decorativo, que detêm influência no aspeto atual do edificado.*

*No projeto de reabilitação e restauro mais recente, procurou-se preservar alguns dos elementos originais do edifício como as cantarias, balaustradas em pedra e gradeamentos em ferro. Existiu ainda a preocupação de reintegração de materiais idênticos aos existentes. Recorreu-se à análise integral do edifício, e não apenas às áreas a restaurar, para que fosse, por exemplo, possível obter informações acerca da paleta de cores original. O jardim desta assemelham-se ao da quinta da Ribafria, sendo uma das riquezas da quinta. O jardim de buxo, curiosamente, recebe uma das fachadas laterais da casa e não a principal como em Ribafria, o que produz dinâmicas distintas na apropriação e distribuição dos espaços interiores. Talvez seja mesmo nos espaços exteriores e na relação com a natureza que esta quinta se aproxima do ambiente da Quinta da Ribafria. A forma como a natureza entra em interação com os espaços interiores da casa, é uma das características predominantes deste conjunto, tal como em Ribafria.”<sup>32</sup>*

Apesar desta quinta não estar classificada como património, este caso de estudo aplica-se ao trabalho que se propõe para a Quinta da Ribafria, já que mostra como preservar e restaurar a decoração dos espaços interiores, e pela preocupação que existiu na recuperação dos jardins desta, como se pretende fazer nos jardins da Ribafria.

---

<sup>32</sup> Reabilitar Paços e Quintas Nobres, Projeto de Património: QUINTA DA RIBAFRIA, SIRTRA

### 2.3.2 Quinta da Bacalhoa

Autor/ Arquitecto: Juan Batista Toledo

Utilização Inicial: Quinta

Utilização atual: Quinta

Época de Construção: Seculo XV, XVI e XVII

Localização: Setúbal, Portugal



Figs.: 28 e 29 – Quinta da Bacalhoa

Fontes.: Google Image

Existiram outras designações para a Quinta da Bacalhoa, que foram usadas ao longo do tempo. A primeira designação foi a de Villa Feyxe. Outras designações se seguiram, tais como: Palácio dos Albuquerque, Quinta do Bacalhau, Quinta da Condestabessa e Vila Fraiche, Frêche ou Fresca.<sup>53</sup>

Ao longo dos séculos a Quinta da Bacalhoa sofreu inúmeras alterações. Hoje em dia é difícil distinguir as intervenções originais feitas pelos Albuquerque, das intervenções posteriores. O Infante D. João, em 1427 mandou construir uma das casas de que hoje ainda restam vestígios de algumas abóbadas ogivais.<sup>54</sup>

A ocupação das áreas da quinta, muito semelhantes, quase idênticas às da Ribafria: um palácio, horta, pomar e mata. Existe também um tanque.<sup>55</sup>

<sup>53</sup> <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-immov/pesquisa-do-patrimonio/classificando-o-patrimonio-cultural-de-classificacao/geral/vicos/702-12/> [consultado em 20-02-2021].

<sup>54</sup> <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-immov/pesquisa-do-patrimonio/classificando-o-patrimonio-cultural-de-classificacao/geral/vicos/702-12/> [consultado em 20-02-2021].

<sup>55</sup> Aguiar, Ângela (2020). *QUINTA DA RIBAFRIA – PASSADO PRESENTE E FUTURO*. Livro preparado para a criação de um novo centro de arte contemporânea para Sintra, Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa. Pág.33

No final dos anos 20 do século XX a quinta encontrava-se em ruína total pois a "... arcada do pátio desmoronara, o telhado da ala setentrional caíra e a galeria dominando o canteiro jazia despedaçada no solo, embora os azulejos das paredes permanecessem indemnes."<sup>56</sup>

O programa que foi aplicado nesta (Arte, Vinho, Paixão), inspirou um programa semelhante a implementar na Ribafria usando somente a arte, incorporando exposições artísticas e também um local de possível produção de arte.

---

<sup>56</sup> BARNET, Marcus (1987). *Quinta Melvros de Portugal*. Lisboa: Bifel.



A quinta apresenta uma planta composta pelo núcleo primitivo, de planta em U e por uma ala retangular e os edifícios apresentam uma volumetria articulada.<sup>62</sup>

Ao contrário da Ribafria, a capela da Quinta de Manique apresenta uma entrada independente aberta para a via pública. Na Ribafria a capela tem entradas independentes, mas não dão acesso a via pública pois, estão viradas para um pátio interior.

Esta quinta também apresenta um tanque de água, tal como na Ribafria com a diferença de nesta última ser no alçado frontal e nesta estar no alçado tardoz.

Os jardins da Quinta de Manique eram entendidos como espaços a serem vividos e fruídos pelos moradores. Em 2009 passa a ser classificada como imóvel de interesse público.

---

<sup>62</sup> [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_Pages/objeto/SIPA.aspx?id=4827](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_Pages/objeto/SIPA.aspx?id=4827) [consultado em 15-03-2021].

#### 2.3.4. Arquipélago – Centro de Arte Contemporânea

Autor/ Arquitecto: Menos é Mais Arquitectos, João Mendes Ribeiro

Utilização: Centro de Arte Contemporânea

Época de Construção: 2014

Localização: Ribeira Grande, Açores, Portugal



Figs.: 32 Arquipélago

Fontes: [https://www.archdaily.com/597622/arquipelago-nil-contemporary-arts-centre-menos-e-mais-arquitectos-joao-mendes-ribeiro-arquitecto?ad\\_source=search&ad\\_medium=projects\\_tab](https://www.archdaily.com/597622/arquipelago-nil-contemporary-arts-centre-menos-e-mais-arquitectos-joao-mendes-ribeiro-arquitecto?ad_source=search&ad_medium=projects_tab)

É um projeto multidisciplinar cuja missão é disseminar, criar e produzir uma cultura emergente: um espaço de troca de conhecimento entre pessoas.<sup>63</sup>

Pode-se ver que o design do Arquipélago mantém o caráter industrial do edifício e realça o diálogo do preexistente (fábrica) com o novo. A identidade deste é obtida pela “quiet variation” entre o preexistente e o novo. Como refere Agostinho, “Construída em betão, distingue-se pela variação de texturas e rugosidades das superfícies...”<sup>64</sup>.

Na conceção deste projeto houve preocupação com a sustentabilidade do edifício, que está marcada pela sua materialidade. *“The aspects of the sustainable performance of the buildings were addressed through its materiality (structures, infrastructures) and the absorption of the existing handcrafted knowledge enriched by its timeless way of building. The sustainable measures adopted are passive systems that seek to provide comfort for*

● <http://arquipelagocontemporaryartscenter.gov.pt/pt/pt/arquipelago-contemporary-arts-centre-menos-e-mais-arquitectos-joao-mendes-ribeiro/> (consultado em 22-09-2023).

<sup>63</sup> Agostinho, Angela (2016). *QUINTA DA MESAQUITA – PASSADO PRESENTE E FUTURO*. Uma proposta para a criação de um novo centro de arte contemporânea para Sines, Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa. Pág. 47

*the users: the density of the concrete walls offer inertia and energy efficiency; the rainwater is reused.*<sup>63</sup>

Na Ribafria procura-se implementar um programa semelhante ao do Arquipélago, que é o de criar “um espaço dedicado ao desenvolvimento de conhecimentos, à formação, à comunicação e à responsabilidade social. A sua agenda de eventos visa sensibilizar para a arte e cultura contemporâneas e incentivar a criatividade e a produção nos Açores, em particular através de projetos comunitários multidisciplinares.”<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup> <https://www.scribd.com/document/387522/Arquipelago-n-o-contemporary-art-centre-2008-e-2010-architectos-joao-mendes-ribeiro-estudio> [consultada em 22-09-2021].

<sup>65</sup> <https://www.a3region.com/pt/pt/pt/projetos/estudo/arquipelago-a-contemporary-art-centre-2008-2010-01> [consultada em 22-09-2021].

### 2.3.5. Olivier Debré Contemporary Art Center (CCCCO)

Autor/Arquiteto: Aires Mateus

Utilização: Centro de Arte Contemporânea

Época de Construção: 2016

Localização: Tours, França

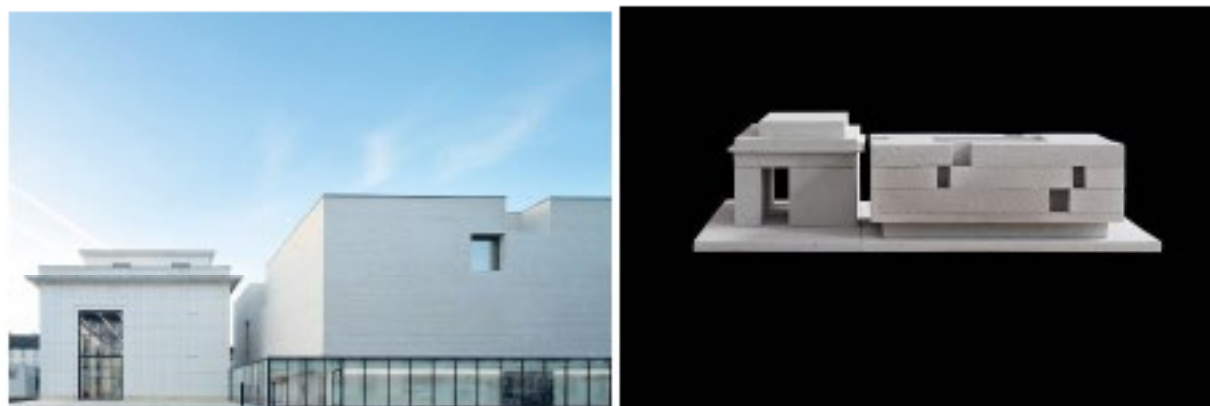


Fig.: 33 e 34 – Alçado e uma Maquete do CCCCCO

Fonte: [https://www.archdaily.com/907143/olivier-debre-contemporary-art-center-aires-mateus?ad\\_source=myarchdaily&ad\\_medium=bookmark-show&ad\\_content=current-user](https://www.archdaily.com/907143/olivier-debre-contemporary-art-center-aires-mateus?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user)

Este projeto surge de um concurso internacional que propunha a transformação da *'école des beaux-arts'*.

A ambição do programa proposto pelo arquiteto é o respeito e o diálogo com o denso centro histórico e a conservação das características do edifício existente, mas em simultâneo propunha uns vazios de grande escala para as novas exposições, bem como uma relação aberta com a cidade. Existe uma grande ambição no projeto que é a clarificação dos componentes de construção e a relação recíproca entre o contexto urbano e o programa que terá.<sup>67</sup>

Pode-se observar a existência de dois volumes, que correspondem a dois momentos distintos: um volume corresponde ao preexistente, que é isolado e preservado para

<sup>67</sup> [https://www.archdaily.com/907143/olivier-debre-contemporary-art-center-aires-mateus?ad\\_source=myarchdaily&ad\\_medium=bookmark-show&ad\\_content=current-user](https://www.archdaily.com/907143/olivier-debre-contemporary-art-center-aires-mateus?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user) (consultado em 22-09-2023).

intensificar o seu valor simbólico; o novo volume nasce ao lado deste, sobreposto ao antigo com a ausência de escala e tempo.<sup>69</sup>

Apesar de estar localizado num centro histórico, uma realidade diferente da Quinta da Ribafria, este projeto foi escolhido como caso de estudo pela relação que o arquiteto fez entre preexistente e o novo corpo, que pode ajudar na relação que se pretende fazer na Ribafria.

---

<sup>69</sup> [https://www.archdaily.com/607263/inicio-de-obra-entre-antigo-e-novo-em-ribeira-de-leite-notas2nd\\_source=archdaily&utm\\_medium=bookmark&utm\\_campaign=content-overview](https://www.archdaily.com/607263/inicio-de-obra-entre-antigo-e-novo-em-ribeira-de-leite-notas2nd_source=archdaily&utm_medium=bookmark&utm_campaign=content-overview) [consultado em 22-09-2021].

### 2.3.6. Centro de Artes Los Nogales

**Autor/ Arquitecto:** Taller de Arquitectura de Bogotá (TAB)

**Utilização:** Centro de Arte Contemporânea

**Época de Construção:** 2009

**Localização:** Bogotá, Colômbia



Fig.: 34 e 35 – Centro de Artes Los Nogales

Fontes.: <https://tab.net.co/centro-de-artes-los-nogales/>

O edifício apresenta uma relação interessante entre o primeiro piso, que é utilizado para a prática de música e dança e o segundo piso, que é usado para as artes plásticas. Estes dois pisos estão conectados por uma generosa e grande escadaria, que também pode ser utilizada como espaço para reuniões, performances e exposições.

Houve certa preocupação na escolha dos materiais que seriam usados para o revestimento do edifício (exterior e interior); para uma grande parte do exterior foi usado o tijolo para que haja uma integração com os edifícios existentes; na grande escadaria foi usada madeira 'zapón' e tubos coloridos na fachada superior. Os interiores das salas, dedicadas às práticas de música foram revestidos a madeira (pavimentos, paredes e teto), com alguns painéis de absorção sonora e salas dedicadas à prática das artes plásticas receberam um acabamento de tinta branca e também uma generosa quantidade de luz zenital que ajudam na maximização da luz natural que estas recebem.<sup>69</sup>

<sup>69</sup> <https://tab.net.co/centro-de-artes-los-nogales/> [consultado em 01-10-2023].

O programa que se pretende implementar na Ribafria, é muito semelhante a este, sendo um centro de arte multidisciplinar. Este caso de referência pode ajudar na melhor distribuição das salas e os acabamentos interiores que podem ser usados para estes centros.

## 2.3.7. Moorish Wall

**Autor/ Arquitecto:** Antonio Jiménez Torrecillas

**Época de Construção:** 2006

**Localização:** Granada, Espanha



**Fig. 36, 37 e 38 – Moorish Wall**

**Fontes:** [https://www.archdaily.com/691542/moorish-wall-in-alto-albaicin-antonio-jimenez-torrecillas?ad\\_source=search&ad\\_medium=projects\\_tab](https://www.archdaily.com/691542/moorish-wall-in-alto-albaicin-antonio-jimenez-torrecillas?ad_source=search&ad_medium=projects_tab)

O arquiteto Antonio Jiménez Torrecillas, faz a restauração da muralha Moura, intervindo nos espaços em que esta já não existe. Esta restauração é duas fases: a preservação da paisagem; e a restauração da muralha.

A primeira parte para o projeto da Quinta da Ribafria não é muito importante por se tratar de paisagens que diferem muito uma da outra.

A restauração da muralha tem o intuito de dar uma continuidade visual da extensão desta, e de certa maneira devolver um limite histórico da região e proteger as partes originais restantes. "From afar, the new part matches its appearance with the rest, respecting its linear sequence, while on a close look, it differs strongly from the original wall."<sup>70</sup>

<sup>70</sup> [https://www.archdaily.com/691542/moorish-wall-in-alto-albaicin-antonio-jimenez-torrecillas?ad\\_source=search&ad\\_medium=projects\\_tab](https://www.archdaily.com/691542/moorish-wall-in-alto-albaicin-antonio-jimenez-torrecillas?ad_source=search&ad_medium=projects_tab) [consultado em 04-12-2023].

A presença sólida e massiva da muralha estruturalmente é desnecessária, por este motivo o arquiteto decidiu que o interior fosse vazado permitindo que fosse um espaço de passagem.

Esta nova estrutura é feita pelo empilhamento de 'stone slabs' um por cima da outra, mas de maneira a deixar alguns vazios aleatórios, que permitem ver a cidade por dentro. Sendo esta uma abordagem que será recriada na Quinta da Ribafria.

### 2.3.8. Suochengli Neighborhood Library.

**Autor/ Arquiteto:** Vector Architects

**Utilização:** Biblioteca

**Época de Construção:** 2017

**Localização:** Yantai, China



**Fig. : 39 e 40 – Suochengli Neighborhood Library**

**Fontes.:** <http://www.vectorarchitects.com/en/projects/39>

O projeto em questão é uma reabilitação de uma biblioteca que se encontra num típico pátio chinês. O foco principal deste foi de criar uma relação harmoniosa entre o antigo e o novo.<sup>71</sup>

O objetivo desta reabilitação foi de reaproveitar o espaço dando outras funções que servem a comunidade. Estabeleceu um sistema de claustro, que dividiu o pátio em várias secções mais pequenas. Na entrada o claustro abre-se para o *alley of Suochengli neighborhood*. Este claustro também serve para proteger das condições climatéricas adversas. Foram usados alguns novos materiais como: aço resistente, que foi usado na estrutura, entre outros, mas foi dada mais importância ao aço por estar muito presente no projeto.<sup>72</sup>

*“We believe that the architecture of our time should, in an intelligent way, reveal and reactivate the historical assets and local cultures. The library would retain both the*

<sup>71</sup> <http://www.vectorarchitects.com/en/projects/39> [consultado em 14-12-2021].

<sup>72</sup> <http://www.vectorarchitects.com/en/projects/39> [consultado em 14-12-2021].

*lifestyle and pace of the local community, while serving as a practice of contemporary culture and aesthetics of modern society. Within the space, where a dialogue between the new and the old would be cultivated, the energy and vitality from local communities could be stimulated, further contributing to the knowledge production and dissemination as well as space sharing.*<sup>73</sup>

Como na Quinta da Ribafria, houve a preocupação de criar uma relação harmoniosa entre o novo e antigo. E apesar de não ter sido proposto um claustro, foi proposto uma pala que terá a mesma função que o claustro usado no projeto referido.

---

<sup>73</sup> <http://www.vestiar architects.com/en/projects/39> [consultada em 14-12-2021].

### 3. Proposta de projeto

Neste capítulo apresenta-se a proposta de projeto para a Quinta da Ribafria considerando dois pontos fundamentais: a intervenção nos espaços exteriores e nos espaços interiores.

Toda a informação recolhida até este ponto foi decisiva na escolha do programa e nas estratégias de projeto adotadas.

As figuras 41 e 42 mostram a atual imagem da Quinta da Ribafria, onde se implementar o presente projeto.



Fig. 41 – Imagem da área da Quinta da Ribafria. Fonte.: Google Maps



Fig.: 42 - Imagem da área da Quinta da Ribeira. Fonte.: Google Maps

### 3.1. Definição do Programa

O programa deste projeto final de Mestrado procura dar a conhecer a história do lugar de modo a preservá-lo e devolver-lhe vida, porque atualmente se encontra meio abandonado e esquecido. Com a reabilitação do espaço, pretende-se devolver à sociedade um espaço de lazer, mas não só, um espaço onde possam aprender a história deste. Este programa está dividido em duas partes: uma, que se pode dizer mais pública, virada mais para usufruto do espaço pelas comunidades; uma outra que se irá considerar privada (Centro de Artes), no sentido de ser um local de trabalho/ criação (arte) e uma residência temporária. Esta separação foi feita propositadamente para que houvesse respeito pelo local de trabalho dos artistas que estejam a utilizar este.

No contexto de monumentos históricos situados em Sintra, a Ribafria enquadra-se muito bem nestes. *“A Quinta da Torre de Ribafria é um dos espaços patrimoniais mais emblemáticos de Sintra e um raro exemplo da cultura renascentista e das apetências quinhentistas numa busca do locus amoenus, na construção e idealização dos espaços como paraíso terrenal. É, só por isso, um património que deve merecer toda a atenção e empenho das entidades competentes na sua preservação e restauro.”<sup>24</sup>*

Com esta reabilitação pretende-se a valorização do espaço público (espaços exteriores, corpo A e biblioteca), de modo que estes possam ser aproveitados na sua totalidade a nível local, nacional e internacional. Propõe-se que o corpo A passe a ser museu de si próprio e os espaços exteriores funcionem como áreas de lazer de possível utilização variada como, por exemplo, eventos organizados pela Câmara Municipal de Sintra (CM Sintra).

A biblioteca, que se encontra no corpo B, será mantida como biblioteca da quinta com o objetivo de servir a comunidade e os artistas. Neste corpo existirá uma residência temporária para os artistas que queiram lá ficar.

No corpo C estará localizado o Centro de Artes, que pretende albergar uma diversidade de disciplinas artísticas, como música, dança, artes plásticas, entre outras. Este corpo

---

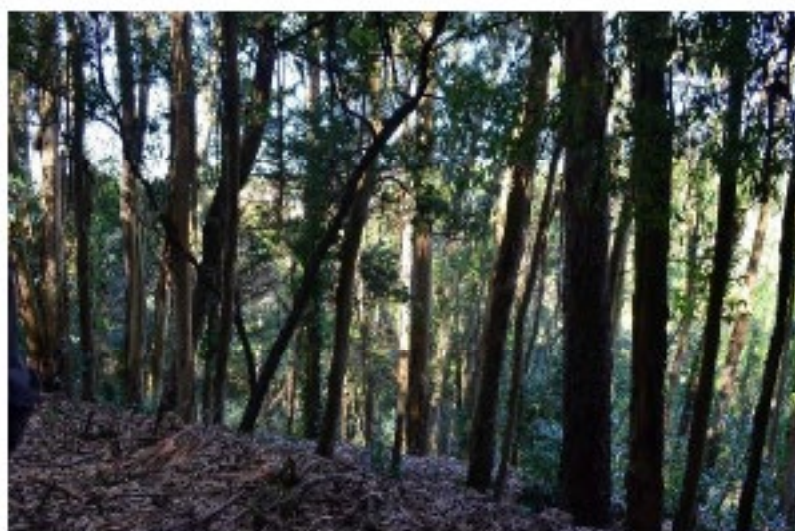
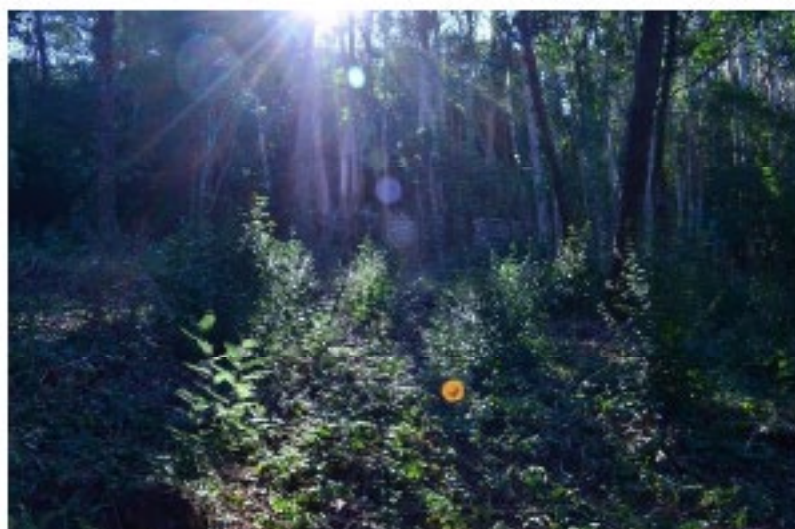
<sup>24</sup> ANDRÉ, Daniel, in <https://www.stgamarco.com/stgamarco-e-a-quinta-da-ribafria/>

estará dividido em dois edifícios: o edifício já existente e um a construir. As salas do edifício já existente serão usadas para exposições dos trabalhos realizados no centro. As salas de trabalho, como por exemplo, oficinas, ateliers e estúdios, estarão localizadas no edifício a construir.

O intuito deste programa é oferecer várias experiências aos diferentes utentes do espaço: no corpo A será oferecida a possibilidade de ver e aprender como era a vida nesta quinta ao longo da sua existência; o espaço exterior pretende apresentar o conceito de natureza, com os seus vários caminhos que levam a conhecer todos os cantos da quinta; o espaço para as artes pretende utilizar esta bela quinta como possível fonte de inspiração e um local de trabalho que possa oferecer alguma tranquilidade, enquanto se trabalha, algo que é muito procurado. O objetivo de implementar um centro de artes no programa é de expandir o alcance da quinta para além do âmbito nacional.

### 3.2. Espaços exteriores da Quinta

Pretende-se a requalificação dos espaços exteriores, para poderem ser usufruídos a nível comunitário, como acontece, por exemplo, nos jardins da Gulbenkian, entre outros. Os antigos pomares serão reativados como pomares e alguns dos espaços destes como jardins sensoriais e na área sul do jardim (na colina) será implementado o conceito 'shōrin-yoku', de forma a funcionarem como percursos alternativos de acesso à mãe de água (mina de água). Nas figuras 43 e 44 pode-se ver onde passarão os caminhos mencionados.



**Figs.: 43 e 44: Parte da serra de Sintra, zona sul da quinta. Fotografias da autoria de Tatiana Marques**

O atual campo de ténis que se encontra em mau estado e aparentemente desativado, será demolido para criar uma espécie de continuidade verde entre os limites da quinta. Este novo espaço terá bancos e mesas espalhados, que poderão ser usados como lugares de repouso ou locais para eventuais piqueniques. Este espaço verde terá uma área destinada a eventos organizados pela CM de Sintra, ou outra entidade que usufruir do espaço, o que já acontece atualmente, mas sem ter instalações próprias e sem local definido. Este espaço é servido por um edifício que são os balneários que serviam o campo de ténis, e que será aproveitado, e irá manter a sua função atual. Esta zona também terá como apoio um edifício já existente, mas que atualmente está completamente degradado; é o edifício da quinta que está em pior estado, faltando parte da cobertura.

Nesta área da Quinta ainda há registos de corpos de água (pequenas piscinas), intervenções feitas por Francisco Caldeira Cabral, arquiteto paisagista, que nos dias de hoje entraram em desuso, sendo possível que um destes corpos de água tenha sido tapado (ver figura 45 e 46) Estes pontos de água serão recriados e reativados por serem uma mais-valia para a Quinta e pela forte predominância do elemento água.



Figs.: 45 e 46: As 'piscinas' feitas por Francisco Caldeira Cabral. Fotografias da autoria do Autor

O edifício onde se encontram os balneários está semienterrado e a cobertura deste funciona como uma espécie de miradouro, o que será mantido (ver figuras 47 e 48).

Esta quinta tinha uma forte presença do elemento água, com a presença de várias fontes, uma mãe de água, uma cisterna que está desativada, e um tanque no alçado frontal do corpo A. Por isso, consegue-se perceber que a água é um elemento importante, pelo que existe o interesse de trazer este elemento de volta à quinta, com a reativação das fontes. Isto implica descobrir as levadas e as antigas canalizações, assim como a recuperação dos caminhos de água ao longo dos percursos, criando a possibilidade de ouvir-se o som da água quando se passeia por esta. Ao longo destes percursos serão colocadas pérgulas, que em tempos já existiram, mas que desapareceram, como se pode ver na imagens das figura 51 e 52. No pátio de entrada do corpo A, mais concretamente na entrada das capelas, também deviam ter existido pérgulas semelhantes, pois ainda se podem observar os pontos onde estas estariam como se pode ver nas figuras 20 e 21.



Figs.: 47 e 48: Balneários e cobertura dos balneários. Fotografias da autoria de Tatiana Marques



**Figs.: 49 e 50: Tanque do Algado Frontal da Quinta e interior da Mãe de Água. Fotografias da autoria de Tatiana Marques**



**Figs.: 51 e 52: Caminhos da Quinta. Fotografias da autoria de Tatiana Marques**



**Fig. : 53: Esquiza de possível proposta para a Quinta.**



**Fig. : 54: Esquiza de possível proposta para a Quinta.**

### 3.3. Edifícios da Quinta

Neste ponto, será explicado o projeto que se propõe para cada edifício da quinta, designados por corpos A, B e C

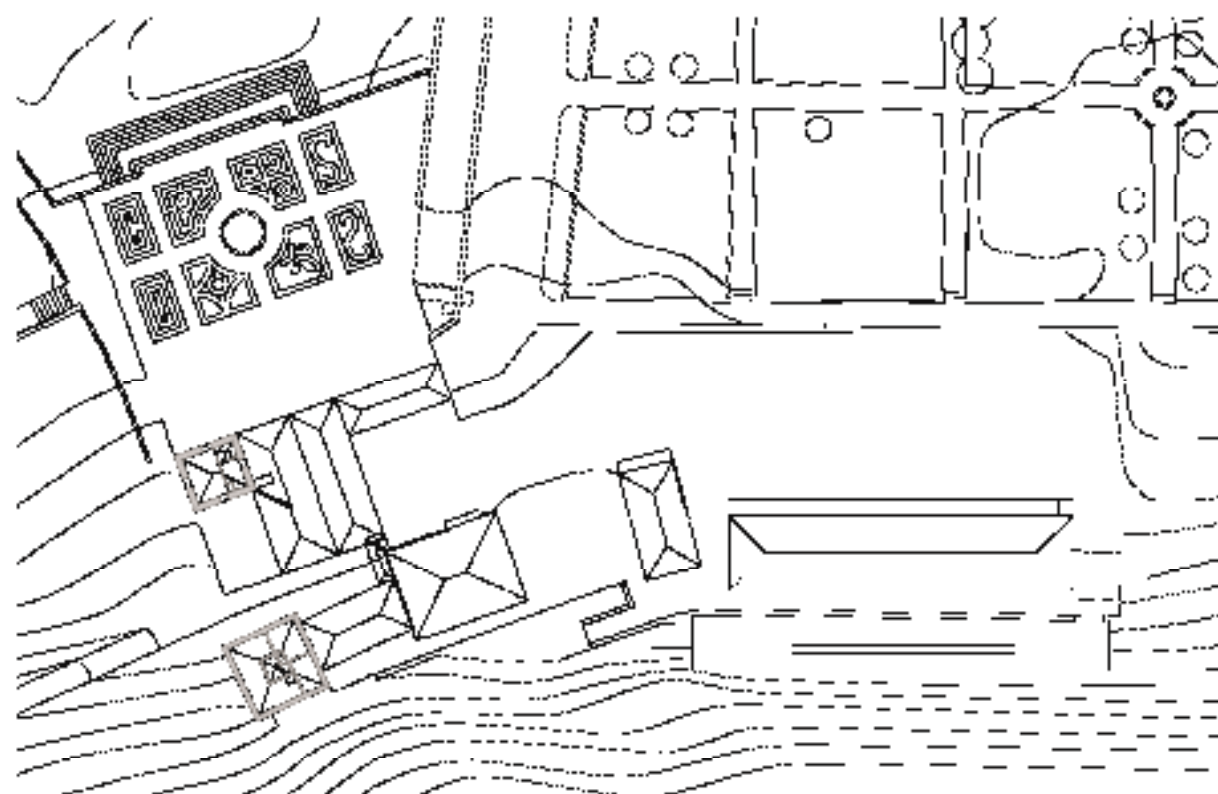


Fig.: 55 – Planta da Quinta

### 3.3.1. Corpo A

Este corpo é considerado o edifício principal da quinta e é um edificado protegido por estar classificado pela DGPC como IIP; logo não permite que sejam feitas alterações à sua imagem e forma exterior. Por isso optou-se por uma reabilitação mais conservadora, tanto no exterior como no interior.

A estratégia de reabilitação começa por um levantamento fotográfico do exterior e do interior. Este levantamento serve para uma melhor perceção onde será preciso realizar algum tipo de intervenção.



Fig.: 56: Alçado Frontal da Quinta. Fotografias da autoria de Tatiana Marques

No exterior deste corpo consegue-se ver que em algumas paredes houve desagregação do material por fatores não conhecidos. Nestes pontos será feito um preenchimento dessa falha com material mais adequado para este tipo de intervenção, mas este preenchimento não será feito de modo a criar um falso histórico. Pretende-se com esta abordagem distinguir o novo material do material original, o que pode ser feito de vários métodos diferentes, desde a pigmentação do novo material, ou criar uma certa profundidade mínima, entre outros. O

método escolhido foi o de deixar uma certa profundidade. Também existem florescências e filmes negros, situações que ocorrem por causa da humidade e pela infiltração das águas da chuva. Nestas situações proceder-se-á à limpeza das fachadas que tenham estas patologias, mas sem danificar a fachada original e procurar-se-á resolver a causa do problema.



Fig.: 57 e 58 – Patologias nas paredes exteriores. Fotografias da autoria do Autor



Fig.: 59 – Patologias nas paredes exteriores. Fotografias da autoria de Tatiana Marques

Nos dias de hoje este corpo está em obras de recuperação do edifício, como podemos ver nas figuras 60 a 63, que de um certo modo não correspondem às soluções propostas no PFM.



**Fig.: 60,61 e 62 – Novas intervenções. Fotografias da autoria do autor**



**Fig.: 63 – Novas intervenções. Fotografias da autoria de autor**

No interior os espaços irão manter a forma e distribuição existentes. Somente a utilização é que será diferente, passando a ser espaços polivalentes e de exposição, com

a exceção da capela que manterá a sua função. Propõem-se que a torre deste corpo passe a ser museu, com o intuito de mostrar como se vivia nas torres e em específico nesta torre. O piso da cave do edifício servirá como área técnica ou área de apoio a este com as suas novas funções. O piso de entrada e os outros (pisos dois e três), em termos de organização espacial não sofrem alterações. As intervenções previstas para estes estão mais focadas na reparação dos tetos decorados, melhoria da impermeabilidade da parede virada a norte, onde foram encontrados vários pontos danificados pela humidade que causaram criptoflorescências. Estas melhorias serão feitas pela impermeabilização da pedra pelo interior do edifício para não alterar o seu alçado, e as paredes também serão pintadas com as cores originais sempre que possível.

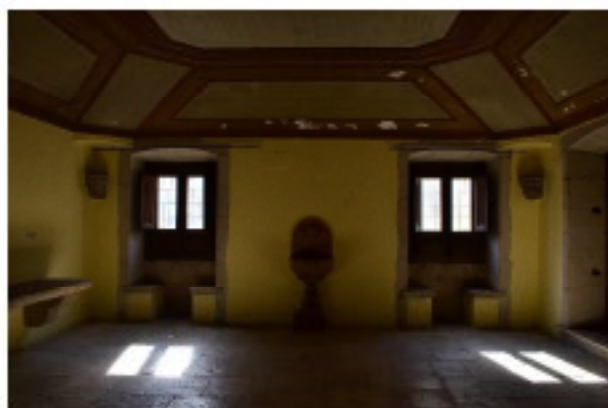


Fig.: 64, 65 e 66 – Patologias nas paredes e coberturas interiores. Fotografias da autoria de Tatiana Marques

Como já se referiu o exterior do edifício (corpo A) está a ser reabilitado, pelo que podemos assumir que existe a possibilidade de o interior do mesmo estar a passar pelas mesmas obras, mas sem poder obter fotografias para confirmar tal afirmação.

### 3.3.2. Corpo B

Este corpo, de apoio ao corpo A, servia originalmente de residência para a família que vinha de visita ou de férias. Também dispõe de uma pequena biblioteca e desenvolve-se em dois pisos (piso de entrada e primeiro piso).

O exterior deste terá um tratamento igual ao do corpo A, de maneira a ambos manterem a sua aparência exterior atual. Pode ver-se o atual estado de degradação do edifício nas figuras 67 e 68. Como sucede no corpo A, este corpo também está a sofrer obras de recuperação, que também não correspondem à proposta apresentada para o seu exterior (ver figura 69).



Fig.: 67, 68 e 69 – Antes e depois da intervenção que está a decorrer. Fotografias da autoria de Tatiana Marques e do Autor.

Propõe-se que continue a servir de residência, mas agora para artistas que estejam a utilizar o novo Centro de Artes, e que a biblioteca possa servir de apoio aos artistas presentes e à comunidade. Podem ver-se as alterações propostas nas figuras 70 e 71, e nas figuras 72 e 73 como irá ficar o corpo após ser intervencionado.

O espaço residência e o espaço biblioteca serão independentes um do outro, apesar de partilharem o edifício. A residência estará principalmente no piso de entrada e na parte mais a leste do edifício. Este já apresenta uma configuração espacial funcional para servir como residência, mas irá passar por algumas transformações na sua disposição como, por exemplo, demolição de algumas paredes e abertura de novos vãos de portas. Isto tudo com o intuito de aumentar o número de quartos disponíveis e tentar aumentar o seu conforto. O piso superior será a área de lazer da residência (salas de estar, sala de jantar e uma cozinha). Anteriormente este piso apresentava uma ligação, por um vão, com a biblioteca. Esta ligação devia de existir. Esta zona residencial pode ter acesso pelo piso de entrada para a zona dos quartos, e ao primeiro piso através de umas escadas que se encontram no pátio de entrada entre o corpo A e este.



Fig.: 70 e 71 – Amarelos e encarnados do Corpo B

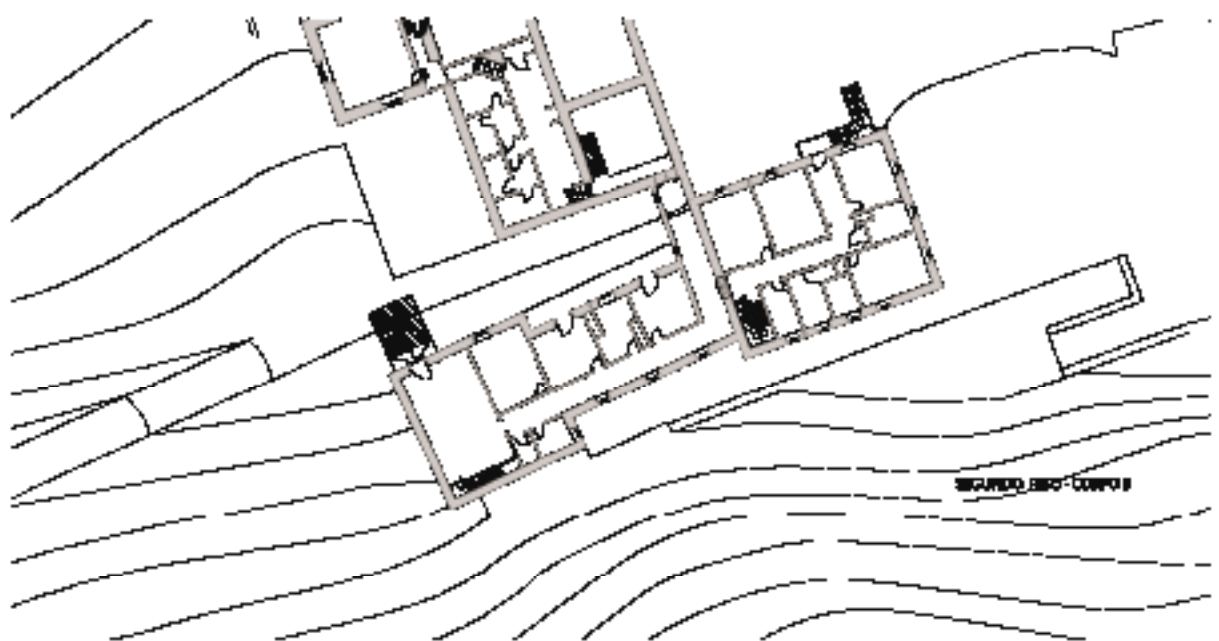
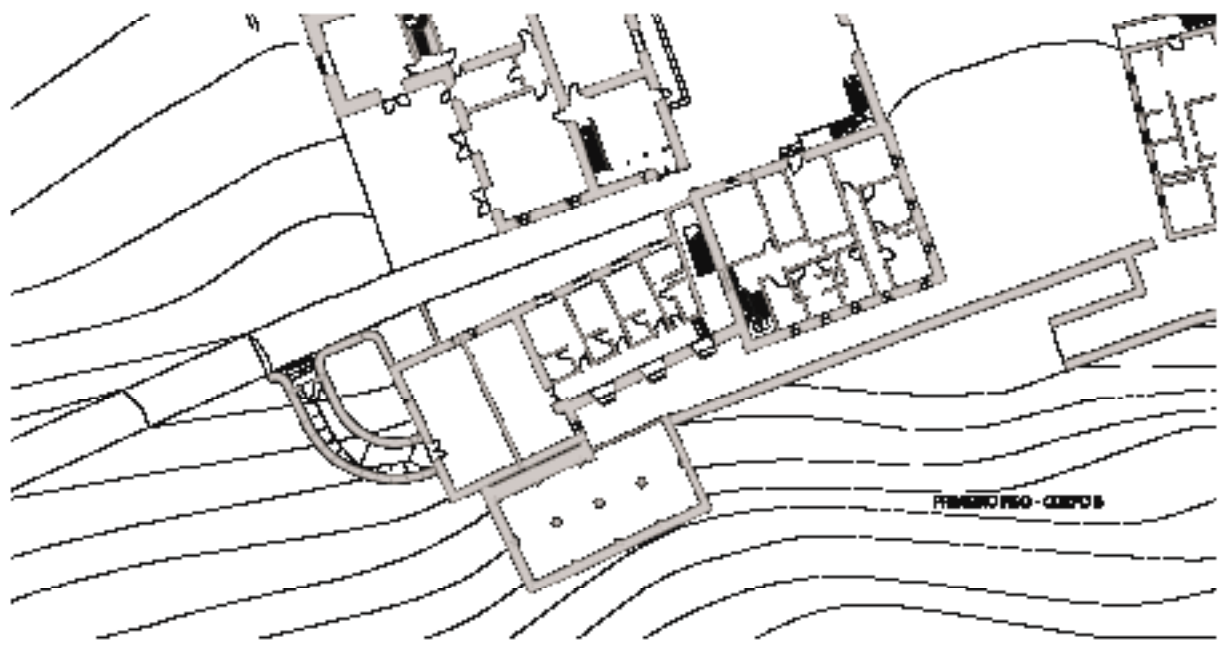


Fig : 72 e 73 – Proposta do Corpo B. (Piso 1 a esquerda e piso 2 a direita)

A biblioteca será reativada para poder servir a quinta (Centro de Artes e visitantes), e a comunidade. Esta desenvolve-se, principalmente, no primeiro piso deste corpo, mas também tem uma 'mezzanine' que apresenta duas salas de trabalho. Estas salas serão mantidas tal como estão. Neste piso existem outras salas que serão transformadas em salas de trabalho e uma em instalações sanitárias que sirvam a biblioteca. Esta parte do edifício apresenta uma comunicação com o corpo A, que será mantida.

### 3.3.3. Corpo C

Este corpo é o edificado mais recente da Quinta da Ribafria, mandado construir pelo IPSD, mas que fica aquém da imagem da Quinta, tirando algum protagonismo ao edifício principal (corpo A). Por este motivo este seria o local ideal na Quinta para a implementação do Centro de Artes, por já existir um edifício funcional que se considerou não estar abrangido pela classificação atribuída à Quinta pela DGPC.

A escolha do local para Centro de Arte foi relativamente fácil pelos motivos referidos no parágrafo anterior, mas o que fazer com o edifício existente foi um processo que levou tempo e vários aspetos tiveram de ser considerados. Inicialmente tinha-se pensado em demolir o existente, e fazer um novo edifício de raiz, ideia pouco conservadora considerando que já existe um edifício funcional neste local. Nas figuras 74 a 77 pode ver-se uma sequência de esboços e uma maquete que mostram as várias ideias estudadas para a criação de um edifício novo.

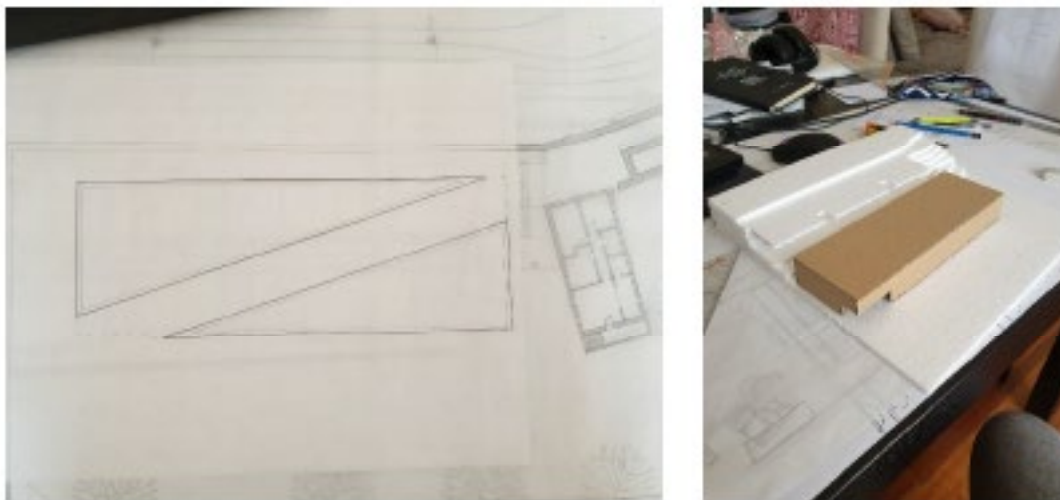


Fig.:74 e 75— Possíveis ideias para o Corpo C.



Fig.: 76 – Esquícios.

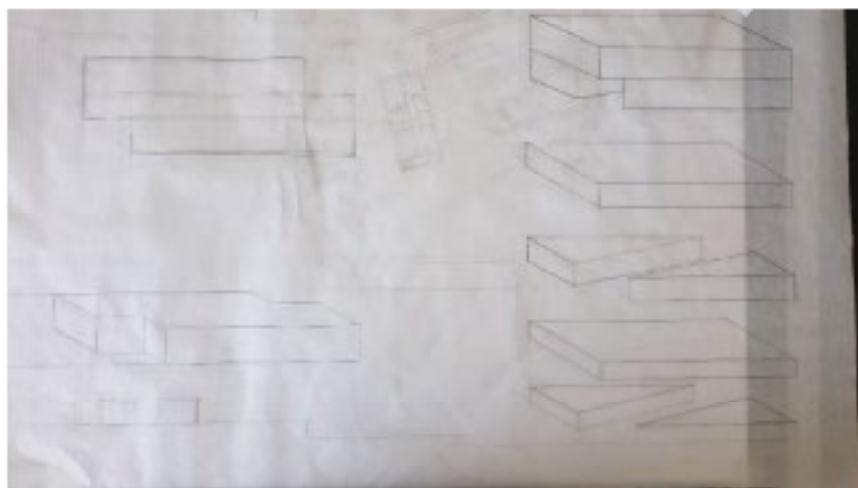


Fig.: 77 – Esquícios.

Apesar de estas soluções parecerem possíveis e de certa maneira interessantes, percebeu-se que esta situação não seria a melhor solução para a resolução do problema. Olhando para o existente e assumindo que este é funcional, em termos de organização dos espaços interiores, chegou-se à conclusão de que o aproveitamento deste seria uma mais-valia para o projeto. Só que este não teria capacidade para albergar todas as atividades previstas no programa para o Centro. Seria necessário mais um edifício para complementar o existente.

Pelo exposto, propõe-se uma requalificação da imagem a nível de alçados e do seu interior para servir o programa proposto para este corpo. Para além da requalificação é previsto um novo corpo semienterrado localizado atrás do muro existente, onde ficarão

localizadas as oficinas/estúdios/ateliês. A opção por uma solução enterrada surge da vontade de aproveitar o muro existente na Quinta e seguir a lógica que já existe na Quinta; uma construção por trás do muro, como acontece com a cisterna (ver figura 55).

O edifício enterrado terá uma estrutura à base do sistema pilar-viga-laje em betão armado, com paredes em alvenaria (de pedra ou tijolo) e muros de suporte. As paredes serão revestidas com tinta branca para a melhor reflexão da luz zenital, evitando ter espaços escuros. Estas paredes, em certos pontos, terão painéis isolantes acústicos, para além do isolamento existente no interior da parede. Os pavimentos serão em madeira em todas as salas, exceto nas salas onde há equipamentos mais pesados. Nestas o pavimento é em betão polido. O pavimento do pátio será igual ao pavimento do resto da Quinta, que é calçada. Os acabamentos exteriores deste são em pedra, à semelhança do muro que existe entre a área do edifício e a zona dos pomares (ver figura 93). O muro de suporte, que já existe, também passa a ser revestido em pedra, criando uma harmonia de materiais exteriores nesta parte da Quinta, fazendo assim uma melhor separação dos dois momentos distintos desta.

A organização do edifício é feita de acordo com o seu comprimento, em que existem salas dos dois lados e duas instalações sanitárias do mesmo lado, cujo acesso será feito através de um corredor central. Estes terão uma cobertura, entre as portas de acesso de maneira que os utentes possam sempre circular neste edifício sem passarem por condições climatéricas adversas. Esta ideia foi inspirada pelo projeto *'Suochengli Neighborhood Library'* do atelier Vector Architects, onde existem percursos no exterior cobertos que dão acesso ao edifício (ver figuras 78 e 79). As salas serão distribuídas pelas várias atividades previstas para o Centro, sendo que esta parte do corpo C está reservado para a realização de trabalhos e outras atividades previstas (oficinas, atelier e salas de música/ e ou dança) (ver figura 81). As salas dedicadas à prática de música são revestidas a madeira em todas as suas superfícies (tetos, pavimentos e paredes). Estas salas seguem o conceito de *'box in a box'*, que consiste na ideia de envolver a sala dentro de uma caixa para melhorar o isolamento acústico, do interior para o exterior e vice-versa (ver figura 82).

Na figura 83 pode ver-se uma planta de amarelos e encarnados, das alterações previstas para o corpo, sendo que o amarelo corresponde às demolições e os encarnados as novas construções, e na figura 84 pode ver-se uma axonometria do proposto.



Fig.: 78 e 79 – Suochengli Neighborhood Library.

Fonte: <http://www.vectorarchitects.com/en/projects/39>

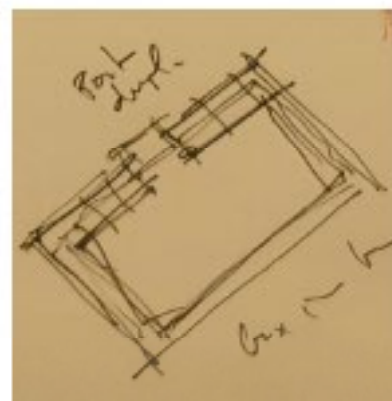
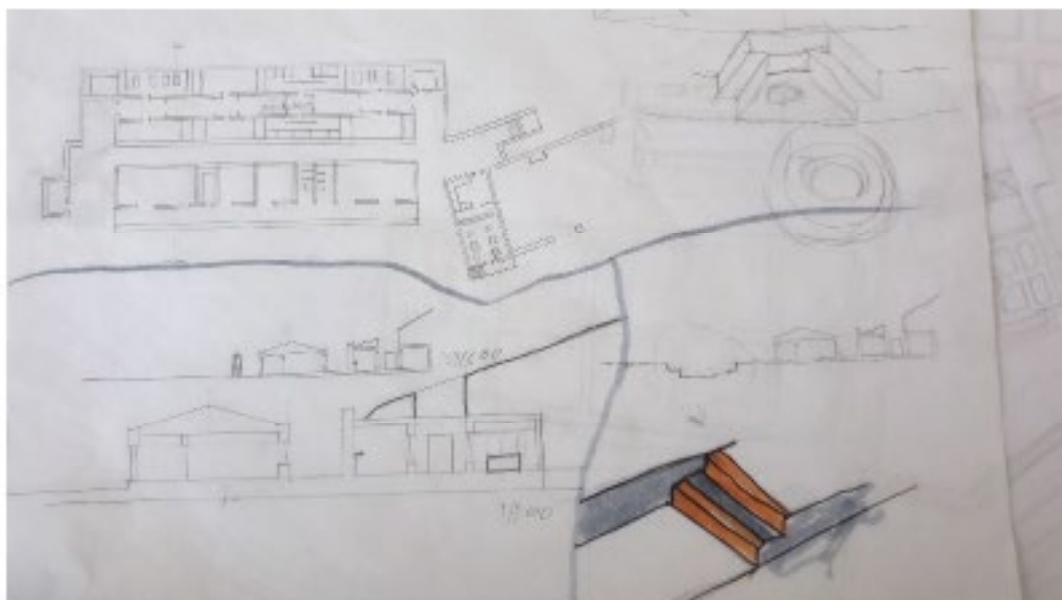


Fig.: 80, 81 e 82 – Esquços.

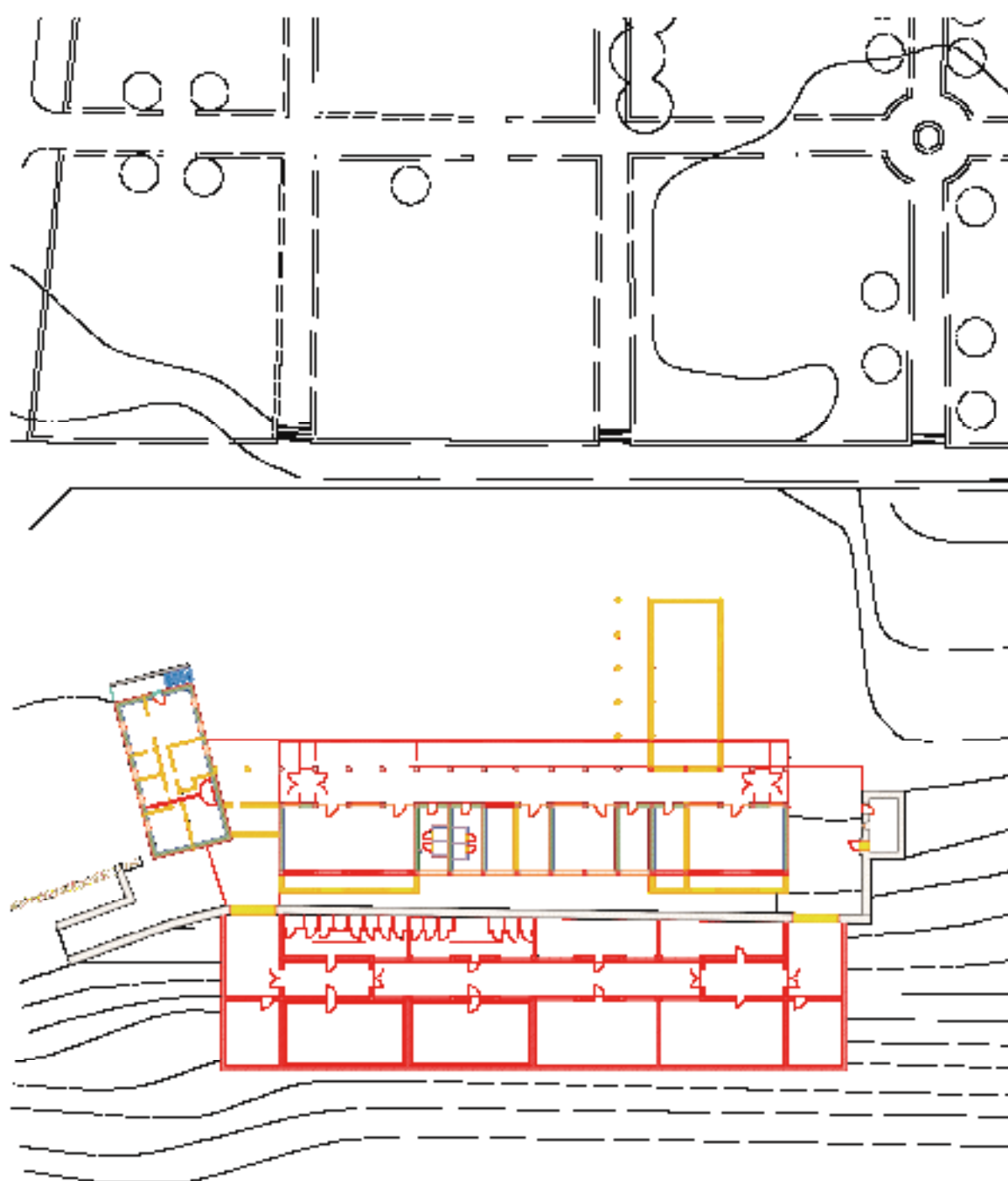
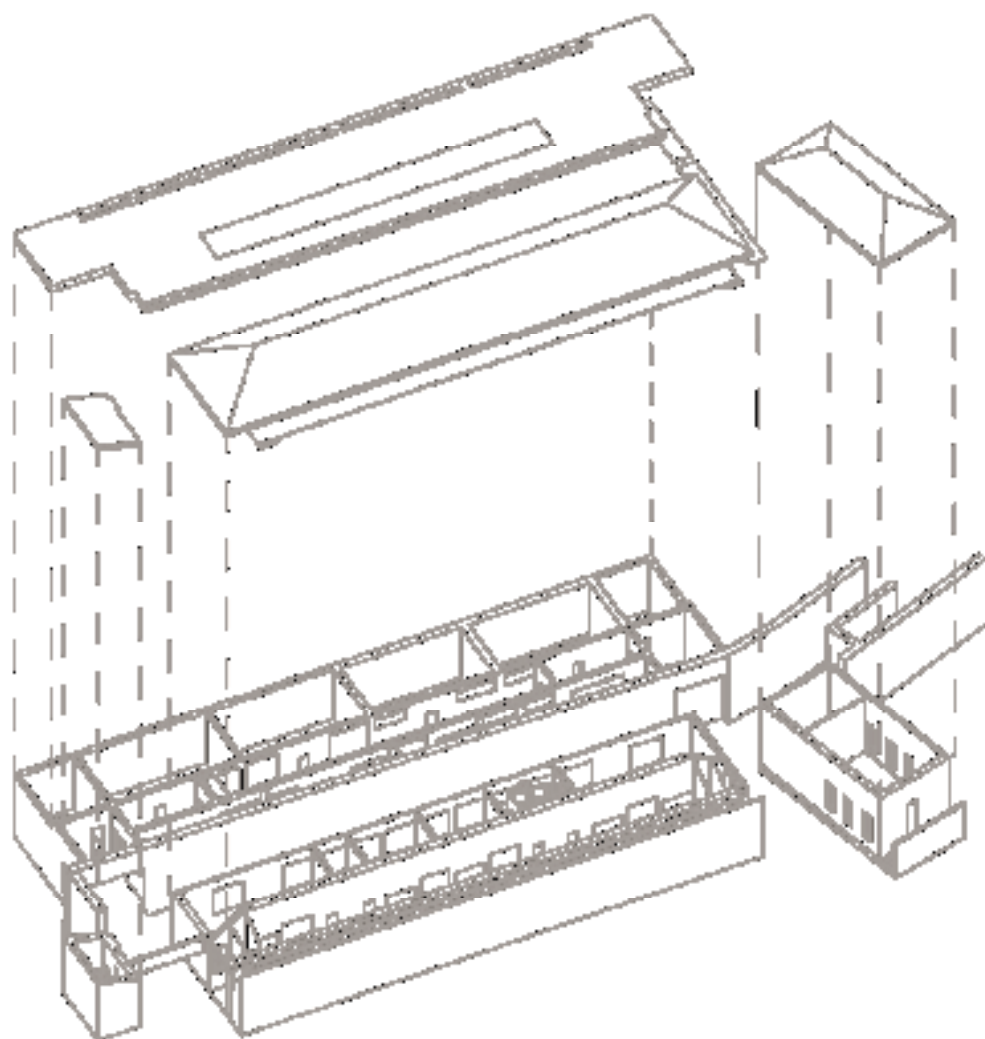
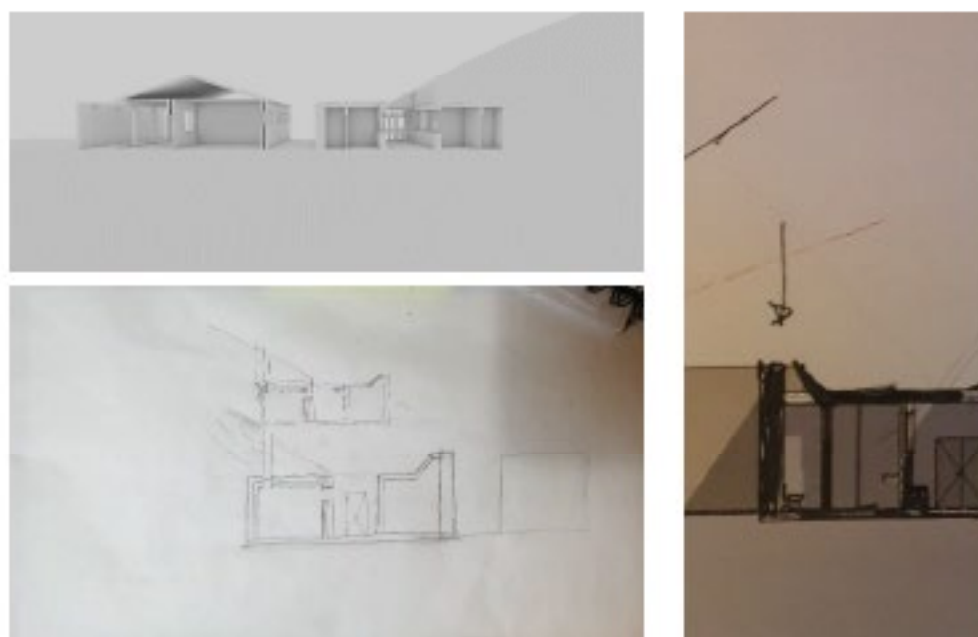


Fig.:83 - Amarelos e Encarnados do Corpo C.



**Fig. 84 – Axonometria do Corpo C**

As salas deste novo edificado serão iluminadas através de um pátio interior (ver figuras 85 a 87), o que irá proporcionar uma luz difusa, ótima para trabalhar; também haverá iluminação artificial. Os vãos das salas dão para estes pátios. A iluminação recebida através dos pátios não será a única fonte de iluminação natural das salas. Estas terão outras aberturas na cobertura, um tipo de claraboia, que ajuda na iluminação natural dos espaços (ver figura 87).



**Figs.: 85, 86 e 87 – Corte perspectivado e Esquços.**

O edificado existente apresenta atualmente uma forma em L, que não será mantida porque se pretende criar uma nova imagem a este corpo realizando alterações pontuais no seu alçado. A nova forma que se propõe para o edifício é em I, mantendo o seu alçado original, mas será construído um muro em frente, criando uma dupla fachada. O interior sofre pequenas alterações, como seja a remoção de algumas paredes para criar salas maiores, que possam servir como espaços para exposições de arte, e realização de workshops e reuniões. As paredes interiores terão revestimento térmico e acústico, para melhorar as condições deste espaço. As salas de maior dimensão, além do isolamento térmico e acústico, serão pintadas de branco, dado que estas salas servirão meramente para apresentações e exposições de arte.

Não existe nenhuma ligação física entre o edificado existente e o edificado proposto. A ligação entre os dois será feita por um corredor, localizado entre o alçado tardoz do existente e o alçado frontal do novo edifício enterrado. Este espaço irá passar por uma redução da atual cota (110m) para uma cota inferior (109m). Esta alteração trará mais privacidade para edificado existente, visto que se não houvesse esta alteração os vãos de janela do edifício existente ficavam ao nível do chão, o que para além da falta de privacidade acarreta outros problemas (ver figuras 88 a 90).



Figs.: 88 e 89 – Espaço entre o edifício e o muro.

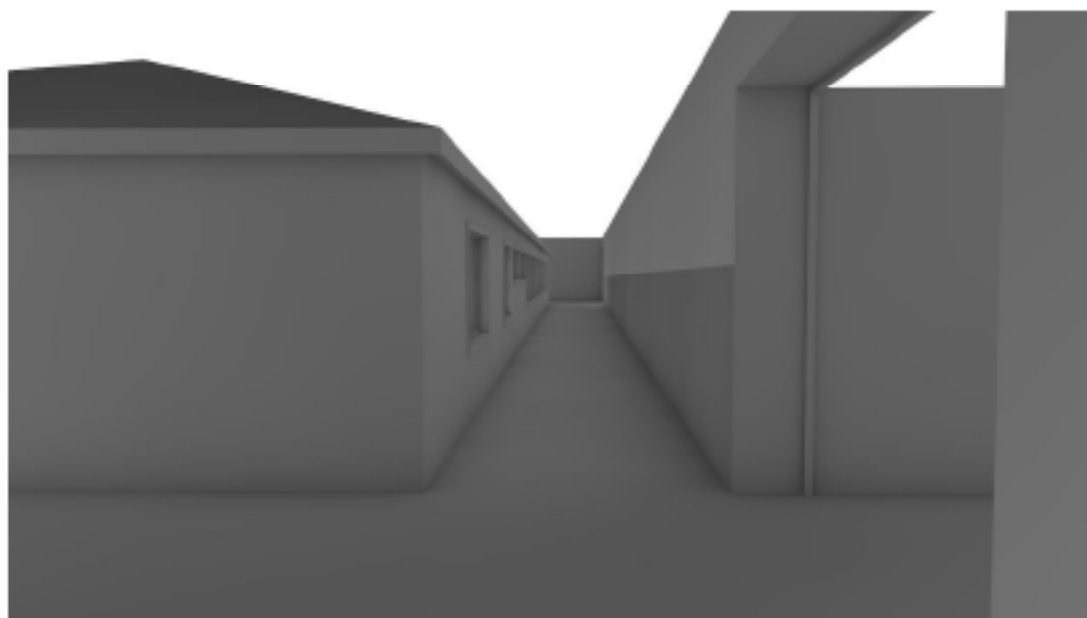
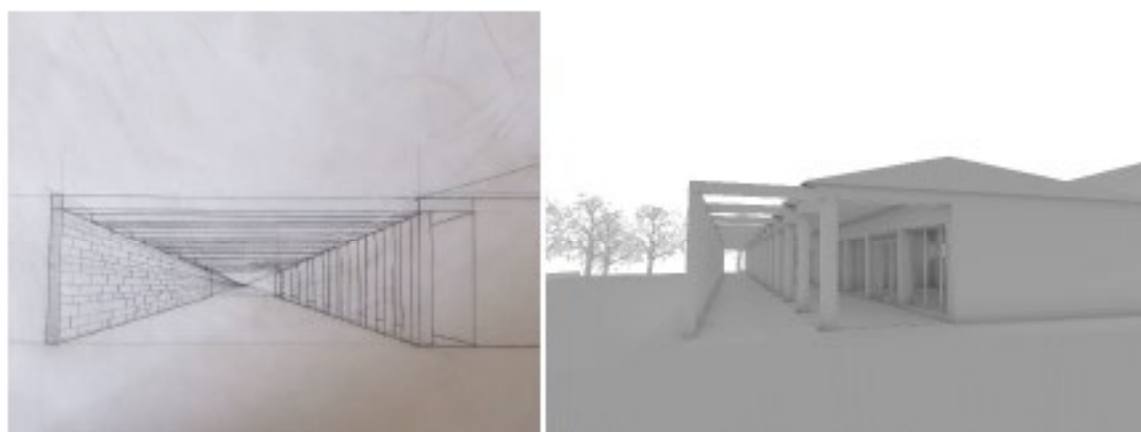


Fig.: 90 – Espaço entre o edifício e o muro.

O alçado sul é redesenhado de modo a ter uma fachada dupla: a fachada mais interior continuará a já existente, com as colunas; a frente deste será feito um muro semelhante ao muro de suporte entre a zona dos pomares e a do corpo C (ver figura 93). Este será feito em alvenaria de pedra e será pontuado por vazados na alvenaria, criando entradas de luz, tal como acontece nas *Moroccan Wall* em Alto Albaicin do arquiteto Antonio Jiménez Torrecilla (ver figura 97 e 98). Estes "buracos" são aparentemente aleatórios, sem uma lógica evidente, algo que não será replicado no novo muro, e os espaços vazios serão preenchidos por um material translúcido que deixe passar a luz. Outro projeto que foi usado como inspiração para a projeção deste muro foi o *Alila Yangshuo* do atelier

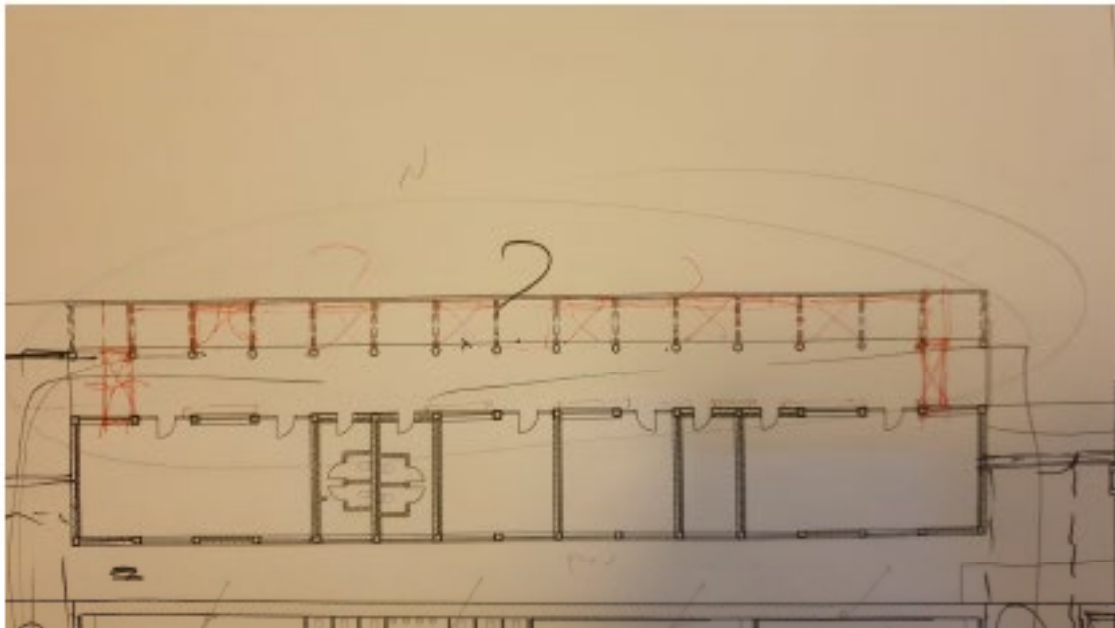
Vector Architects (ver figura 99 e 100). Esta solução cria um espaço entre as duas fachadas que pode ser utilizado como espaço de exposições e outras atividades que se queiram realizar, criando uma relação entre o interior e o exterior deste edifício, mas de maneira discreta e de certa maneira protegida (ver figura 94 a 96). As exposições neste espaço são possíveis porque junto ao muro haverá painéis em madeira que permitem a colocação das obras (ver figura 94). Entre a nova fachada e a existente haverá umas pérgulas (ver figura 91 e 92), como existem nos vários caminhos da Quinta mencionados no ponto 3.1, mas estas serão em madeira. Este espaço proposto será semicoberto com uma pala de vidro (ver figura 94).



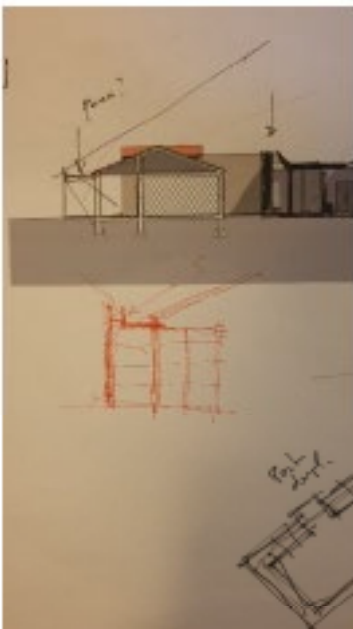
Figs.: 91 e 92 – Esquipo e 3D



Fig. : 93 – Muro entre a zona dos pomares.



**Fig.: 94 – Espaço entre as duas fachadas. Esquiçado pelo Professor José Aguiar**



**Fig.: 95 e 96 – Espaço entre as duas fachadas. Esquiçado pelo Professor José Aguiar**



Fig.: 97 e 98 – Moorish Wall.

Fonte: [https://www.archdaily.com/601542/moorish-wall-in-alto-albaicin-antonio-jimenez-tonesilas?ad\\_source=mvarchdaily&ad\\_medium=bookmark-show&ad\\_content=current-user](https://www.archdaily.com/601542/moorish-wall-in-alto-albaicin-antonio-jimenez-tonesilas?ad_source=mvarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user)



Fig.: 99 e 100 – Alila Yangshuo.

Fonte: <http://www.vectorarchitects.com/en/projects/32>



## 4. Considerações finais

Com o presente trabalho pretende-se que a Quinta da Ribafria volte a ser vivida como foi no passado, que deixe de passar despercebida, como acontece com muitas outras quintas por todo o concelho de Sintra e pelo país (continente e ilhas). Nas várias pesquisas feitas percebeu-se que em Portugal a preservação de construções considerada históricas, classificadas ou não, pela DGPC, está muito atrasada em comparação com outros países europeus, e quando surgem projetos de reabilitação ou recuperação, na maioria dos casos, são projetos virados para programas de hotelaria. O trabalho que se apresenta tem o objetivo de propor uma outra maneira de atuar.

Dadas as condicionantes colocadas por este conjunto edificado, devido ao seu estatuto de imóvel de interesse público, e os objetivos que se pretende alcançar, não foi fácil elaborar um programa capaz de resolver todos os problemas encontrados na Quinta. Optou-se por um programa que melhora os espaços exteriores, tornando-os mais apelativos para a comunidade, e que organiza os edifícios de forma independente, considerando o corpo A como principal, e os corpos B e C como secundários, assumindo-se que a classificação como património só se aplica aos corpos A e B, por serem mais antigos.

Pretende-se, através deste programa, devolver a Quinta à comunidade, apesar de não ter pertencido ao domínio público. A sua história, todavia longa, não pode ser esquecida, como acontece com muitas outras quintas, sobretudo porque o seu imenso jardim pode proporcionar um novo espaço de lazer para Cabriz, Lourel e não só. A proposta cria um Centro de Artes (corpo C), uma residência temporária para artistas (parte do corpo B), uma biblioteca (parte de corpo B), capela (corpo A) e um espaço museológico (corpo A).

Com a criação de um Centro de Artes, pretende-se que a Quinta passe a ser um local onde há troca de informação experiências, entre outras atividades, sendo um espaço onde se expõe, produz, ensina e habita.

Tem-se consciência que este programa não é suficiente para cumprir na totalidade os objetivos propostos no trabalho; fica por resolver a parte das acessibilidades da Quinta.

Em suma, esta proposta pode ser vista como uma ideia possível para espaços como a Quinta da Ribafria, sem ser o típico projeto de reabilitação com um programa hoteleiro,

que muitas vezes não respeita a história e a arquitetura do edifício. Neste sentido, a presente proposta teve em consideração sempre que possível, a história do local.

*"...há duas formas de lidar para as rápidas transformações por que o mundo passa: muitas veem sobretudo o que muda, outras procuram surpreender o que, a despeito delas permanece." \*\**

---

\*\* Rêisivo, Orlando (1943). Portugal, O Mediterrâneo e a Atlântica. Coimbra, Coimbra Editora



## Índice de figuras

Fotografia de capa: Alçado norte do edifício da Torre, fotografia de Tatiana Marques (2020)

Fig. 01 e 02- Mapa das freguesias de Sintra; Relevo e Hidrografia Do Conselho de Sintra. Fonte: <https://cm-sintra.pt/>

Fig.03-Mapa parcial do património classificado em Sintra. Fonte: <https://patrimoniodgpc.mgpa.gov.pt/apps/webappviewer/index.html?id=7f7cd5674280f41849cd0a0869ced22d91>

Fig.04-Mapa da área protegida de Sintra. Fonte: <https://patrimoniodgpc.mgpa.gov.pt/apps/webappviewer/index.html?id=7f7cd5674280f41849cd0a0869ced22d91>

Fig. 05 – Existência de possível Torre antes das intervenções de Gaspar Gonçalves

Fonte: *BATALHA, Catarina Sofia Correia (2019). Intervir no Património: (Des)conexão entre o novo e o existente. Reabilitação da Quinta da Ribafria em Sintra. Projeto final de Mestrado em Arquitetura, especialização em Interiores e Reabilitação do Edifício. Faculdade de Arquitetura Universidade de Lisboa.*

Fig. 06 – Registo do Corpo A e do Tanque ao longo da Fachada. Fonte: *BATALHA, Catarina Sofia Correia (2019). Intervir no Património: (Des)conexão entre o novo e o existente. Reabilitação da Quinta da Ribafria em Sintra. Projeto final de Mestrado em Arquitetura, especialização em Interiores e Reabilitação do Edifício. Faculdade de Arquitetura Universidade de Lisboa.*

Fig. 07 – Registo dos Corpos A e B, intervenções de Jorge de Mello 2º Conde de Cartaxo. Fonte: *BATALHA, Catarina Sofia Correia (2019). Intervir no Património: (Des)conexão entre o novo e o existente. Reabilitação da Quinta da Ribafria em Sintra. Projeto final de Mestrado em Arquitetura, especialização em Interiores e Reabilitação do Edifício. Faculdade de Arquitetura Universidade de Lisboa.*

Fig. 08 e 09 – Esboço paisagista de 1959 de Caldeira Cabral e Planta da Quinta da Ribafria após inserção do Corpo C. Fonte.: Do Solum ao Solar.

Fig. 10 e 11 – Alçados cerca de 1542 e depois da reforma setecentista. (Desenhos de João Oliveira). Fonte.: Do Solum ao Solar.

Fig. 12 e 13 – Alçados após reforma setecentista e após reforma tardo-oitocentista. (Desenhos de João Oliveira). Fonte.: Do Solum ao Solar.

Fig. 14 e 15 – Alçados depois das obras do Conde de Cartaxo. (Desenhos de João Oliveira). Fonte.: Do Solum ao Solar.

Fig. 16 e 17 – Alçados após intervenção de Jorge de Mello. (Desenhos de João Oliveira). Fonte.: Do Solum ao Solar.

Fig. 18 e 19 - Plantas da Cave e piso térreo antes das intervenções de 1960. (Desenhos de João Oliveira). Fonte.: Do Solum ao Solar

Fig. 20 e 21 – Plantas do primeiro e segundo pisos antes das intervenções de 1960. (Desenhos de João Oliveira). Fonte.: Do Solum ao Solar.

Fig. 22 e 23 – Plantas da Cave e piso térreo após reforma de 1960 por Jorge Mello. (Desenhos de João Oliveira).  
Fonte.: Do Solum ao Solar.

Fig. 24 e 25 – Plantas do primeiro piso e segundo piso após reforma de 1960 por Jorge Mello. (Desenhos de João Oliveira). Fonte.: Do Solum ao Solar.

Fig.: 26 e 27 - Quinta do Bom Pastor .Fonte:[https://www.archdaily.com/906154/adaptive-reuse-of-the-palacete-da-quinta-do-bom-pastor-nuno-valentin?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_projects](https://www.archdaily.com/906154/adaptive-reuse-of-the-palacete-da-quinta-do-bom-pastor-nuno-valentin?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects)

Fig.: 28 e 29 - Quinta da Bacalhoa. Fontes.: Google Image

Fig.: 30 e 31 - Quinta de Manique. Fontes.: Google Image e <https://www.pinterest.pt/>

Fig.: 32 - Arquipélago. Fontes.:[https://www.archdaily.com/597622/arquipelago-nil-contemporary-arts-centre-menos-e-mais-arquitectos-joao-mendes-ribeiro-arquitecto?ad\\_source=search&ad\\_medium=projects\\_tab](https://www.archdaily.com/597622/arquipelago-nil-contemporary-arts-centre-menos-e-mais-arquitectos-joao-mendes-ribeiro-arquitecto?ad_source=search&ad_medium=projects_tab)

Fig.: 33 e 34 – Alçado e uma Maquete do CCCD. Fonte:[https://www.archdaily.com/907141/ofvier-debre-contemporary-art-center-aires-mateus?ad\\_source=myarchdaily&ad\\_medium=bookmark-show&ad\\_content=current-user](https://www.archdaily.com/907141/ofvier-debre-contemporary-art-center-aires-mateus?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user)

Fig.: 34 e 35 – Centro de Artes Los Nogales. Fontes.: <https://tab.net.co/centro-de-artes-los-nogales/>

Fig.: 36, 37 e 38 – Moorish Wall. Fontes:[https://www.archdaily.com/601542/moorish-wall-in-alto-albaicin-antonio-temenz-torresilles?ad\\_source=search&ad\\_medium=projects\\_tab](https://www.archdaily.com/601542/moorish-wall-in-alto-albaicin-antonio-temenz-torresilles?ad_source=search&ad_medium=projects_tab)

Fig.: 39 e 40 – Souchengli Neighborhood Library. Fontes.: <http://www.vectorarchitects.com/en/projects/39>

Fig.:41 - Imagem da área da Quinta da Ribafria. Fonte.: Google Maps

Fig.: 42 - Imagem da área da Quinta da Ribafria. Fonte.: Google Maps

Fig.: 43 e 34 - Parte da serra de Sintra, zona sul da quinta.

Fig.: 45 e 46 - As 'piscinas' feitas por Francisco Caldeira Cabral.

Fig.: 47 e 48 - Balneários e cobertura dos balneários.

Fig.: 49 e 50 - Tanque do Alçado Frontal da Quinta e interior da Mãe de Água.

Fig.: 51 e 52 - Caminhos da Quinta.

Fig.: 53 - Esquízo de possível proposta para a Quinta.

Fig.:54 - Esquízo de possível proposta para a Quinta.

Fig.: 55 – Planta da Quinta

Fig.: 56 - Alçado Frontal da Quinta.

Fig.: 57 e 58 – Patologias nas paredes exteriores.

Fig.: 59 – Patologias nas paredes exteriores.

Fig.: 60,61 e 62 – Novas intervenções.

Fig.: 63 – Novas intervenções.

Fig.: 64, 65 e 66 – Patologias nas paredes e coberturas interiores.

Fig.: 67, 68 e 69 – Antes e depois da intervenção que está a decorrer.

Fig.: 70 e 71 – Amarelos e encarnados do Corpo B

Fig.: 72 e 73 – Proposta do Corpo B. (Piso 1 a esquerda e piso 2 a direita)

Fig.: 74 e 75 – Possíveis ideias para o Corpo C.

Fig.: 76 – Esquícios.

Fig.: 77 – Esquços.

Fig.: 78 e 79 – Suochengli Neighborhood Library. Fonte.: <http://www.vectorarchitects.com/en/projects/39>

Fig.: 80, 81 e 82 – Esquços.

Fig.: 83 - Amarelos e Encarnados do Corpo C.

Fig.: 84 – Axonometria do Corpo C.

Fig.: 85 – Corte perspectivado.

Fig.: 86 – Corte perspectivado.

Fig.: 87 – Corte perspectivado e Esquços.

Fig.: 88 – Espaço entre o edifício e o muro.

Fig.: 89 – Espaço entre o edifício e o muro.

Fig.: 90 – Espaço entre o edifício e o muro.

Fig.: 91 - Esquço

Fig.: 92 – Esquço e 3D

Fig.: 93 – Muro entre a zona dos pomares.

Fig.: 94 – Espaço entre as duas fachadas. Esquçado pelo Professor José Aguiar

Fig.: 95 e 96 – Espaço entre as duas fachadas. Esquçado pelo Professor José Aguiar

Fig.: 97 e 98 – Moorish Wall. Fonte.: [https://www.archdaily.com/601542/moorish-wall-in-alto-albaicin-antonio-jimenez-torreallas?ad\\_source=myarchdaily&ad\\_medium=bookmark-show&ad\\_content=current-user](https://www.archdaily.com/601542/moorish-wall-in-alto-albaicin-antonio-jimenez-torreallas?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user)

Fig.: 99 e 100 – Alila Yangshuo. Fonte.: <http://www.vectorarchitects.com/en/projects/32>

## Bibliografia / Webografia

- ACKERMAN, James (1990). *The villa: form and ideology of country houses. The A.W. Mellon lectures in the fine arts 1985*. Princeton, N.J: Princeton University Press.
- Agostinho, Angela (2018). *QUINTA DA RIBAFRIA – PASSADO PRESENTE E FUTURO*. Uma proposta para a criação de um novo centro de arte contemporânea para Sintra, Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa
- AGUIAR, José (2002). *Cor e Cidade Histórica – Estudos cromáticos e conservação do Património*. Porto: FAUP Publicações.
- AGUIAR, José, FERREIRA, Teresa Cunha, PERNÃO, José (2020). *Guia FNRE, Capítulo 10 – Preservação do Património*. Lisboa. FUNDIESTAMO, SA.
- AGUIAR, José, Paiva, José Vasconcelos, Pinho, Ana (2006). *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional*. Lisboa. Instituto Nacional de Habitação.
- ALMEIDA, Carlos Alberto de Ferreira de (1993). *Património - Riegl e Hoje. Revista da Faculdade de Letras*
- ANDRÉ, Daniel (2014). *A Alagares e a Quinta Da Ribafria*. Disponível em: <http://www.alagares.com/a-alagares-e-a-quinta-da-ribafria/>
- AZEVEDOS, Carlos de (1998). *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. 2ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte.
- BATALHA, Catarina Sofia Correia (2019). *Intervir no Património: (Des)conexão entre o novo e o existente. Reabilitação da Quinta da Ribafria em Sintra*. Projeto final de Mestrado em Arquitetura, especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado. Faculdade de Arquitetura Universidade de Lisboa.
- BINNEY, Marcus (1987). *Casas Nobres de Portugal*. Lisboa: Difel.
- BRANDI, Cesari (2006). *Teoria da Restauro*. Lisboa, Edições Orion.
- CAETANO, Maria Teresa (2005). *Do Solum ao Solar, Uma Praxi Renascentista na quinta da Ribafria (Sintra)*. Sintra: Cadernos de Património: Série História e Arte 1. Europress Editora.
- CASTEL-BRANCO, Cristina. (2012). *Jardins com História*. Lisboa: Edições Inapa.
- CHOAY, Françoise (2017). *A Alegoria do Património*. Edições 70.
- FELICIANO, Ana Marta, LEITE, António Santos (2015). *A Casa Senhorial – Como Matriz da Territorialidade*. Lisboa: Caleidoscópio.

FUNARI, Pedro Paulo, PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo (2006). *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro, Zahar

GOMES, Fernando (2014). *Uma Visita à Ribafria*

LOURENÇO, Natacha (2019). *Requalificar e Reabilitar, A Quinta da Graga: Entre o rio e a Ruína, Proposta de um equipamento multifuncional e intergeracional, no Parque Urbano da Jomar*, Projeto Final de Mestrado para obtenção de grau de Mestre em Arquitetura, com especialização em Interiores e Reabilitação do Edifício. Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa.

PIRES, Almicar (2013). *Quintas de Recreio em Portugal*. Ed, Caleidoscópico, Lisboa.

PIRES, Almicar (2016), *A Vila Renascentista, Arquitetura, Jardim e Paisagem*. Ed, Caleidoscópico, Lisboa

Ribeira, Orlando (1945). *Portugal, O Mediterrâneo e o Atlântico*. Coimbra, Coimbra Editora

SANTANA, Mariana Pereira da Cruz Silva (2010). *Para além do Museu. O espaço da arte, das artistas e arquitectura na cidade contemporânea*. Projeto final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa

SOUSA, Ana Cláudia Encarnação de (2015). *As quintas de recreio do séc. XVI em Portugal, a relação entre arquitectura, espaços verdes e recursos híbridos*, Dissertação de Mestrado em arquitectura, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

VEIGA, Ana Motta (2020). *Vamos às Casas!*, Documento em PowerPoint mostrado e dado em aula de Laboratorio de Projeto II.

Viollet Le Duc, Eugène Emmanuel (2000). *Restauroação*, São Paulo, Ateliê Editorial.

<http://www.reinodelinqsar.blogspot.com/2014/05/uma-visita-ribario.html>

<https://uniadafrequencias-sintra.pt/>

<https://patrimoniadome.mons.orcas.com/anos/webonariener/index.html?id=77d5674280891899d1d1869ced72d93>

<https://www.citador.pt/textos/a/fernando-pessoa>

<https://www.archdaily.com/597622/arquipelago-nl-contemporary-arts-centre-menos-e-mais-arquitectos-joao-mendes-ribeiro-arquitecto>

[https://ec.europa.eu/regional\\_policy/pt/projects/portugal/arquipelago-a-contemporary-arts-centre-for-the-azores](https://ec.europa.eu/regional_policy/pt/projects/portugal/arquipelago-a-contemporary-arts-centre-for-the-azores)

[https://www.archdaily.com/907141/olivier-debre-contemporary-art-center-aires-moteus?od\\_source=myarchdaily&od\\_medium=bookmark-show&od\\_content=current-user](https://www.archdaily.com/907141/olivier-debre-contemporary-art-center-aires-moteus?od_source=myarchdaily&od_medium=bookmark-show&od_content=current-user)

<https://tab.net.co/centro-de-artes-fos-noqales/>

<https://dicionario.priberam.org/>

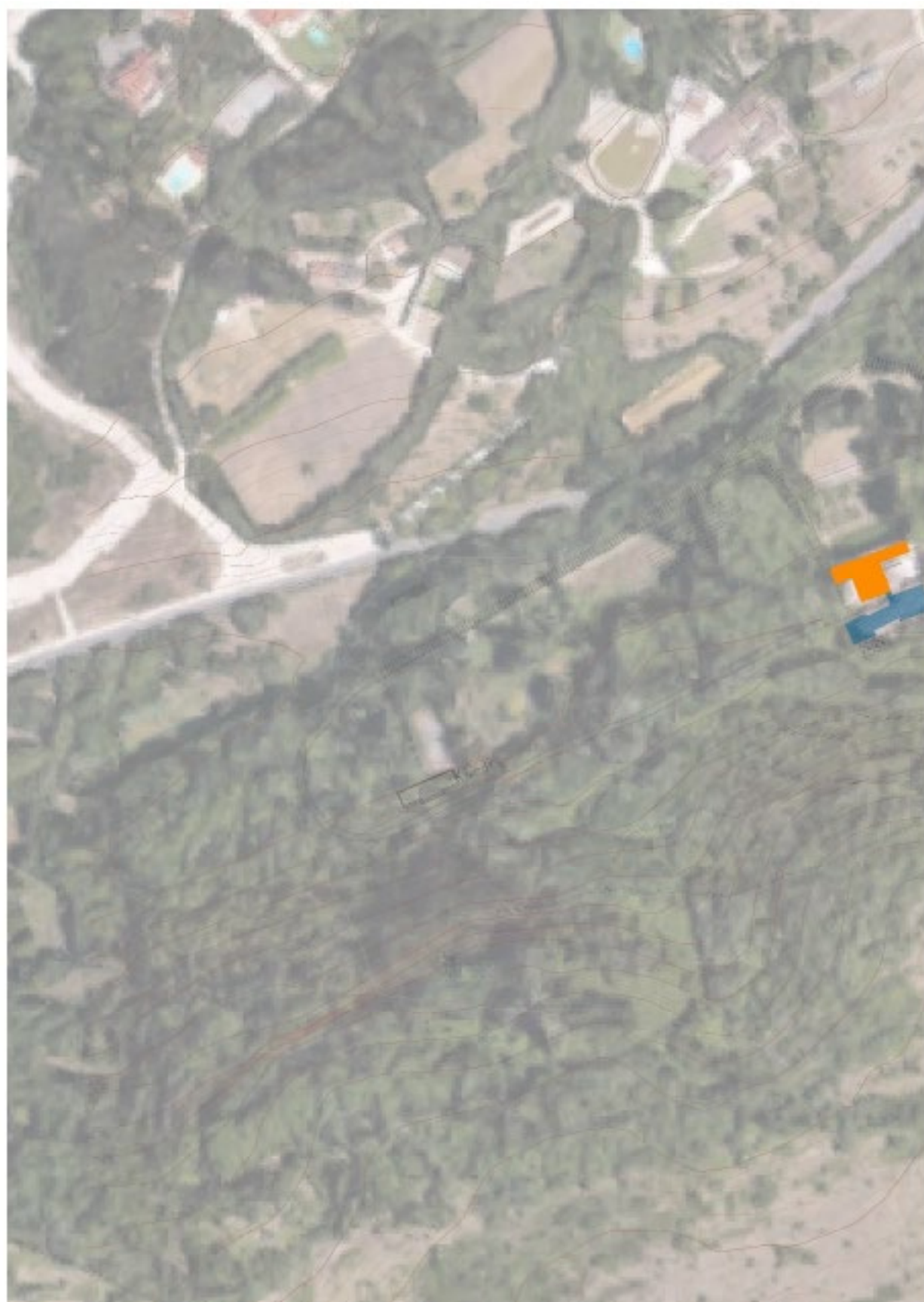
[https://censos.ine.pt/scripts/db\\_censos\\_2021.html](https://censos.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html)



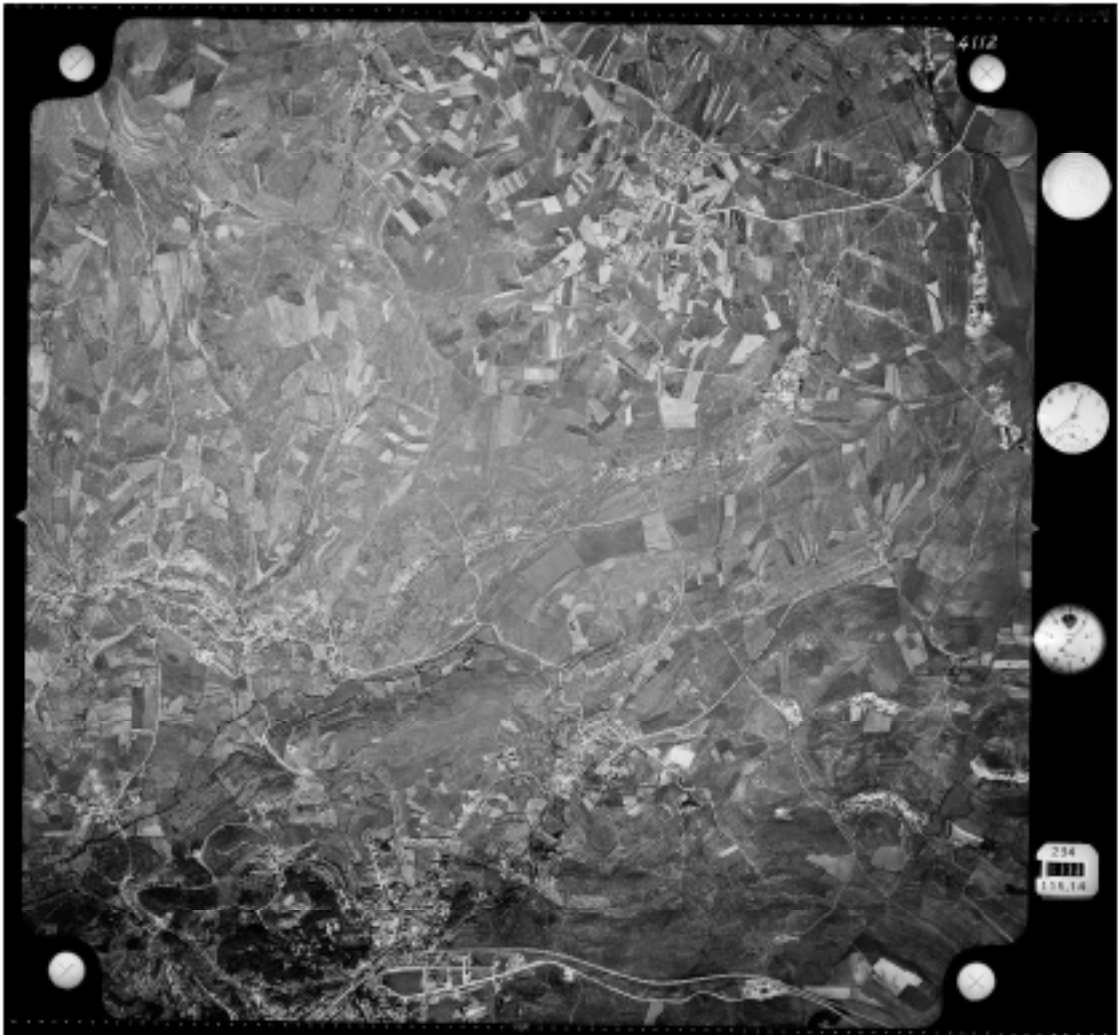
## Anexos

1. Processo de trabalho.
2. Peças finais (entrega intermédia).
3. Painéis provisórios
4. Livro de Turma
5. Peças Finais

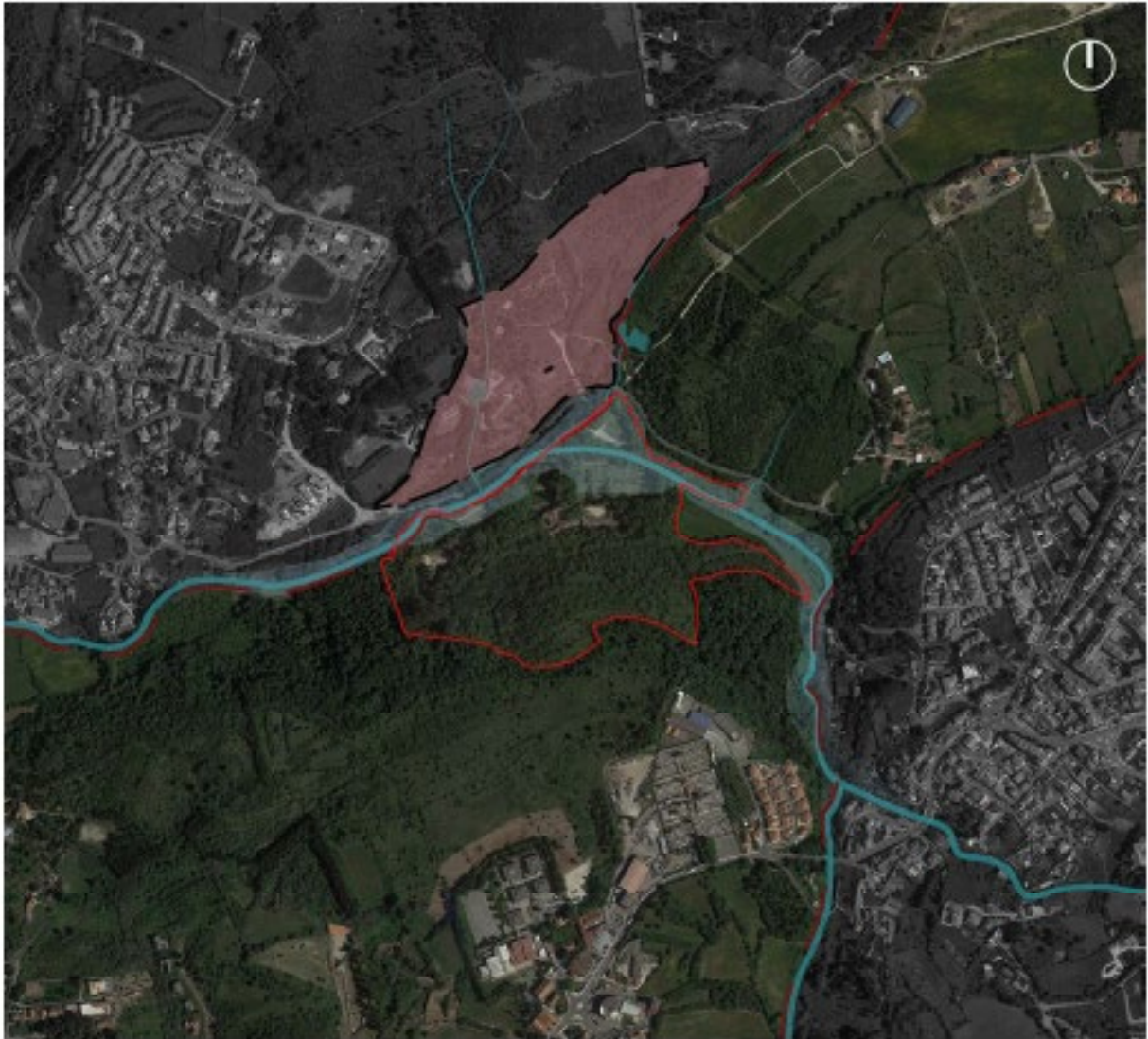
## 1. Processo de Trabalho



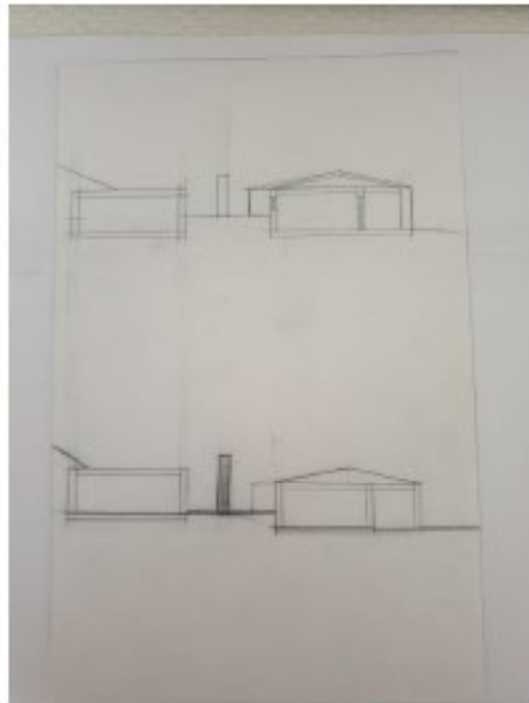
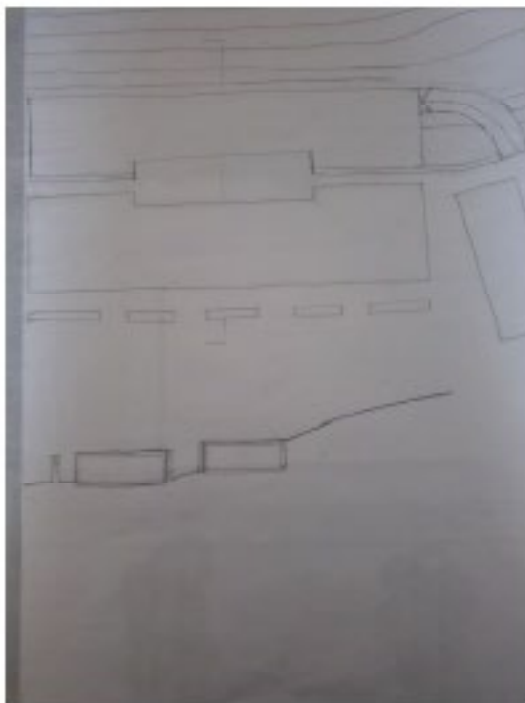


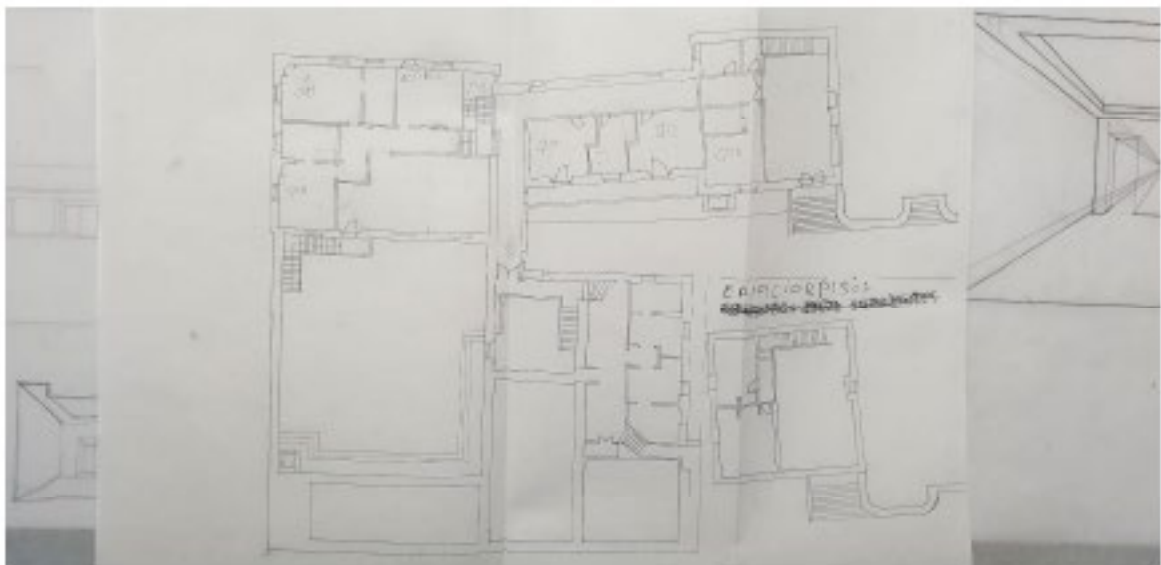
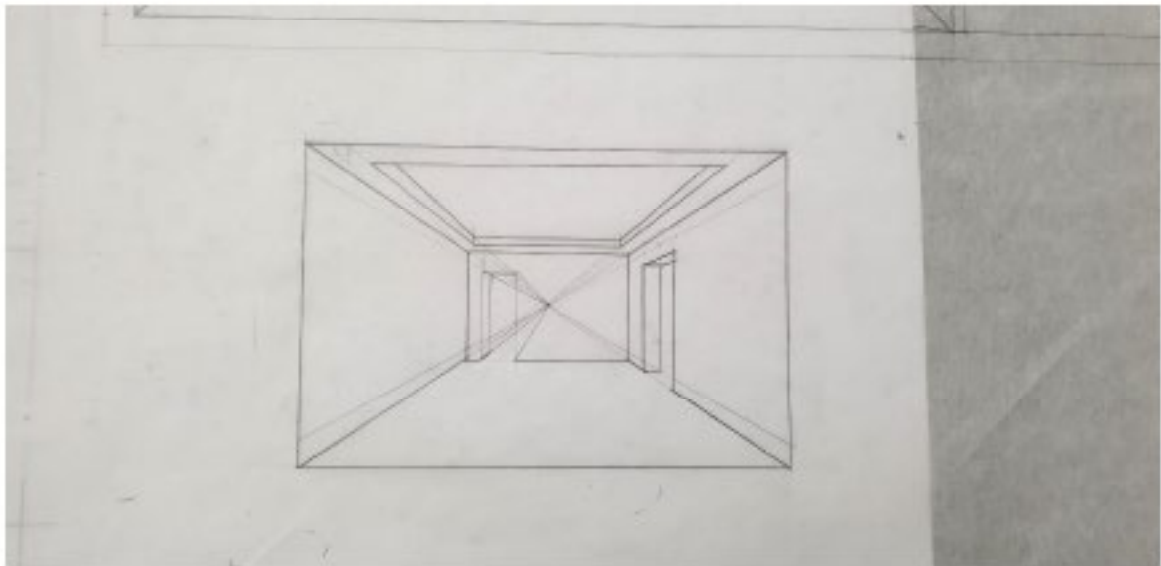
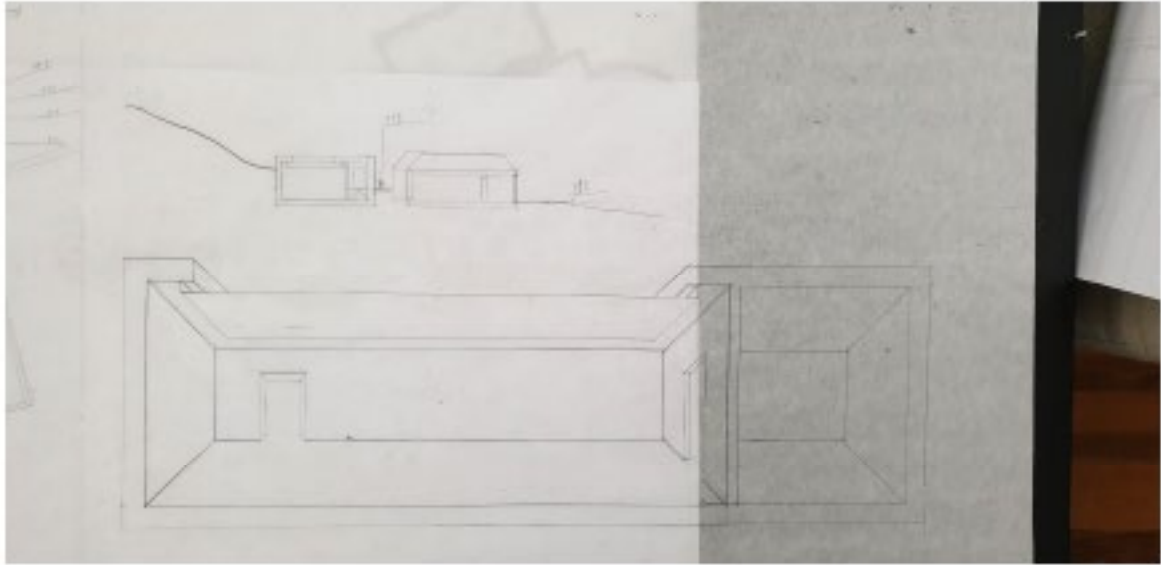




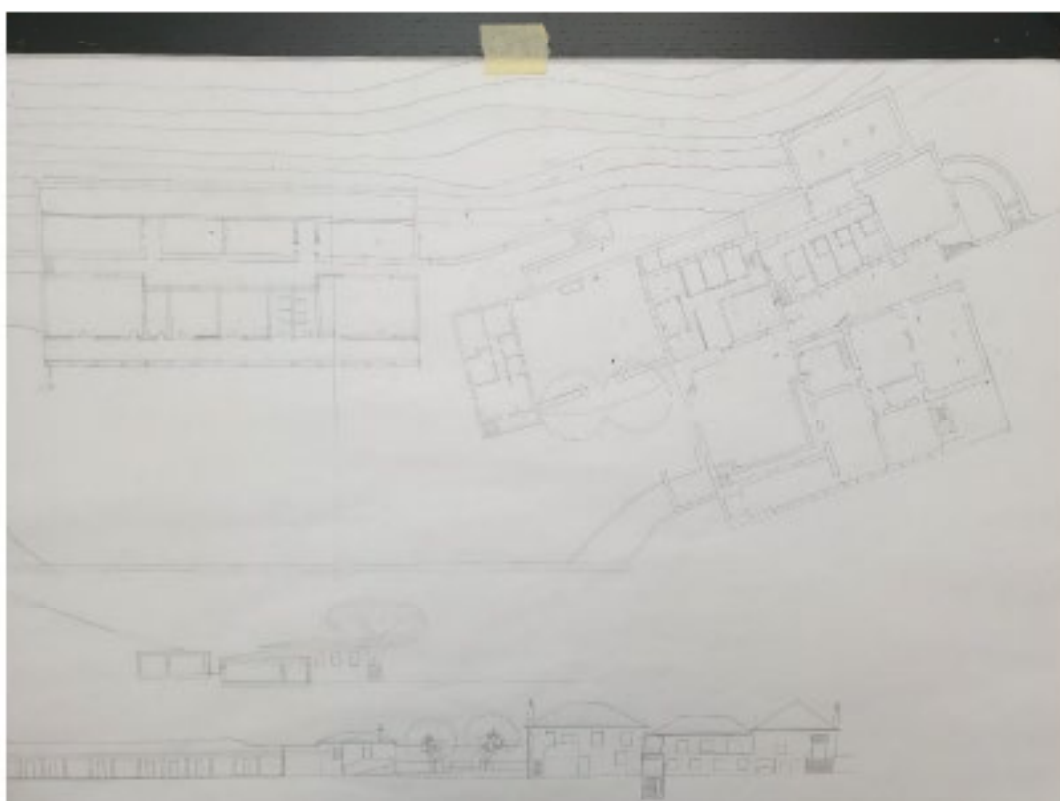


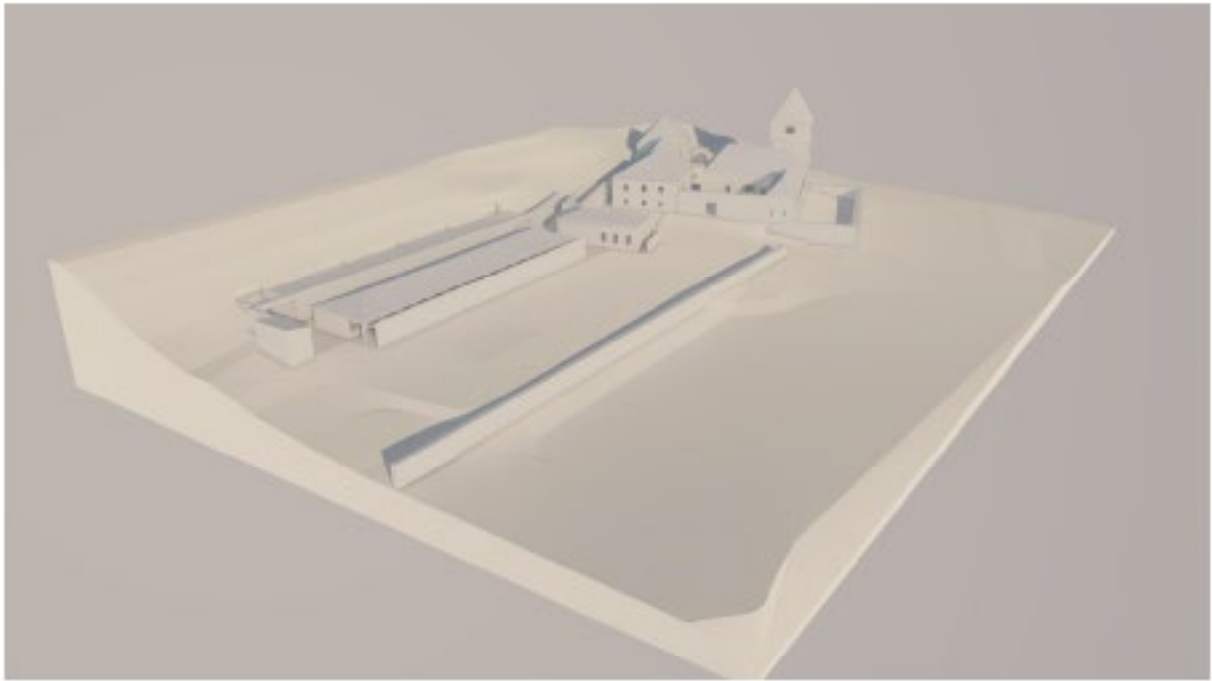
**Limites da quinta, Rio das Mações (linha azul), zonas de cheia (mancha azul) Possível antigo limite da Quinta de Santo Amaro  
Possível antigo limite da Quinta da Ribofria Limites atuais da Quinta da Ribofria**













### 3. Painéis Provisórios



**3** REABILITAÇÃO DA QUINTA DA RIBASFRIA  
CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE ARTES NUM ESPAÇO ESQUECIDO



**4** REABILITAÇÃO DA QUINTA DA RIBASFRIA  
CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE ARTES NUM ESPAÇO ESQUECIDO



**5****REABILITAÇÃO DA QUINTA DA RIBASRIA**

CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE ARTES NUM ESPAÇO ESQUECIDO

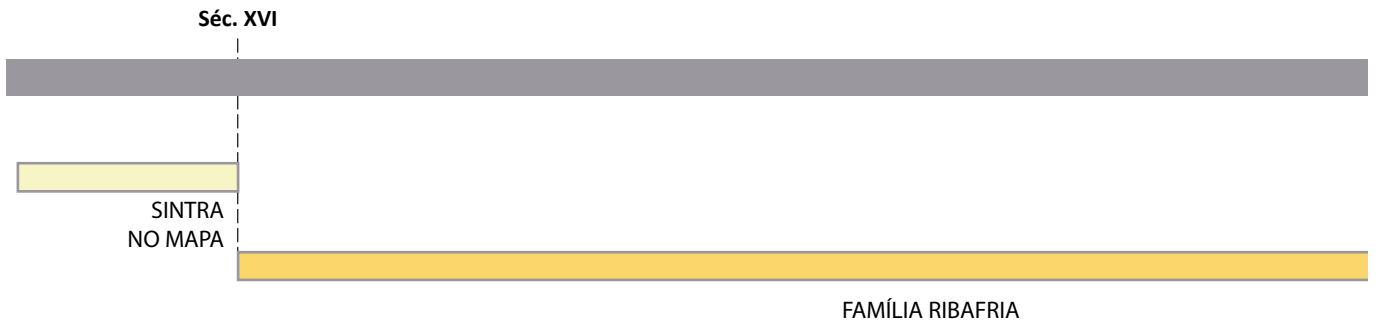
**6****REABILITAÇÃO DA QUINTA DA RIBASRIA**

CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE ARTES NUM ESPAÇO ESQUECIDO



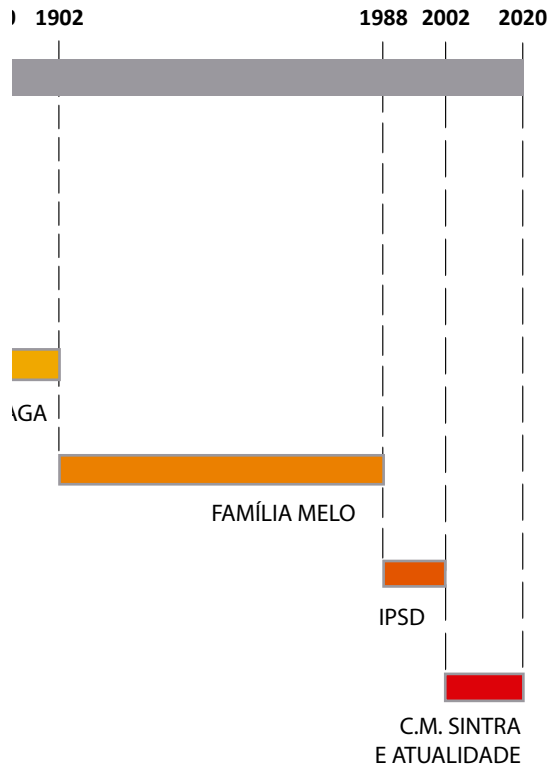
## 4. Livro de Turma

Ar



J





## INTRODUÇÃO

No seguimento da disciplina de Projeto, este capítulo visa relatar e ilustrar a história e a iconografia da Quinta da Ribafria desde as suas raízes.

Neste trabalho tentamos demonstrar a evolução da quinta até hoje, consoante as famílias que a habitaram e quem, mais tarde, a teve em sua posse. Procuramos, assim, relacionar imagens antigas com registos atuais, e assinalamos ainda as alterações que identificamos, de modo a que se compreenda como cresceu a Quinta da Ribafria.



Legenda:

1. Vista aérea da Quinta da Ribafria (Google Maps);
2. Vista aérea da Quinta da Ribafria, com anotações de percursos, edificado e linhas de água.

Séc. XVI



### SINTRA NO MAPA

“Sintra é um testemunho de quase todas as épocas da história portuguesa. E vai muito além disso, Sintra é um achado de vestígios da própria história da Humanidade.”

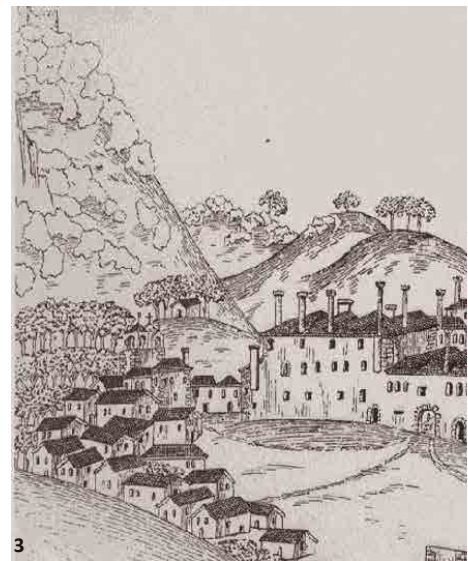
Sabe-se que Sintra coletou registos habitacionais desde o Paleolítico e o Neolítico, sabe-se que Belas foi a localidade nascente desta região e sabe-se ainda que este lugar não deixará esquecer a sua história, graças a todas as marcações que amarra dos seus antepassados.

Terá sido o conde D. Henrique quem não deixou que Sintra ficasse nas mãos de outrem. Fortificado e firme, conquistou-a a julho de 1109, aos almorávidas. Após a tomada de posse do castelo, D. Afonso Henriques outorgou a Carta de Foral à Vila de Sintra, estabelecendo que o Concelho de Sintra que viria a abranger um território dividido em quatro grandes freguesias: S. Pedro de Canaferrim, São Martinho, Santa Maria e São Miguel. Foi desde então que esta celebre localidade se tornou zona de residências reais para a Monarquia Lusa.

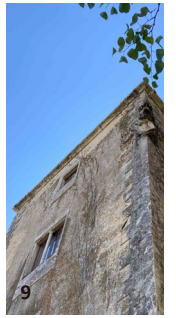
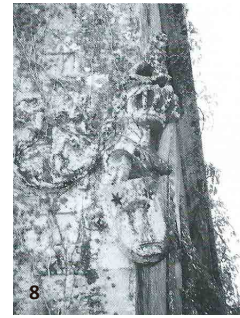
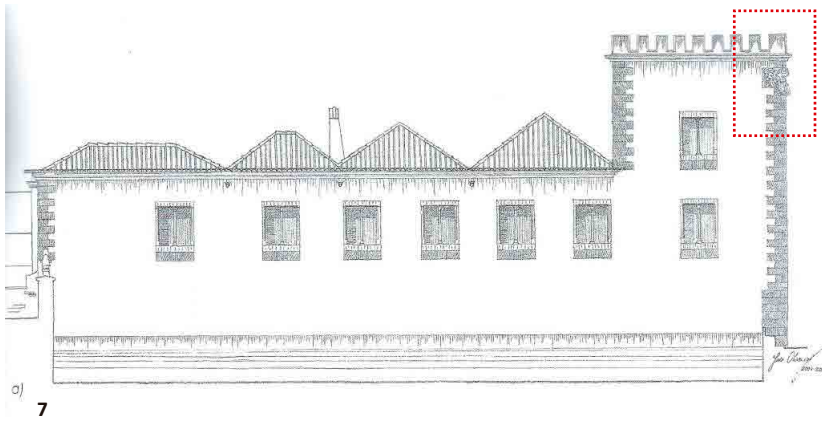
Sintra circulou entre reinados portugueses e doações a rainhas durante longos séculos. Séculos estes que carregaram crises e epidemias, mas também grandes feitos e caridades. Foi na transição do século XV para o século XVI, que D. Manuel I transformou e enriqueceu a vila de Sintra. Na segunda metade do século XVI, Sintra foi «um centro cortesão por excelência, incentivado pela presença de uma aristocracia em ascensão que aqui edificava os seus solares e quintas» (V. Sertão).

Legenda:

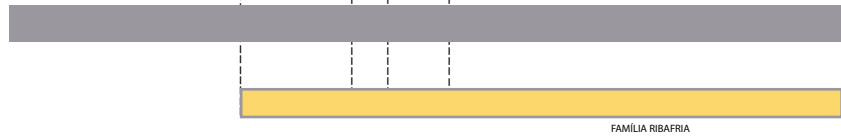
3. Sintra Duarte de Armas 1509-10;
4. Sintra – O convento da Pena de G. Vivian, 1839;
5. Vila de Sintra no princípio do séc. XX
- 6.
7. Fachada norte da torre da Ribafria, em cerca de 1542, atendendo ao pormenor do brasão;
8. Registo antigo da torre e das armas da Família Ribafria;
9. Registo atual da torre e das armas da Família Ribafria (pela autora);
10. Armas de Gaspar Gonçalves Ribafria patentes no Livro do Armeiro-Mor;
11. Fachada da Mãe-de-Água;
12. Pormenores dos painéis de azulejos historiados setecentistas apostos no interior da Mãe-de-Água, aquando da reforma de 1960;
13. Registo atual da fachada da Mãe-de-Água (pela autora);
14. Registo atual do interior da Mãe-de-Água (pela autora);
15. Mapa de localização geral da Quinta da Ribafria (pela autora).







Séc. XVI 1534 1541 1562



### FAMÍLIA RIBAFRIA

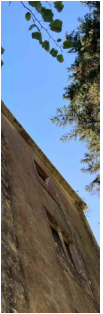
Gaspar Gonçalves, lançou-se desde jovem numa carreira palaciana, sobre a confiança de D. Manuel I e João III. De origens humildes, veio a tornar-se funcionário cerimonial da Casa Real, de onde recebeu pelos Reis que em si confiavam, a Herdade das Laranjeiras, entre outras recompensas.

Confortável com fortuna conseguida por serviços prestados à coroa, mandara construir, em **1534**, a torre do palacete nas imediações do Chão de Oliva (imagem 7). Torre esta que, a **1536**, lhe foi instituído o morgado, por Gaspar Gonçalves.

No entanto, as suas glórias não ficaram por aqui. Concedeu-lhe João III, a **1541**, o seu novo estatuto social. Gaspar foi elevado a nobre, ficando com o título de Senhor de Ribafria e uso de brasão de armas (imagens 8, 9 e 10).

A **1544**, ao conjunto de terrenos que colecionava anexaram-se novas propriedades e reformou o solar de Cabriz, conseguiu dessa forma aumentar o seu morgado e fazer do Solar dos Ribafria um simbolo de verdadeiro poder.

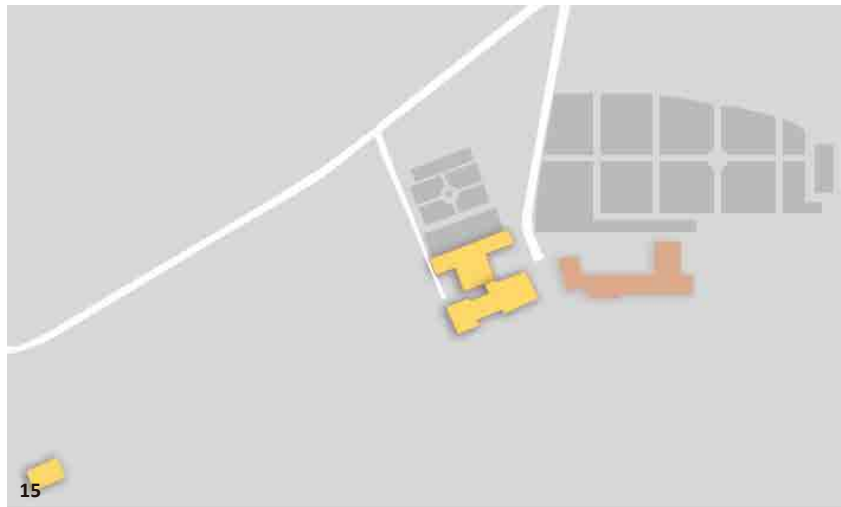
Após a sua morte, a **1562**, a quinta, assim como os títulos de família trespassaram-se entres os seus descendentes. A **1755**, o terramoto que abalou Lisboa fez-se sentir também na Ribafria, abalando parte da quinta. Contudo, suspeita-se que os Ribafria tivessem conseguido superar os estragos rapidamente, pois a **1765** já estariam envolvidos na construção da Mãe-de-Água (imagens 11, 12, 13 e 14).



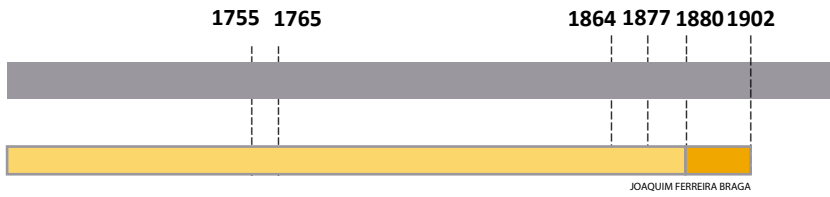
10



14



15

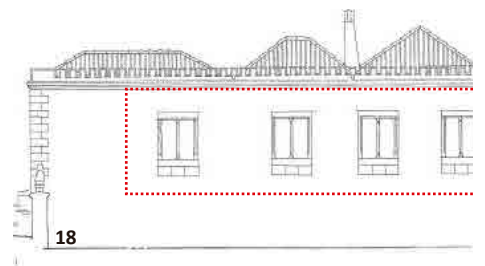
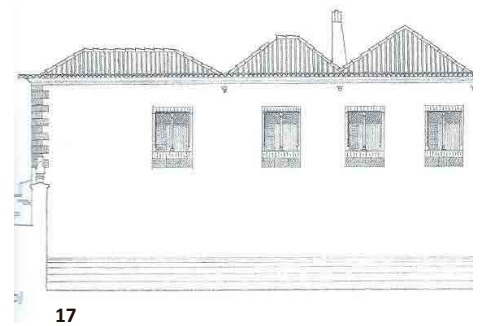
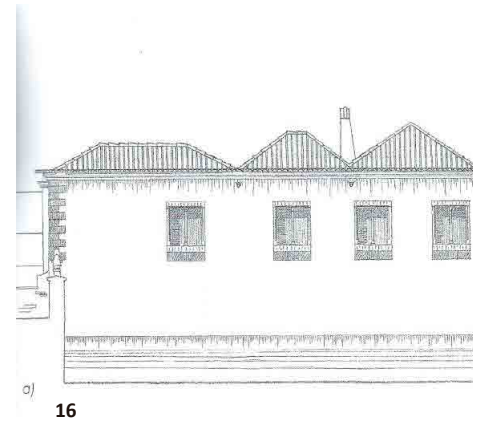
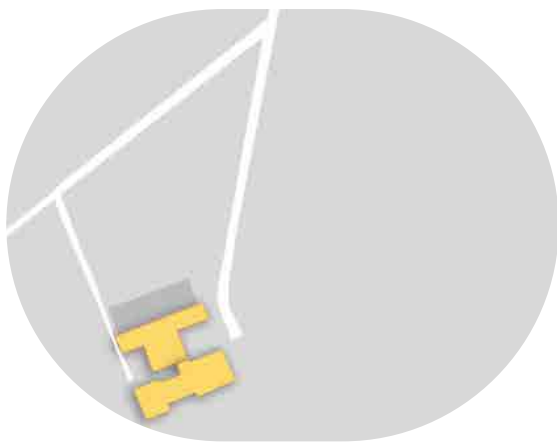


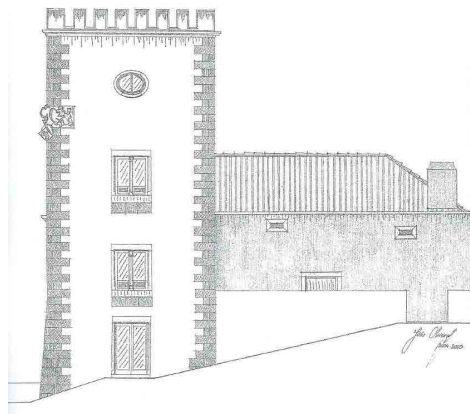
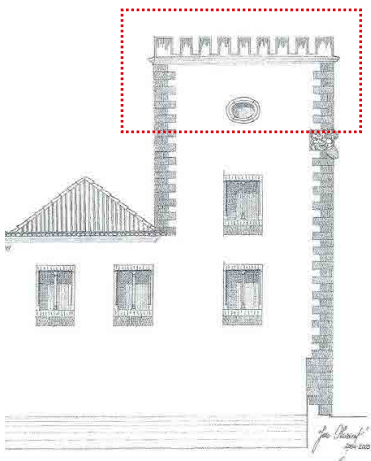
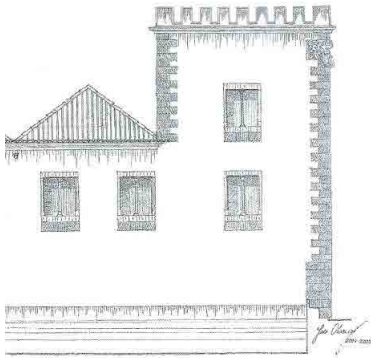
No caso de António Maria Ribaria Pereira, que herdou a quinta em **1864**, atravessou uma fase económica difícil levado a casa à falência, perdendo rendimentos, e levando à hipoteca dos seus bens. A **1877**, já constituídas uma serie de hipotecas, a Sociedade Agrícola e Financeira de Portugal penhorou e apreendeu a quinta a António Maria, tendo sido a 1880 arrematada em hasta pública.

Este solar foi considerado um edifício fundamental para a história da arquitetura portuguesa, pois assume-se como verdadeiro símbolo do poder dos Ribafria.

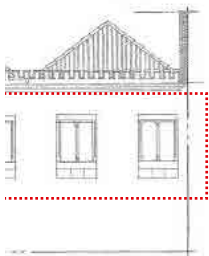
### JOAQUIM FERREIRA BRAGA

Terá circulado entre as gentes circunvizinhas rumores de que existia um tesouro trazido da Índia e que havia sido escondido em Ribafria por um descendente de João de Castro. Ajudando a tornar estes rumores mais reais, pelos anos **1875/77** apareceu, de facto, nas redondezas um bracelete de ouro maciço e que veio a ser objeto de grande disputa. Mas sobre aquilo que realmente foram acontecimentos verídicos, a quinta foi comprada por Joaquim Ferreira Braga que, vítima destes rumores, a arrematou em hasta pública. Envolvido na história do tesouro, esburacou o palácio na busca insana de um tesouro. No entanto, encontrou nada mais que um velho baú, cartas de amor e a cabeça de Madalena. Por fim, a história do tesouro de Ribafria acabou por ser entendida como isso mesmo, uma história.





19



Legenda:

- 16. Fachada norte da torre de Ribafria, cerca de 1542;
- 17. Fachada norte da torre de Ribafria, depois da reforma setecentista;
- 18. Fachada norte da torre de Ribafria, após a intervenção tardo-oitocentista;
- 19. Alçado poente da torre de Ribafria.

1



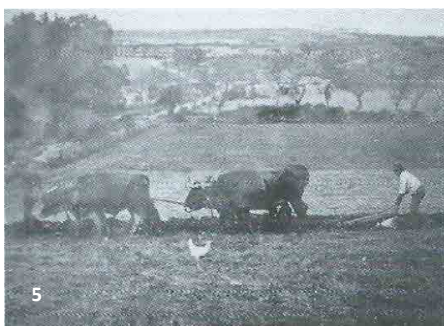
2



3



5



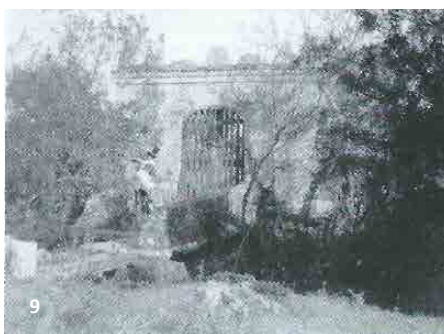
6



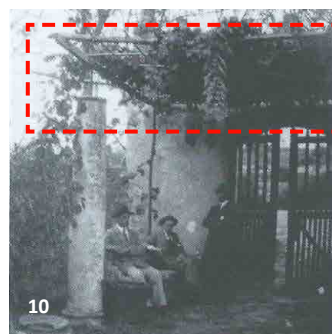
7



9



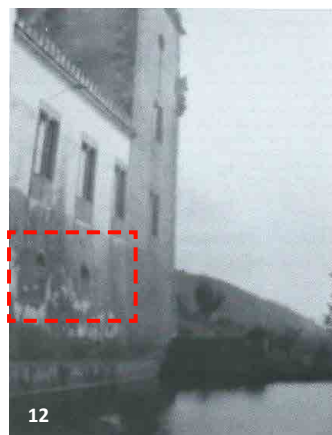
10



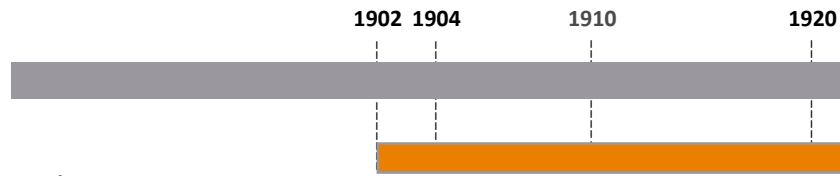
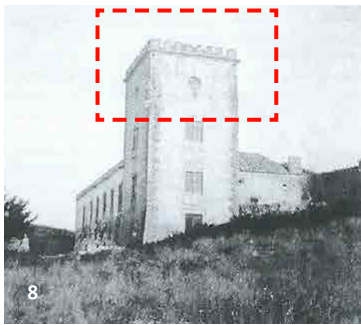
11



12



1. Armas dos condes de Cartaxo
  2. Painel central do teto de masseira estuça carregando as armas dos Mellos, interpondo-se n 3 e 4. Quinta da Ribadria, na década de 1950 (Mat
  5. Campos da Ribadria a serem lavrados em 1914
  6. Alçado nascente em 1914 (álbum da família Me
  7. Perspetiva nordeste da torre, na alvorada n Ulrich)
  8. Vista sudoeste da torre (álbum da família Mellc
  9. Antigo portão de acesso à quinta, nos inícios Ulrich)
  10. Entrada da quinta em 1914 (álbum da família
  11. Fonte manuelina com cobertura piramidal, a n Portuguesa, 1929)
  12. Parte do alçado norte em 1914 (álbum da far
- in "Do *solum* ao solar, uma praxis renascentista na quinta de Rik



**FAMÍLIA MELLO**

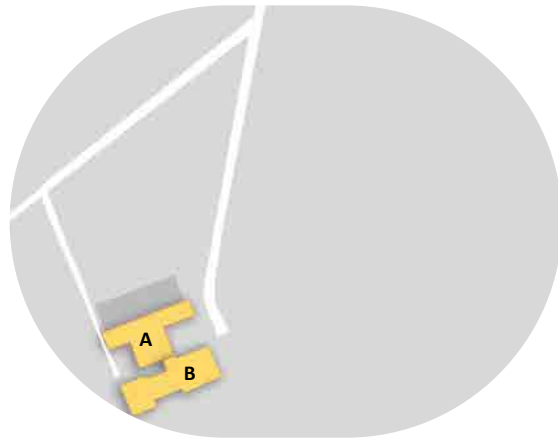
Já no séc. XX a Quinta da Ribafria entrou num novo período. Sintra começou a ser reconhecida como um lugar de veraneio ou de residência de aristocratas e de milionários. Como exemplo disto temos em **1904** o início da construção do edificado que se conhece atualmente da Quinta da Regaleira - uma quinta baronesa e um luxuoso palacete cuja arquitetura neo-manuelina representa um marco na história do revivalismo português.

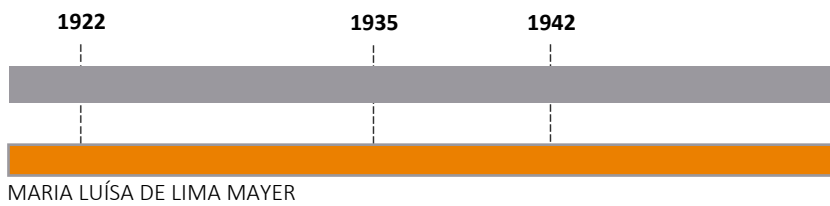
**JORGE JOSÉ DE MELLO**

Foi neste contexto que Jorge José de Mello, em 1902, ao arrematar a quinta em hasta pública, aplicou obras generosas até **1920**. Com o título de Segundo Conde do Cartaxo, devolveu a propriedade à família original, sendo ele próprio descendente da família Ribafria - sobrinho de Maria Leonor José de Melo Silva César de Meneses, então mulher de António de Saldanha Albuquerque Castro Ribafria. Este "...introduziu um anexo à torre, abriu mansardas sobre a casa de jantar e janelas ovóides na cave." (Alagares, 2014)

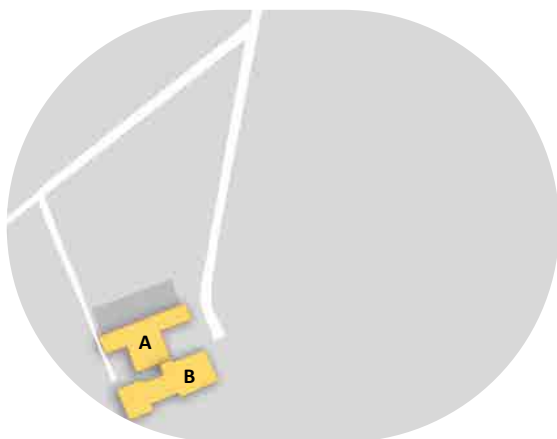
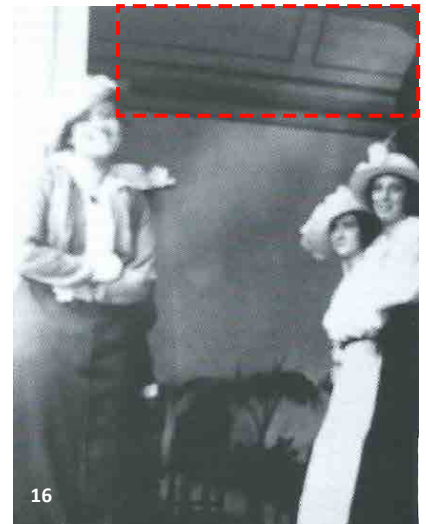
Apesar disto, a proclamação da República em **1910** alterou o clima boémio, voltando-se Sintra para as suas potencialidades agrícolas, industriais e comerciais. Ainda nesta primeira metade do século XX foram também criadas instituições especialmente vocacionadas para o estudo e proteção do seu vasto património artístico.

ada, com representação de veado  
a paisagem a torre de Ribafria  
:os, 1954)  
(álbum da família Mello Ulrich)  
ello Ulrich)  
vecentista (álbum da família Mello  
) Ulrich)  
s do séc.XX (álbum da família Mello  
Mello Ulrich)  
ascente do grande tanque (Ilustração  
ívia Mello Ulrich)  
afria (Sintra)", Maria Teresa Caetano



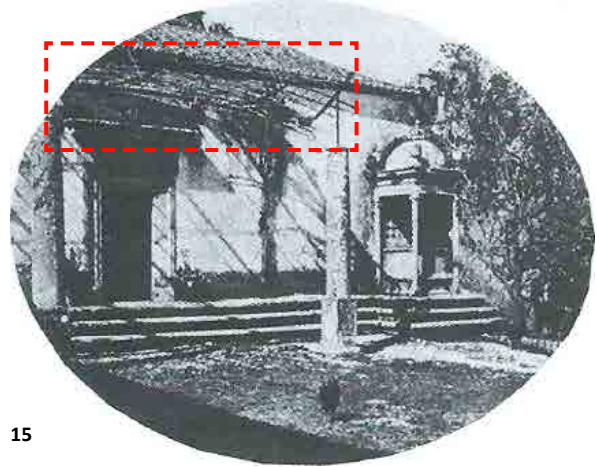
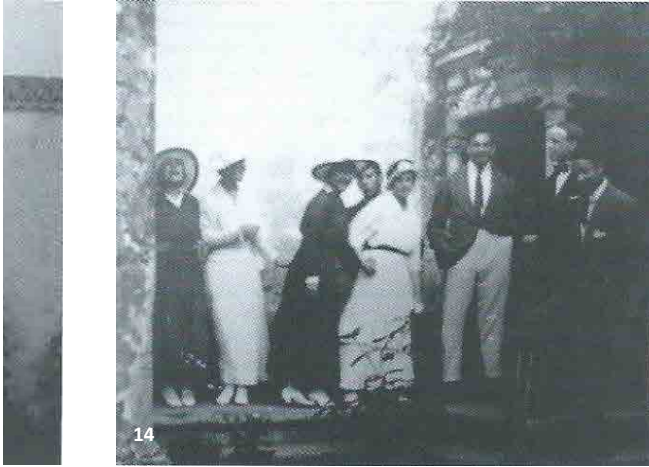


Após a morte do Segundo Conde do Cartaxo em **1922**, a sua mulher, Maria Luísa de Lima Mayer, reclamou a quinta em **1935**. Na sua posse a quinta é renovada em **1942**. Foi pedida autorização “para substituir a madeira e telha do telhado e pintar o interior e exterior do Palácio (Arquivo Municipal/Arquivo Histórico de Sintra apud Caetano, et al., 2005, pp. 67-68).” (Ana Sousa, 2015). As pinturas são atribuíveis a Antero Basalisa.



- 13. Na escada de pedra do Bloco B em 1914 (álb. Ulrich)
- 14. No pátio de lajedo junto à fonte renascentista (álb. Ulrich)
- 15. Pátio interior com a pérgola existente na época da renascença (álb. Ulrich)
- 16. Na ombreira da porta de acesso à sala principal ornamental, em 1914 (álbum da família Mello Ulrich)
- 17. Capela em 1914 (álbum da família Mello Ulrich)
- 18. Família do conde de Cartaxo na torre de Rib. (álb. Ulrich)
- 19. Sala com teto de masseira estucada e pintado por Antero Basalisa (álb. Ulrich)

in “Do *solum* ao solar, uma praxis renascentista na quinta de



bum da família Mello Ulrich)  
tista em 1914 (álbum da família Mello

oca (Ilustração Portuguesa, 1929)  
:ipal, cujo teto ainda não possui pintura  
Ulrich)  
rich)  
afria em 1908 (Mayer, 1969)  
tada com cenas marinhas, atribuível a

Ribafria (Sintra)", Maria Teresa Caetano

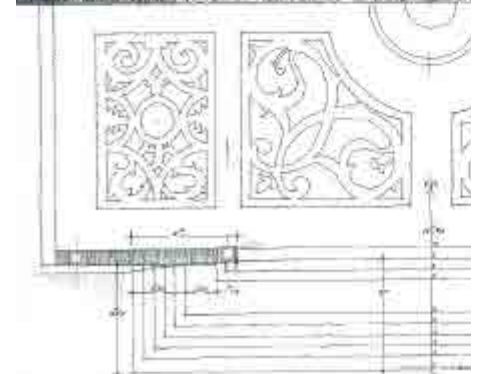
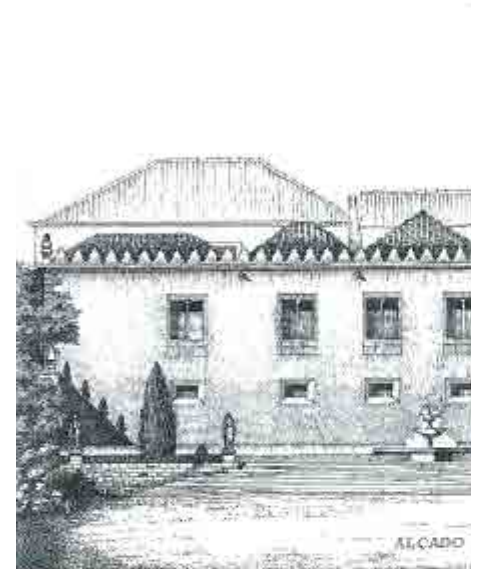
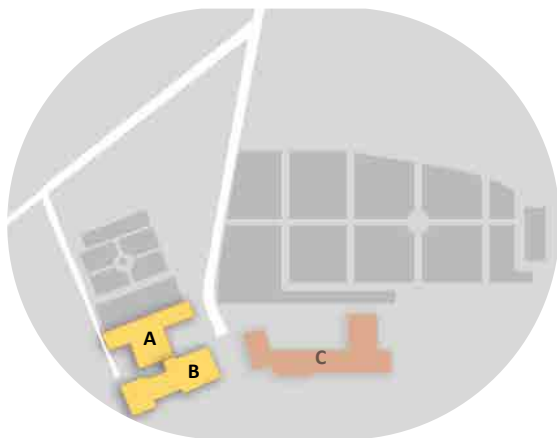
1958 1959 Anos 60 1966 1974 1988



JORGE AUGUSTO CAETANO DA SILVA JOSÉ DE MELLO

Maria Luísa de Lima Mayer morreu a 25 de Abril de **1958** e a propriedade foi repartida por todos os filhos e netos. Foi o seu neto, o empresário Jorge Augusto Caetano da Silva José de Mello, que adquiriu a totalidade da propriedade, comprando as partes que cabiam em herança aos seus familiares.

É importante referenciar que até aos anos 60 o litoral sintrense, transformou-se numa zona privilegiada de segunda residência, principalmente para férias estivais. Podemos ver ainda hoje de arquitetura de veraneio da tipologia "Casa Portuguesa", possuindo projetos de importantes arquitetos desta época como Raul Lino, Norte Júnior ou Tertuliano de Lacerda Marques. Neste cenário, Jorge José de Mello dotou o Palácio de conforto e viveu nele até **1974**, destacando como principais autores das alterações Francisco Caldeira Cabral, Gonçalo Ribeiro Telles e Vasco Regaleira.

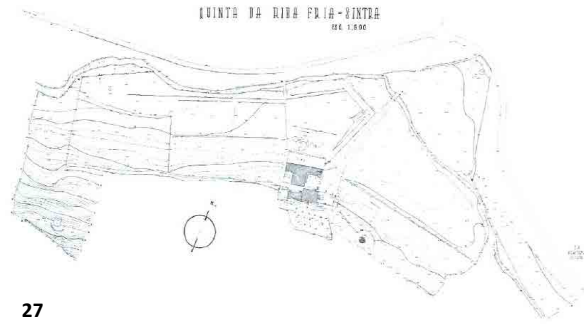
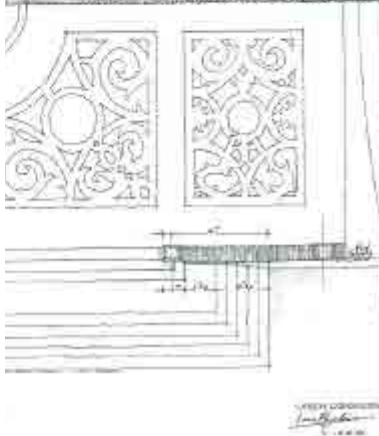
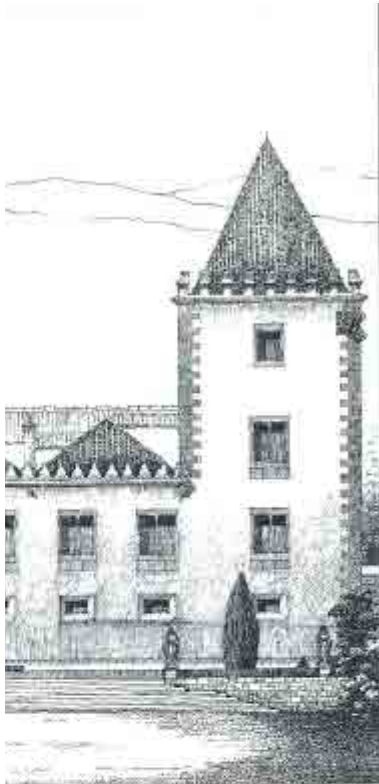


26

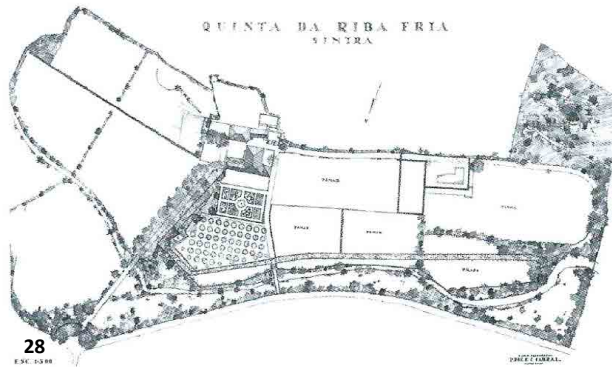
PLANTA



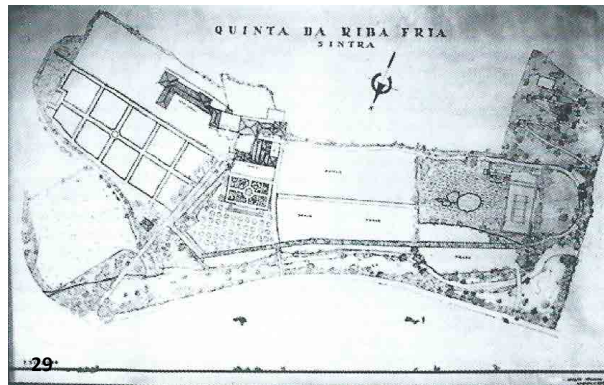
30



27



28



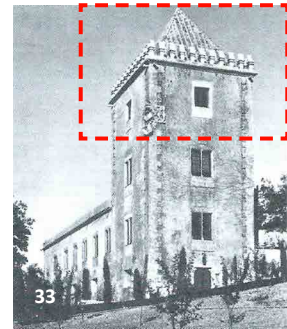
29



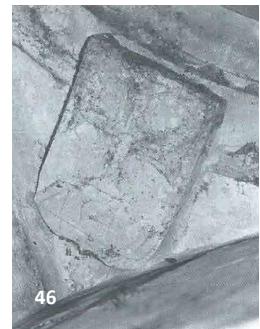
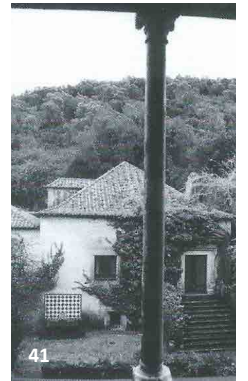
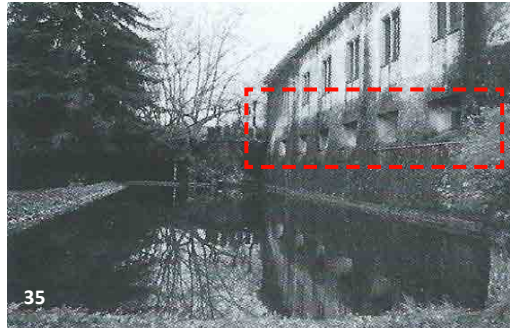
31



32



33





(página esquerda)

26. Apontamento desenhado do alçado norte, datado de 1959 e assinado pelo arquiteto consultor Vasco Regaleira (col. Andrade e Sousa)

27. Levantamento planimétrico da quinta de Ribafria efetuado em 1959, pela Secção Técnica da CUF (col. Andrade e Sousa)

28. Esboço paisagista, datado de 1959, da autoria de Caldeira Cabral (col. Andrade e Sousa)

29. Planta quinta de Ribafria, após inserção do denominado Corpo C (col. Andrade e Sousa)

30. Uma das estátuas de Morteler interpostas na reforma de 1960

31. Fachada norte e escadaria de Regaleira (AMS/AH)

32. Jardim fronteiro em 1960 (Azevedo et alii, 1963)

33. Torre de Ribafria depois da reforma de Jorge de Mello (Azevedo et alii, 1963)

(página direita)

34. Fonte manuelina adjacente ao grande tanque

35. Fachada norte, evidenciando-se o espelho de água adjacente

36. Alçado norte e torre anexa

37. Torre, vista de setentrão

38. Jardim de buxo

39. Portão principal, destacando-se a pedraria barroca armada em 1960

40. Porta quinhentista interposta por Jorge Mello na entrada poente da torre

41. Fachada norte do Corpo B

42. Vista sobre o eirado da torre (AMS/AH)

43. Alçado nascente e entrada para o pátio de lajedo

44. Entrada do pátio de lajedo

45. Fonte renascentista atribuível a Pêro Peixão

46. Escudo com a Cruz de Cristo e esgrafito de 1549 subsistente no interior da cúpula do fontanário renascentista

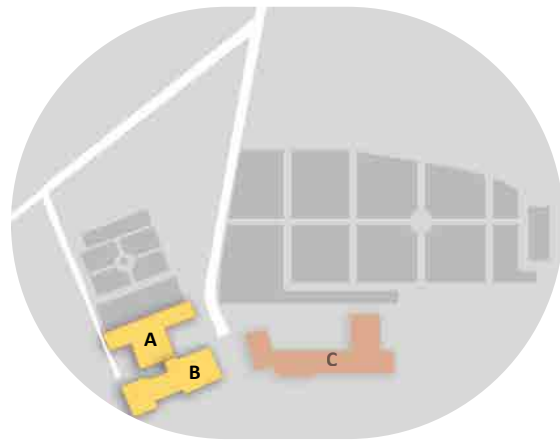
47. Prospeto norte do pátio

48. Ala sul do pátio, com escada reaproveitada aquando da reforma do Corpo B

49. Alçado nascente do pátio

50. Grande cisterna com cobertura abobadada

in "Do *solum* ao solar, uma praxis renascentista na quinta de Ribafria (Sintra)", Maria Teresa Caetano



Alterações conhecidas:

- Fachada Norte - "... a Torre foi novamente restaurada, beneficiada e modificada, quer no telhado, quer nos vãos da fachada." (C.M. Sintra, 2017)

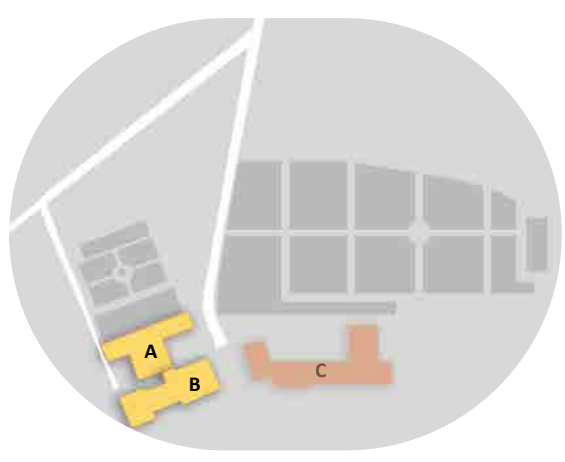
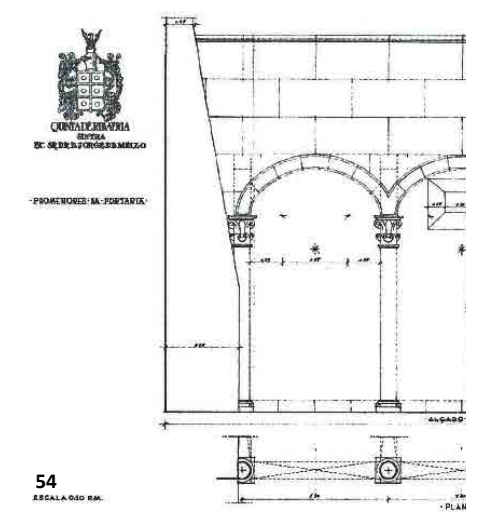
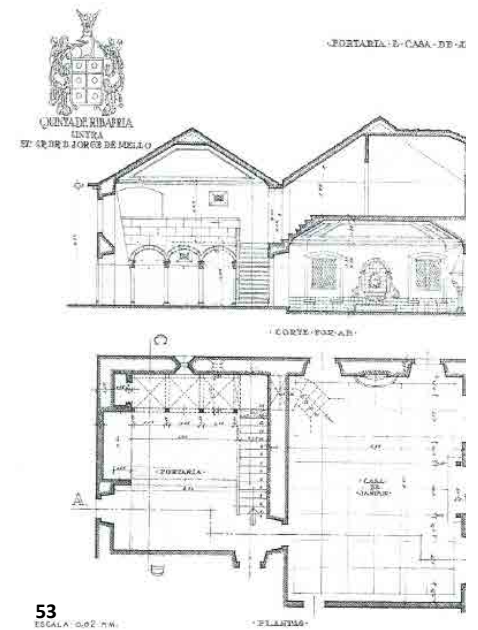
- Adaptações no interior - "... adaptando os arruinados anexos a zonas de habitação, quer, sobretudo, devolvendo ao solar o prospecto renascentista, e dentro do espírito revivalista (...) enriqueceu o interior com diversas estruturas neo-renascentistas." (Alagamares, 2014)

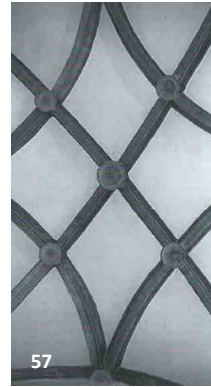
- Zona de Pomar (1959) - "o arquitecto Paisagista Francisco Caldeira Cabral executa um projecto onde implanta uma zona de pomar constituído por vários talhões de nível delimitados por muretes de cerca de 0.5m, no qual instala uma rede de rega por aspersão;" (SIPA, 1991, 2005)

- Portão na entrada principal - "Jorge Mello mandou erguer o imponente portão barroco que dignifica a entrada principal..." (C.M. Sintra, 2017)

- Mina e jardim rochoso (1966) - "...o Arquitecto Paisagista Gonçalo Ribeiro Telles e elabora um projeto para a mina e para um jardim rochoso com riacho que é executado em seguida." (SIPA, 1991, 2005)

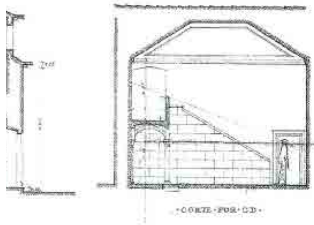
Neste período existiam já referências de uma base do Corpo C, uma "construção de apoio à produção agrícola e de animais (cavalariças)." (C.M. Sintra, 2017)





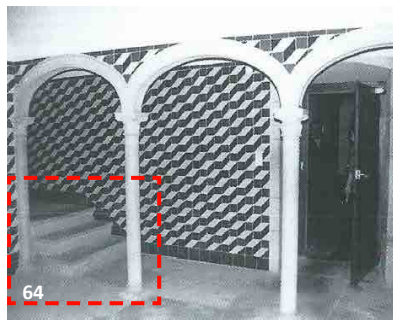
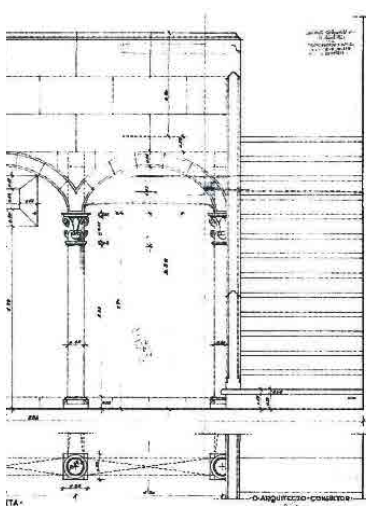
ANTIPA

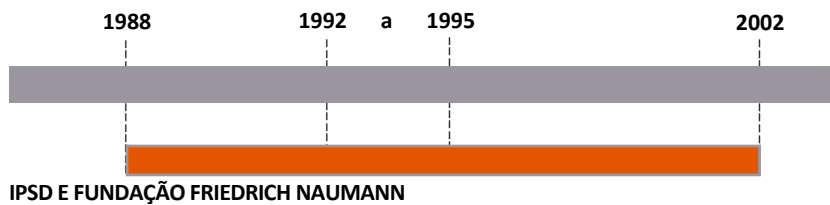
ALVARO SUTER  
 PIAZZA S. PIETRO  
 10121 MILANO, ITALIA  
 TEL. 02/574911



O. ARCHITETTO - CONSULENTE

ALVARO SUTER



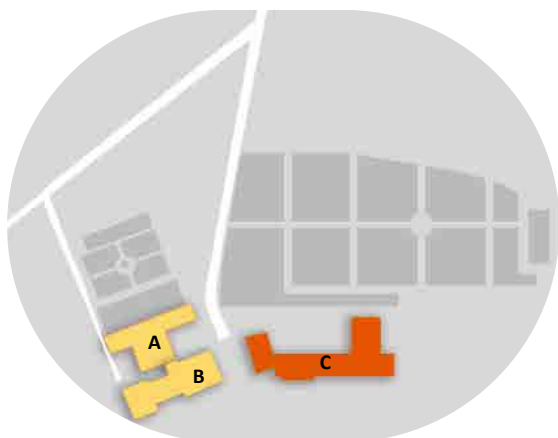


Após o contrato de promessa compra e venda à Fundação Friedrich Naumann, Jorge José de Mello, o Presidente do Conselho de Administração da CUF vendeu a quinta à fundação alemã em **1988**, através do Instituto Progresso Social e Democracia (IPSD), atualmente chamado Instituto Francisco Sá Carneiro.

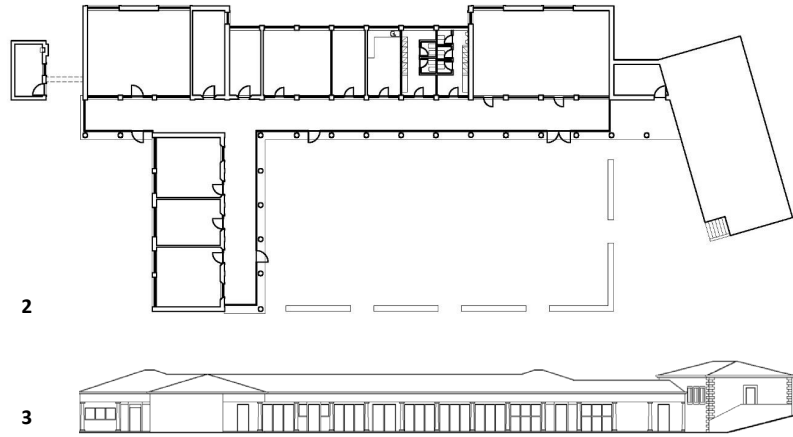
A troca dos proprietários obrigou a adaptação das instalações às funções da academia. A quinta “passou a servir, entre outras iniciativas, para encontros do partido” (Público, 2001). Neste período deu-se a construção do atual Corpo C.

No período de **1992 a 1995** fizeram-se uma série de pequenos restauros por parte da Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra.

“Cerca de trinta anos depois, foi a vez da Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra realizar uma série de limpezas em alguns elementos exteriores: nas esculturas representativas das Quatro Estações do jardim de buxo, entre 1992 e 1993; na fonte renascentista do pátio comum aos Corpos A e B, em 1993; e na casa do tanque de água, em 1995 (Camara, et al., 2005).”(Ana Sousa, 2015).



1. Perspectiva do Corpo C. (Ilustração nossa, 2012)
2. Planta do Corpo C, Fundação Friedrich Naumann, Santos, 2012)
3. Alçado Norte do Corpo C, Fundação Friedrich Naumann, Santos, 2012)
4. Perspectiva Sul do Corpo C. (Ilustração nossa, 2012)
- 5-8. Estátuas representativas das quatro estações do jardim de buxo, de Gonçaves, 2003. (Camara, et al., 2005)



(15)  
 Naumann, 1989. ([Adaptado a partir de:]

Naumann, 1989. ([Adaptado a partir

, 2015)  
 do jardim de buxo, Joaquim





## CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA E ATUALIDADE

Ainda em 1996, Sintra é classificada como Património Mundial na categoria de Paisagem Cultural pela sua herança histórica, antropológica e ambiental. Por tudo isto, as atenções voltam a concentrar-se sobre Sintra e a preservação da sua paisagem cultural tornou-se um imperativo.

Sintra amplificou assim a valorização da sua imagem de um ponto de vista cultural, dada também a presença na região de vários monumentos classificados ao longo dos tempos, entre eles Palácio Nacional da Pena, Palácio de Queluz, Palácio e Quinta da Regaleira, Chalet e Jardins da Condessa d'Edla, Palácio Nacional de Sintra, Castelo dos Mouros, Palácio de Monserrate, Convento dos Capuchos e Os Paços do Concelho.

Este crescimento cultural fez com que a Câmara Municipal de Sintra exercesse direito de preferência e adquirisse a propriedade a 17 de Dezembro de 2002.

Seguindo este percurso voltado para as artes e o envolvimento do público, a Quinta da Ribafria esteve envolvida em vários acontecimentos nestes últimos anos.

Em 2010, por exemplo, a quinta foi palco para as filmagens da obra de Raul Ruiz "Mistérios de Lisboa".

Já em 2014 beneficiou de um parecer feito por parte da Associação Cultural Alagares e um grupo de cidadãos, para que fosse aproveitada.

"Na perspetiva de identificar as várias patologias detetadas na Quinta e de encontrar propostas de soluções para o seu futuro, a Alagares- Associação Cultural e um grupo de munícipes promoveram (...) uma visita técnica ao local, tendo posteriormente sido solicitado a todos os presentes que registassem os seus pareceres e sugestões construtivas" com a "identificação dos problemas, e (...) algumas propostas para a viabilidade cultural e económica da Quinta da Torre de Ribafria." (Alagares, 2014)

No ano seguinte, a 1 de Maio de 2015 os jardins da quinta foram abertos ao público, dando-se a inauguração de percursos pedestres e de uma exposição de escultura de Laranjeira Santos.

Em anos mais recentes continuou a ser cenário para vários programas culturais patrocinados pela própria Câmara Municipal de Sintra.

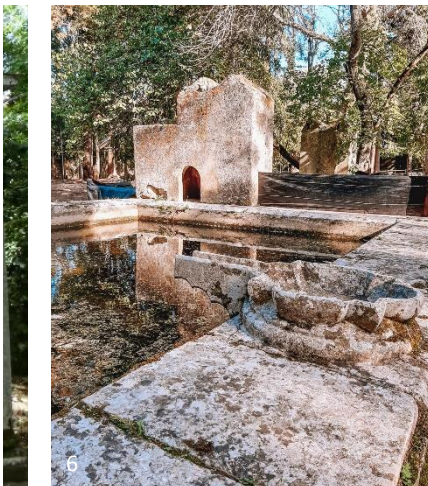


Fig. 1 - Portão de delimitação da quinta de Ribafria, Foto de Tatiana Cardoso

Fig. 2 - Portão de entrada principal da Quinta de Ribafria, CM-SINTRA.PT

Fig. 3 - Portão de limitação da quinta de Ribafria, Foto de Tatiana Cardoso

Fig. 4 - Rio das maçãs, Foto de Luís Lourenço

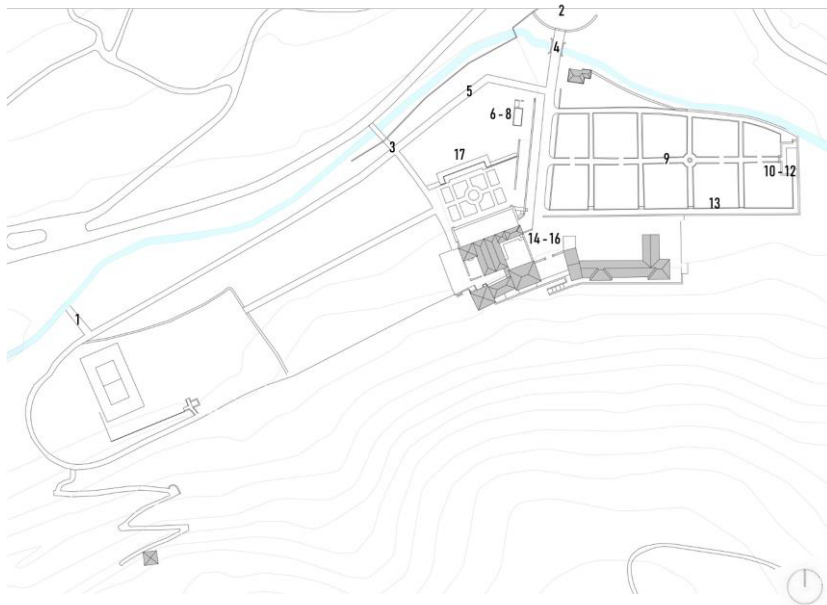
Fig. 5 - Percurso de ligação à área de lazer, tripadvisor.pt

Fig. 6 - Tanque de reserva de água, Foto de Tatiana Cardoso

Fig. 7 - Moinho, tripadvisor.pt

Fig. 8 - Moinho, Foto de Tatiana Cardoso

Fig. 9 - Laranjal, tripadvisor.pt



Planta de localização dos registos fotográficos

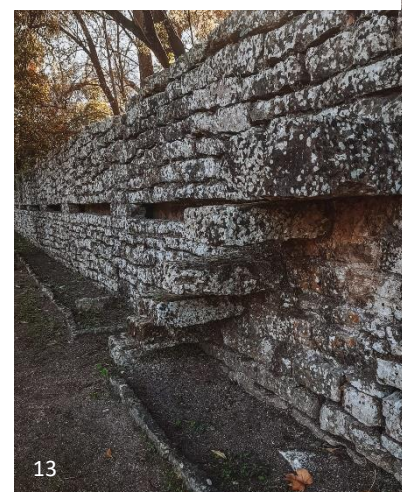


Fig. 10 - Vista perspéctica da fonte junto ao laranjal, Quinta da Ribafria – Passado Presente e Futuro, Ângela Agostinho (Tese de Mestrado)

Fig. 11 - Tanque da fonte junto ao laranjal, Foto de Tatiana Cardoso

Fig. 12 - Fonte junto ao laranjal, tripadvisor.pt

Fig. 13 - Muro com caleira de distribuição de águas, Foto de Tatiana Cardoso

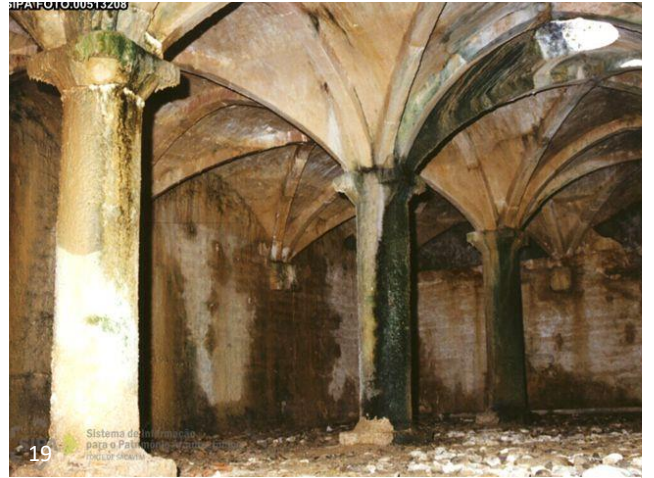
Fig. 14 - Vista do pátio exterior, Quinta da Ribafria – Passado Presente e Futuro, Ângela Agostinho (Tese de Mestrado)

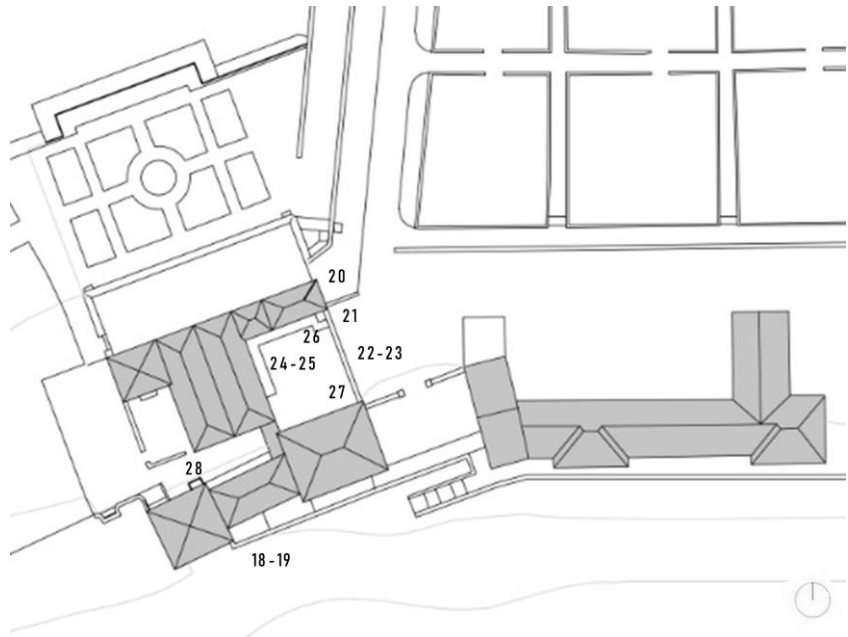
Fig. 15 - Estátua, alagamares.com

Fig. 16 – Vista para o Alçado Poente, tripadvisor.pt

Fig. 17 – Estátuas existentes na quinta de Ribafria (representação das estações do ano) , Quinta da Ribafria – Passado Presente e Futuro, Ângela Agostinho (Tese de Mestrado)







Planta de localização dos registos fotográficos

Fig. 18 - Entrada exterior de cisterna, Foto de Carina Gonçalves

Fig. 19 - Vista interior da cisterna, SIPA

Fig. 20 - Entrada exterior de cisterna, Foto de Carina Gonçalves

Fig. 21 - Fonte e Estátua do pátio de receção, tripadvisor.pt

Fig. 22 - Porta de acesso ao pátio, Quinta da Ribafria – Passado Presente e Futuro, Ângela Agostinho (Tese de Mestrado)

Fig. 23 - Ameias, Foto de Luís Lourenço

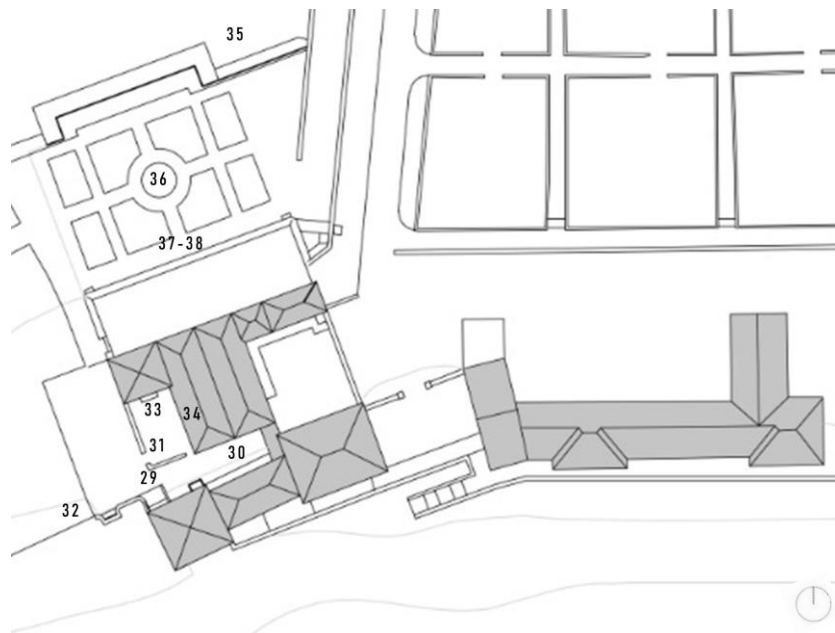
Fig. 24 - Vista do pátio para o alçado oeste do pátio, Foto de Carina Gonçalves

Fig. 25 - Perspetiva norte do pátio, Foto de Tatiana Cardoso

Fig. 26 - Fonte renascentista, Foto de Tatiana Cardoso

Fig. 27 - Alçado a Sul, com destaque a escadaria de pedra, Foto de Carina Gonçalves

Fig. 28 - Fonte de pátio exterior, Foto de Luís Lourenço



Planta de localização dos registos fotográficos



Fig. 29 - Vista do pátio exterior, Foto de Tatiana Cardoso

Fig. 30 - Vista de pátio exterior, beyondlisbon.wordpress.com

Fig. 31 - Pátio de apoio a sala de jantar, Quinta da Ribafria – Passado Presente e Futuro, Ângela Agostinho (Tese de Mestrado)

Fig. 32 - Estátua de um leão, alagamares.com

Fig. 33 - Vista sobre o eirado da torre, Foto de Luís Lourenço

Fig. 34 - Vista de sala de jantar para pátio exterior, Foto de Tatiana Cardoso

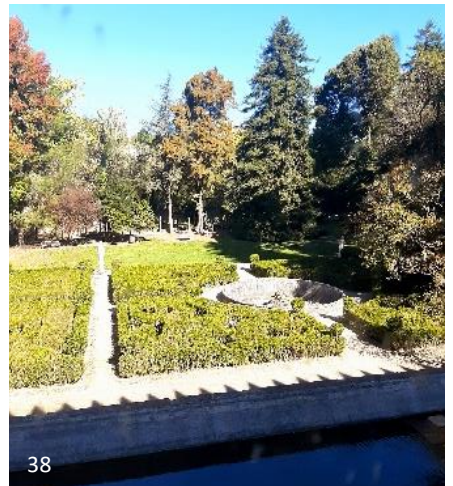
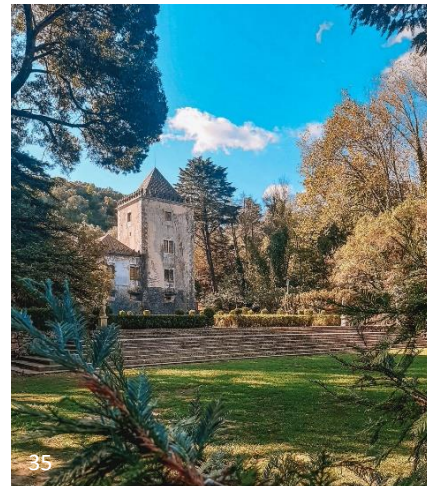
Fig. 35 - Vista perspética do alçado norte, evidenciando a escadaria precedente, Foto de Tatiana Cardoso

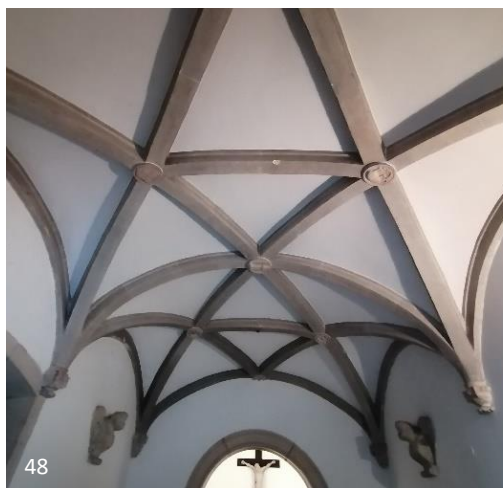
Fig. 36 - Vista perspética do alçado norte, Foto de Tatiana Cardoso

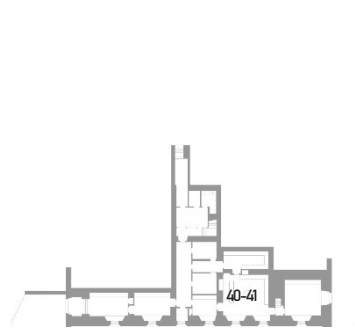
Fig. 37 - Vista para o Jardim de Buxo, SIPA

Fig. 38 - Vista para o jardim de buxo, Foto de Tatiana Cardoso









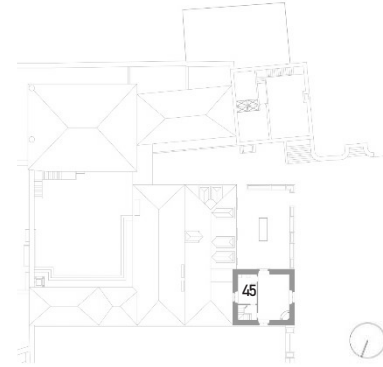
Planta Piso 0



Planta Piso 1



Planta Piso 2



Planta Piso 3

Planta de localização dos registos fotográficos

Fig. 39 - Sala de caça, Foto de Carina Gonçalves

Fig. 40 - Cozinha, Foto de Tatiana Cardoso

Fig. 41 - Cozinha, Foto de Carina Gonçalves

Fig. 42 - Biblioteca, Foto de Tatiana Cardoso

Fig. 43 - Janela com conversadeira, Foto de Carina Gonçalves

Fig. 44 - Sala de jantar fonte, Foto de Andreas Mendes

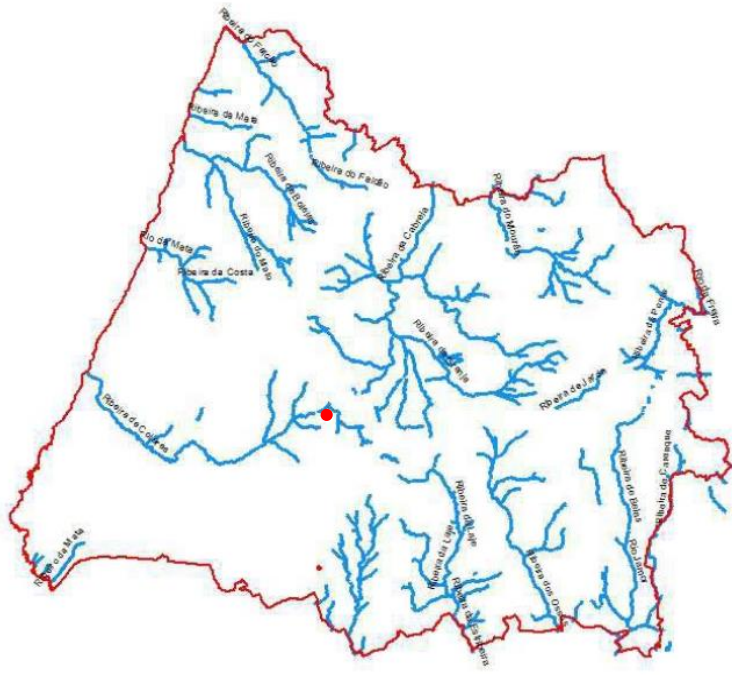
Fig. 45 - Instalação sanitária, Foto de Andreas Mendes

Fig. 46 - Vista para o jardim de buxo, Foto de Carina Gonçalves

Fig. 47 - Fotografia geral da sacristia, Foto de Andreas Mendes

Fig. 48 - Abóbada de cruzaria da capela palatina, Foto de Luís Lourenço

Fig. 49 - Estátuas embutidas na parede na capela, Foto de Andreas Mendes



1



## Implantação

Uma caracterização genérica aponta para diferenças na disposição dos cursos de água que drenam o concelho. Sintra é marcada por duas expressões geomorfológicas distintas: A Serra de Sintra, resultado da intrusão do maciço eruptivo ígneo, e uma extensa plataforma plana que corresponde à Plataforma de Abrasão Marinha de São João das Lampas.



2

Existe uma boa densidade de drenagem, indicador do nível de permeabilidade do solo, sendo a sua distribuição territorial heterogênea. A norte da Serra de Sintra, a densidade de drenagem é superior nos terrenos do Mesozoico, onde predominam as formações geológicas de natureza sedimentar, com uma boa expressão argilosa. Por seu lado nos terrenos do Cenozoico, constituídos também pelas areias do Plistocénico e do Holocénico, a elevada permeabilidade é responsável por uma elevada infiltração em detrimento da escorrência o que se como resultado uma menor densidade de drenagem. A sul da Serra de Sintra, serra que funciona como elemento separador das bacias hidrográficas, existe uma boa densidade drenagem orientada para sul. O padrão de drenagem é essencialmente dendrítico, existindo troços com orientação paralela. Os cursos de água são maioritariamente de natureza intermitente, com as principais linhas de água de carácter perene.

Na várzea junto à ribeira de Colares (a N da serra), onde os declives são mais suaves, surgem os campos cultivados (atividade agrícola), algumas linhas de água (com destaque para a ribeira de Colares) e a compartimentação de terrenos realizada por sebes e arvoredos. Serviram de base à delimitação desta unidade, os solos de aluvião da Ribeira de Colares, o sistema húmido, a vegetação ripícola e os solos de elevado valor ecológico associados a este sistema. Abrange toda a extensão da Ribeira de Colares, numa faixa estreita, desde a zona de Lourel, até à sua foz, na Praia das Mações



## Legenda

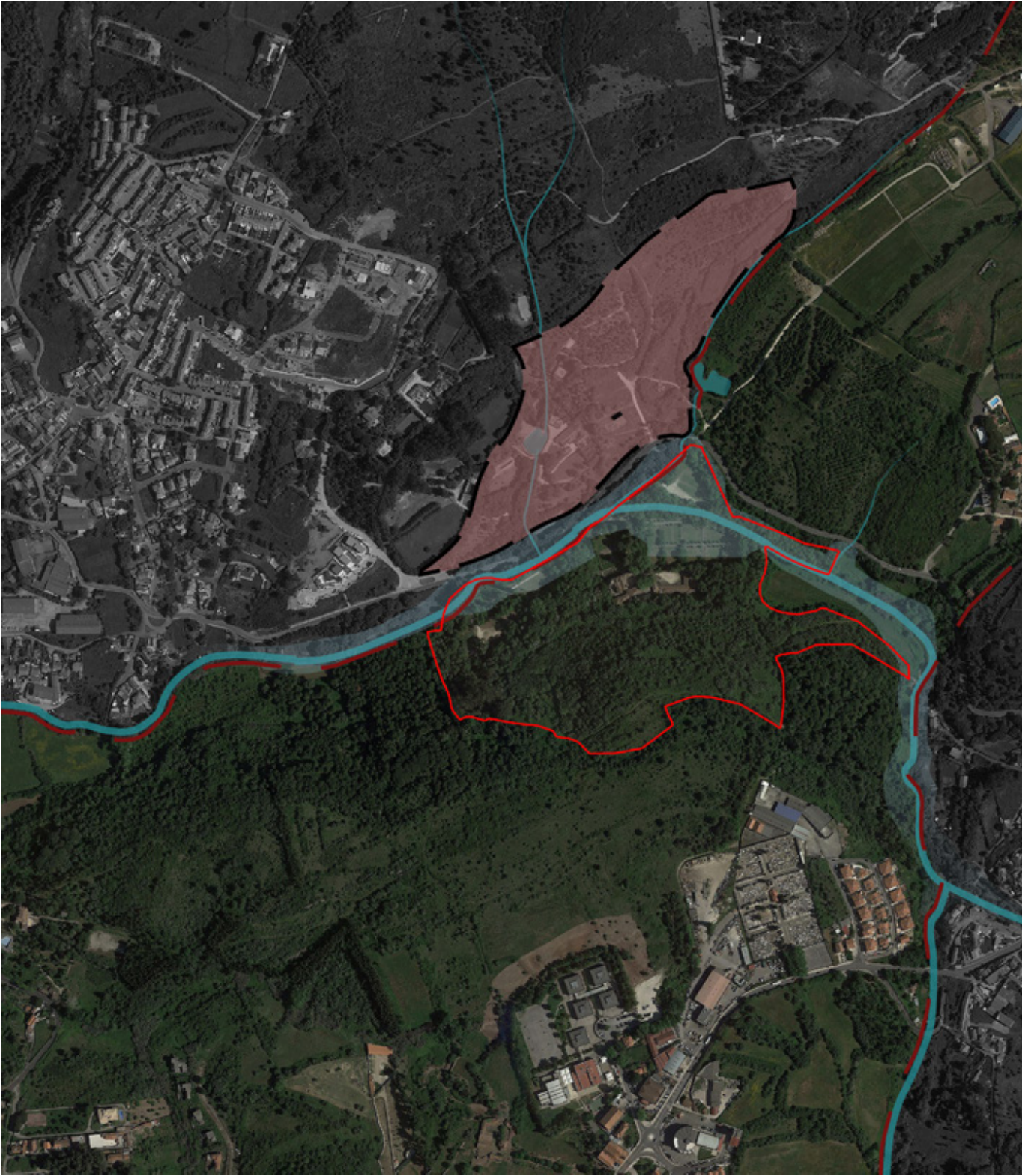
1 – Cursos de água que povoam o Concelho de Sintra

2 – Várzea de Colares

3 – Serra de Sintra

4 – Praia das Mações onde desagua o Rio das Mações ou Ribeira de Colares

● - Quinta dos Ribafrias



## Dentro da cerca: Arquitetura

MAPAS DE CARTOGRAFIA E DE INFRAESTRUTURAS

Inês Firmino 20161113, Daniela Barcelos 20161284,  
Nuno Ribeiro 20161075, Sílvia Rodrigues 20161075

A Quinta da Ribafria pertence ao concelho de Sintra e está situada entre a localidade Cabriz e a localidade Lourel, na extremidade da Serra de Sintra. Apesar de atualmente os limites de Ribafria serem os que estão representados a branco no mapa ao lado, não se pode descartar toda a influência que o território envolvente (Serra de Sintra) tem na quinta. No século XVI, a Herdade das Laranjeiras (que mais tarde se tornaria na Quinta da Ribafria), foi oferecida a Gaspar Gonçalves por parte do rei D.Manuel I. Esta herdade tinha a particularidade de ser de grandes dimensões.

O seu território estendia-se por mais de seis quilómetros a norte (quase até Penha Verde e Terrugem), e a sul os limites aproximavam-se do centro da vila de Sintra. Nas imediações da quinta, é possível encontrar uma pequena capela, a Ermida de Santo Amaro. Esta capela foi mandada construir em meados do século XVI e pertence à Quinta de Santo Amaro. Durante a primeira metade do século XX, o proprietário da capela mandou reconstruí-la o que acabou por descaracterizar e desvirtuar por completo a sua arquitetura original. Na figura ao lado, indicado com uma macha vermelha, pode-se verificar os possíveis limites da quinta, a qual a capela pertencia e é a partir desta implantação que se tentou fazer uma previsão dos possíveis limites que a Quinta da Ribafria detinha antigamente. Para a determinação destes antigos limites de Ribafria, teve-se em conta a informação histórica da abrangência do território, a implantação da Ermida de Santo Amaro (considerando como vizinhos os terrenos da Quinta da Ribafria e da Quinta de Santo Amaro) e o Rio das Maças bem como os seus afluentes, como peças determinantes do desenho do território. Os limites representados a branco no mapa, são os limites institucionais fornecidos pela Câmara Municipal de Sintra e são apenas uma fracção do que originalmente foram.

A Serra de Sintra é composta por uma grande biodiversidade, que proporciona um número muito grande e variado de ecossistemas. Para além da riqueza a nível florestal que a serra dispõe, também é importante realçar os recursos hídricos presentes nesta área. A rede hidrográfica da Serra de Sintra é muito densa o que possibilita a presença de inúmeras linhas de água, ribeiras e nascentes. O curso de água que apresenta um maior protagonismo é o Rio das Maças. Este rio atravessa grande parte do concelho de Sintra indo desaguar à Praia das Maças. Este rio delimita o limite mais a norte da Serra de Sintra, e podendo-se contar com a sua presença na Ribafria. A quinta aproveita a água proveniente deste rio, bem como das águas vindas da serra, com alguma destreza. É possível encontrar vários elementos que funcionam em conjunto com a água dispersos pela quinta.

No entanto, devido à grande abundância deste elemento, é necessário tomar as devidas precauções porque as cheias sejam evitadas. As cheias do Rio das Maças são capazes de criar grandes danos por todo o concelho de Sintra, daqui o decorrente o especial cuidado que é necessário ter nas imediações deste curso de água



Figura 1- Limites da quinta, Rio das Maças (linha azul), zonas de cheia (mancha azul)

█ Possível antigo limite da Quinta de Santo Amaro

▤ Possível antigo limite da Quinta da Ribafria

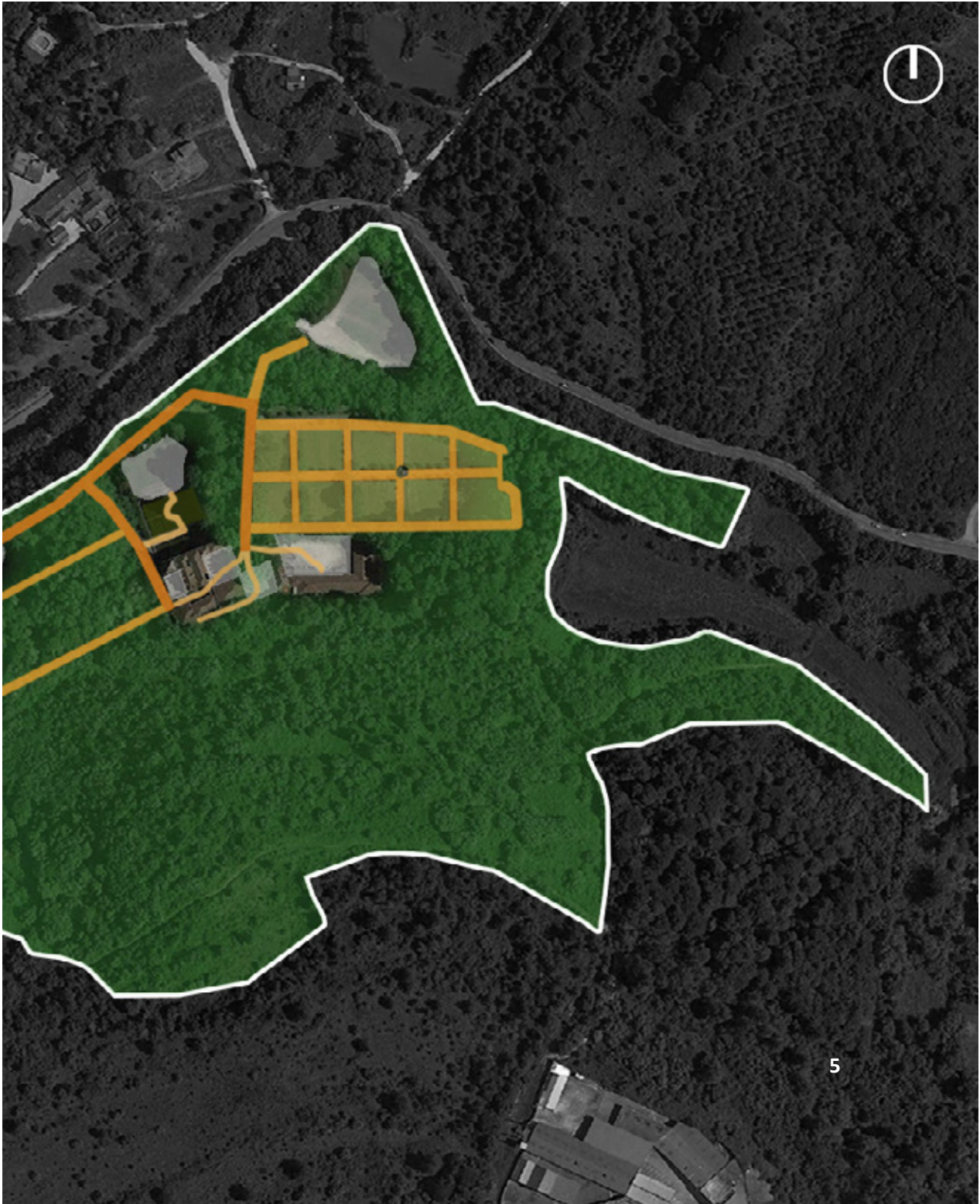
▭ Limites atuais da Quinta da Ribafria

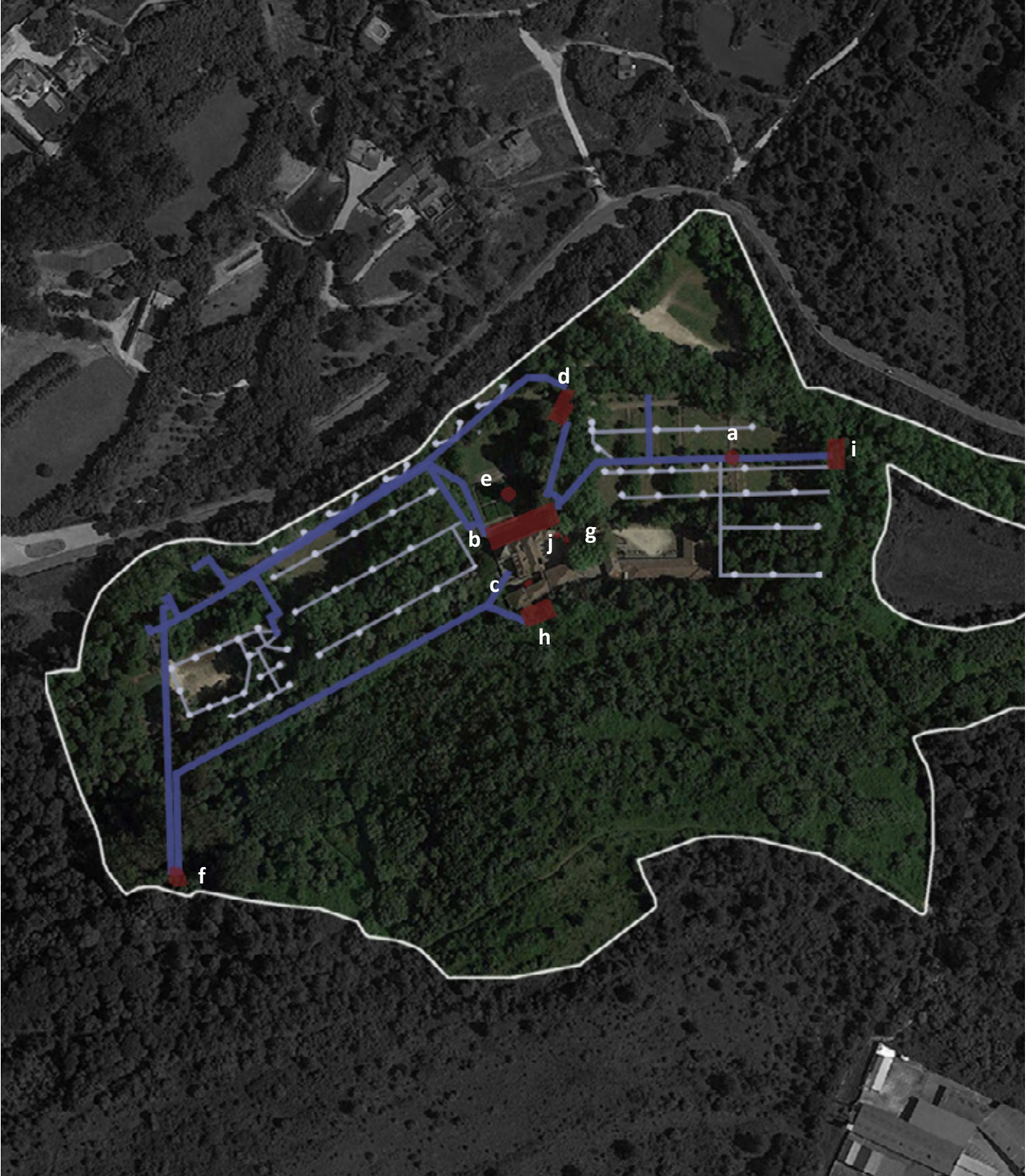
Como se pode verificar, esta quinta está implantada na Serra de Sintra e conta, por isso, com uma grande densidade e variedade florestal. Quanto à vegetação, a quinta dispõe de três grupos principais: o bosque, o jardim de buxo e também do pomar. Com o bosque, temos um contacto imediato com a Serra de Sintra, pode-se encontrar uma variedade muito rica de espécies florestais de grande porte. Ribafria conta também com um jardim de buxo que é um elemento característico por parte das quintas de recreio, no que diz respeito à expressão do verde. A quinta é composta ainda por mais um elemento verde que é o pomar/mata. Este espaço é constituído por várias árvores de fruto, hortaliças e ervas aromáticas e era um dos principais sustentos da quinta.



Figura 5- Percursos exteriores da Quinta da Ribafria e os seus tipos de vegetação

- Pomar (hortaliças, ervas aromáticas, flores, cidreiras, laranjeiras, limoeiros)
- Jardim de Buxo
- Bosque (sequóias, castanheiros, carvalhos, cedros)
- Clareiras





## Dentro da cerca: Arquitetura

MAPAS DE CARTOGRAFIA E DE INFRAESTRUTURAS

Inês Firmino 20161113, Daniela Barcelos 20161284,  
Nuno Ribeiro 20161075, Sílvia Rodrigues 20161075

Um outro elemento das quintas de recreio, é a água. Na Quinta da Ribafria, é possível de encontrar diversos elementos construídos e naturais que usufruem deste recurso natural, dispersos pelo o território. Fontes, tanques de água, cisterna, mãe-de-água, nora; são os componentes que tiram o proveito da água e estão localizados em posições estratégicas na quinta. A água, devido a estes elementos, torna-se uma companhia assídua que nos acompanha em qualquer ponto do território. De modo a que seja possível alimentar todos os elementos hídricos é necessário uma extensa canalização e um sistema de rega adequado à área da quinta. Este sistema de rega é composto por uma série de levadas que são pequenos canais de irrigação cujo o objetivo é direcionar a água ao longo de um troço.



Figura 6- Sistema de rega e canalizações da Quinta da Ribafria

- Canalizações
- Levadas

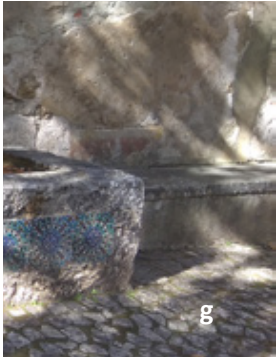
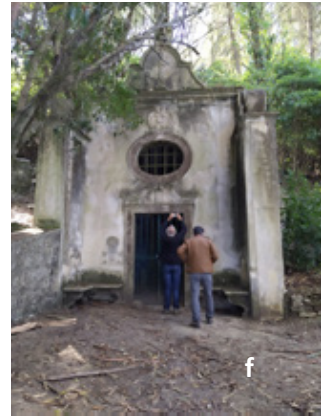
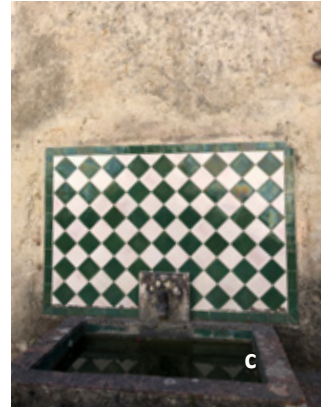
Antigamente a água era um elemento que simbolizava poder e ela era um elemento muito comum e presente das tipologias das quintas de recreio. As quintas costumavam ter vários sistemas de retenção e de extração de água que se iam complementando uns aos outros sucessivamente, algo que é bastante presente na Quinta da Ribafria.

Em Ribafria, este recurso natural toma várias funções. A água tanto pode ser utilizada como nossa acompanhante nos vários percursos existentes na quinta devido à presença de várias fontes dispersas pela quinta. Esta dispersão de vários elementos que tiram proveito da água, confere à quinta um ambiente fresco e bastante tranquilizante devido ao próprio efeito sonoro que a água produz.

Na quinta, a água serve ainda como elemento pontificante da fachada a norte do corpo A. O espelho de água aqui construído, torna esta fachada numa fachada de aparato e este é a principal forma de representatividade do poder da família, algo que é tipicamente português.

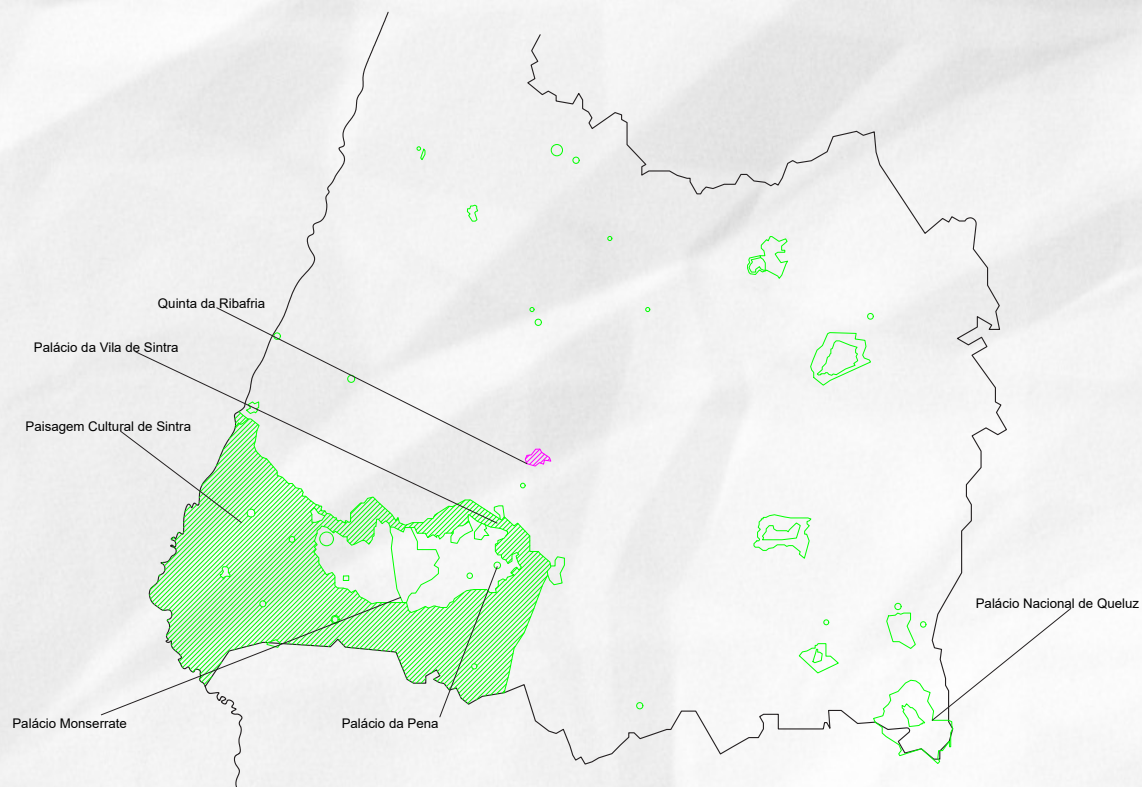


- (a) Fonte do pomar
- (b) Espelho de água
- (c) Fonte do Corpo B
- (d) Tanque da nora
- (e) Fonte do jardim de buxo
- (f) Mãe D'Água
- (g) Fonte do espaço de chegada
- (h) Cisterna
- (i) Tanque do pomar
- (j) Fonte do pátio interior

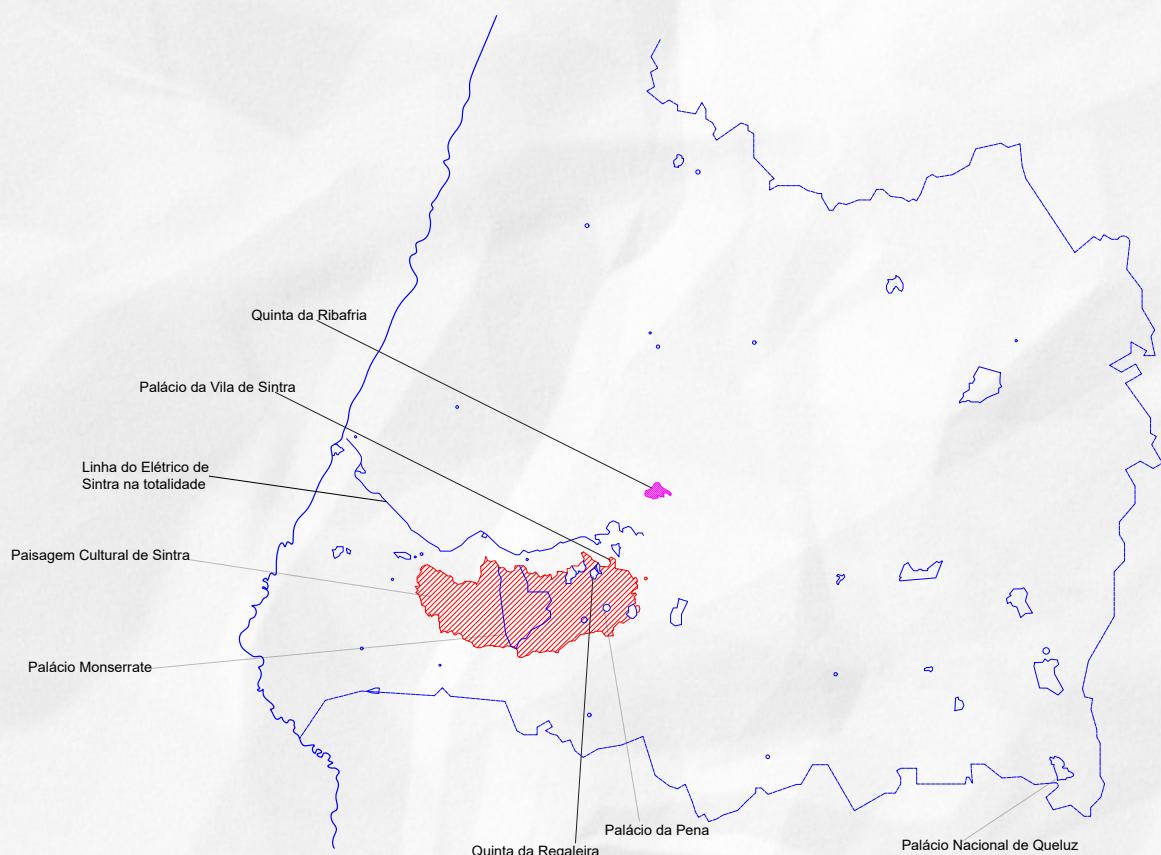


## 5. Peças Finais

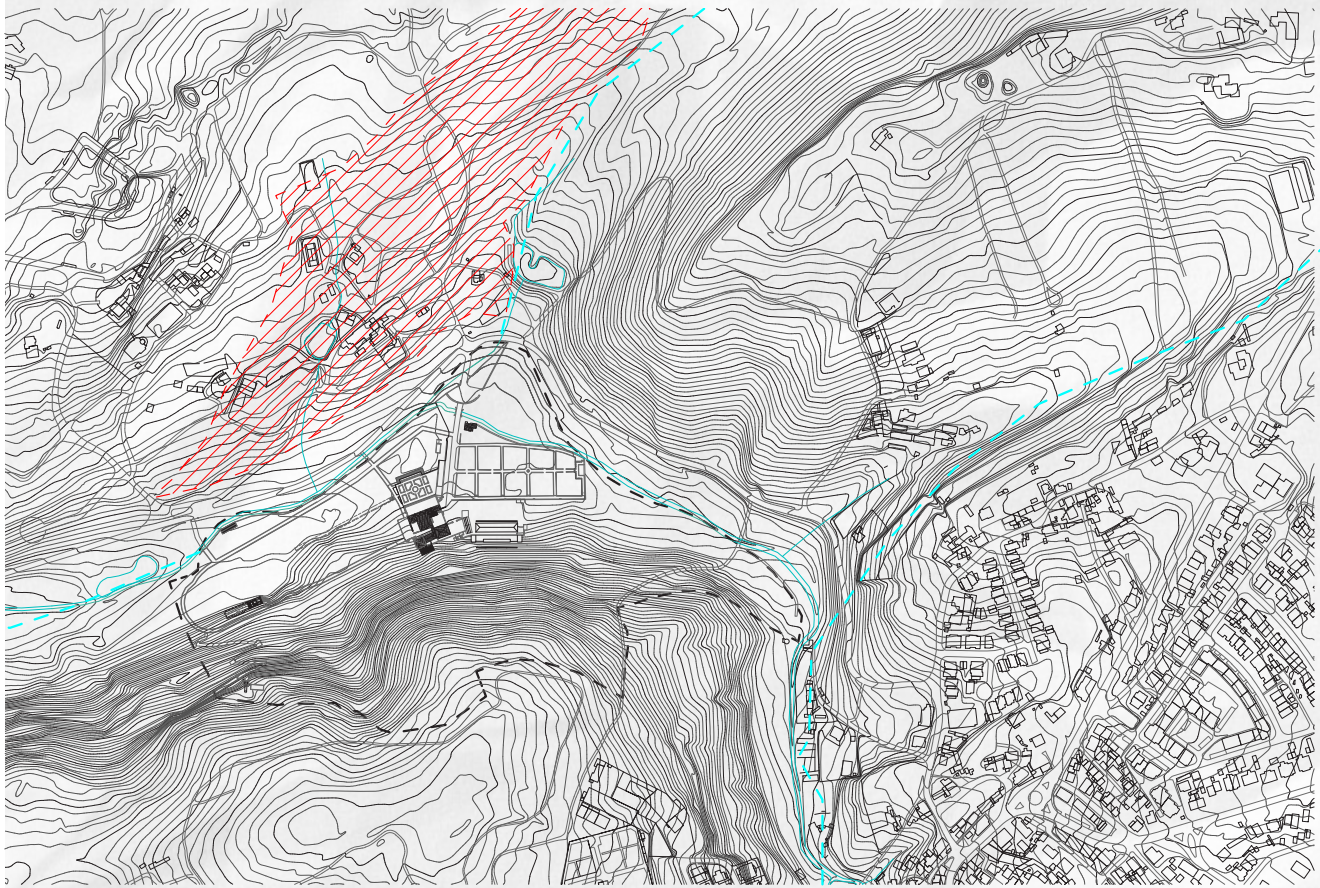
Mapa das áreas protegidas de Sintra



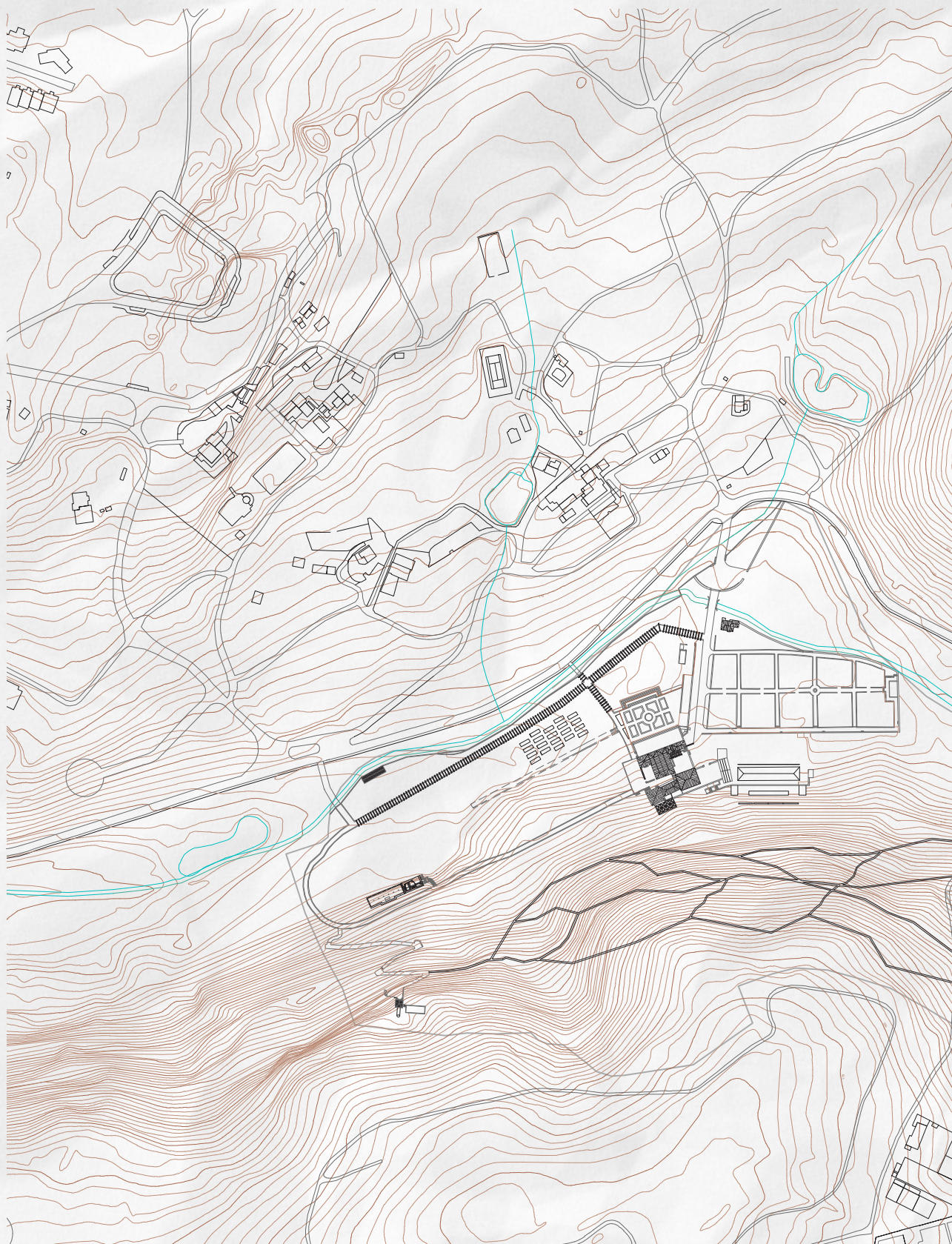
Mapa do Património Classificado ou em Vias de Classificação em Sintra



REABILITAÇÃO DA QUINTA DA RIBAFRIA CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE ARTES NUM ESPAÇO ESQUECIDO

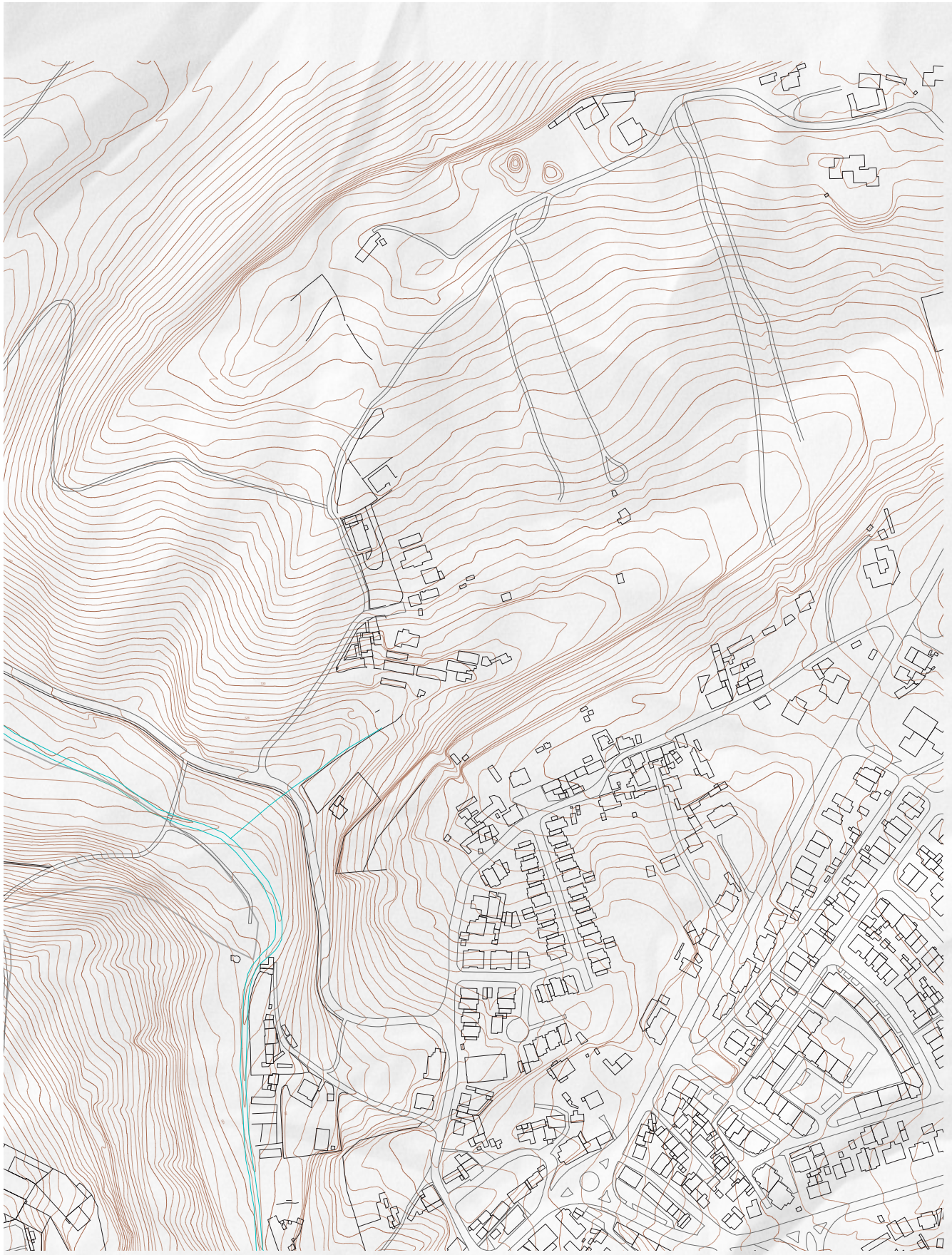


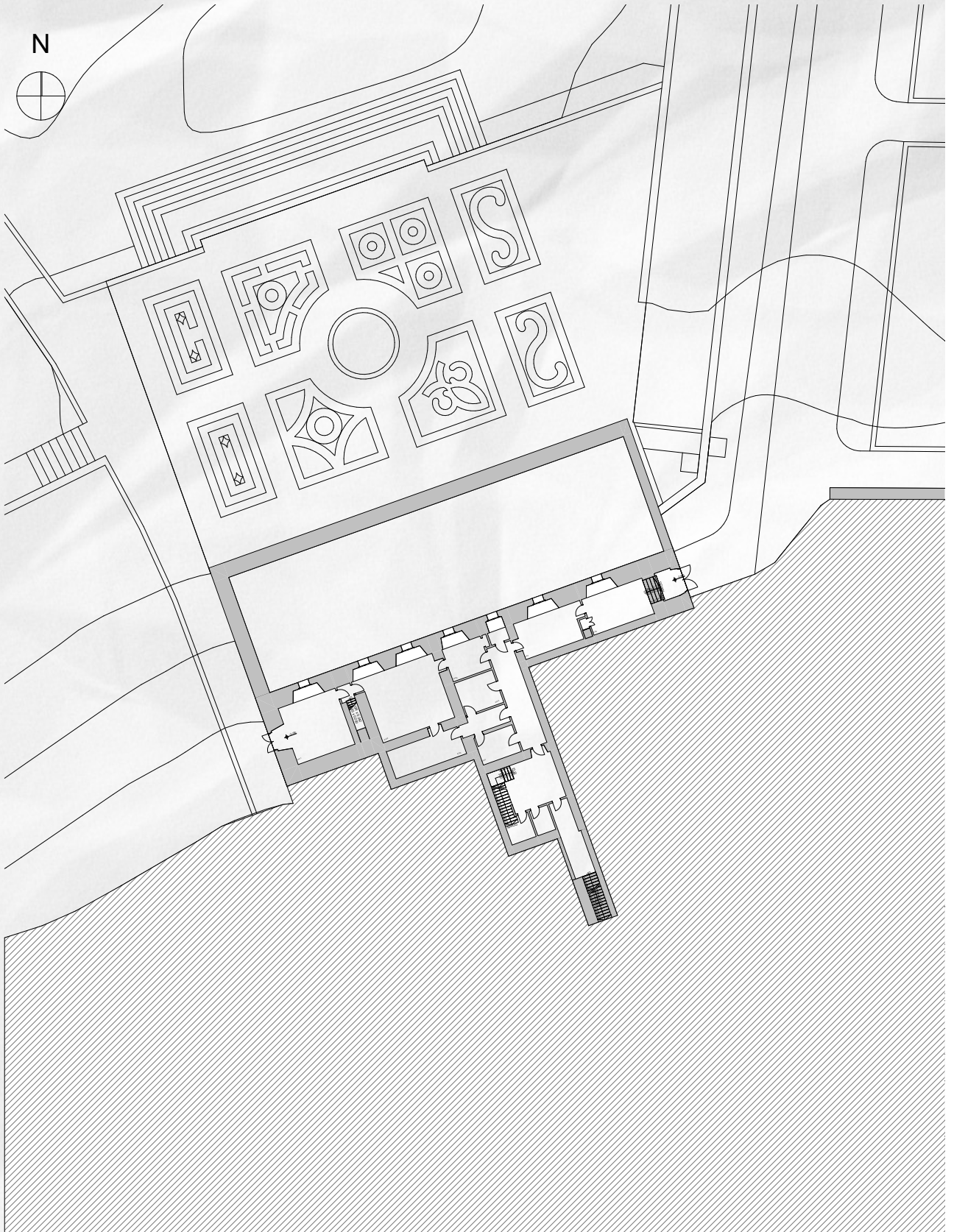
- Possível antigo limite da Quinta de Santo Amaro — — —
- Possível antigo limite da Quinta da Ribafria [ — ]
- Limites atuais da Quinta da Ribafria [ = ]



Planta de localização Escala 1-2000

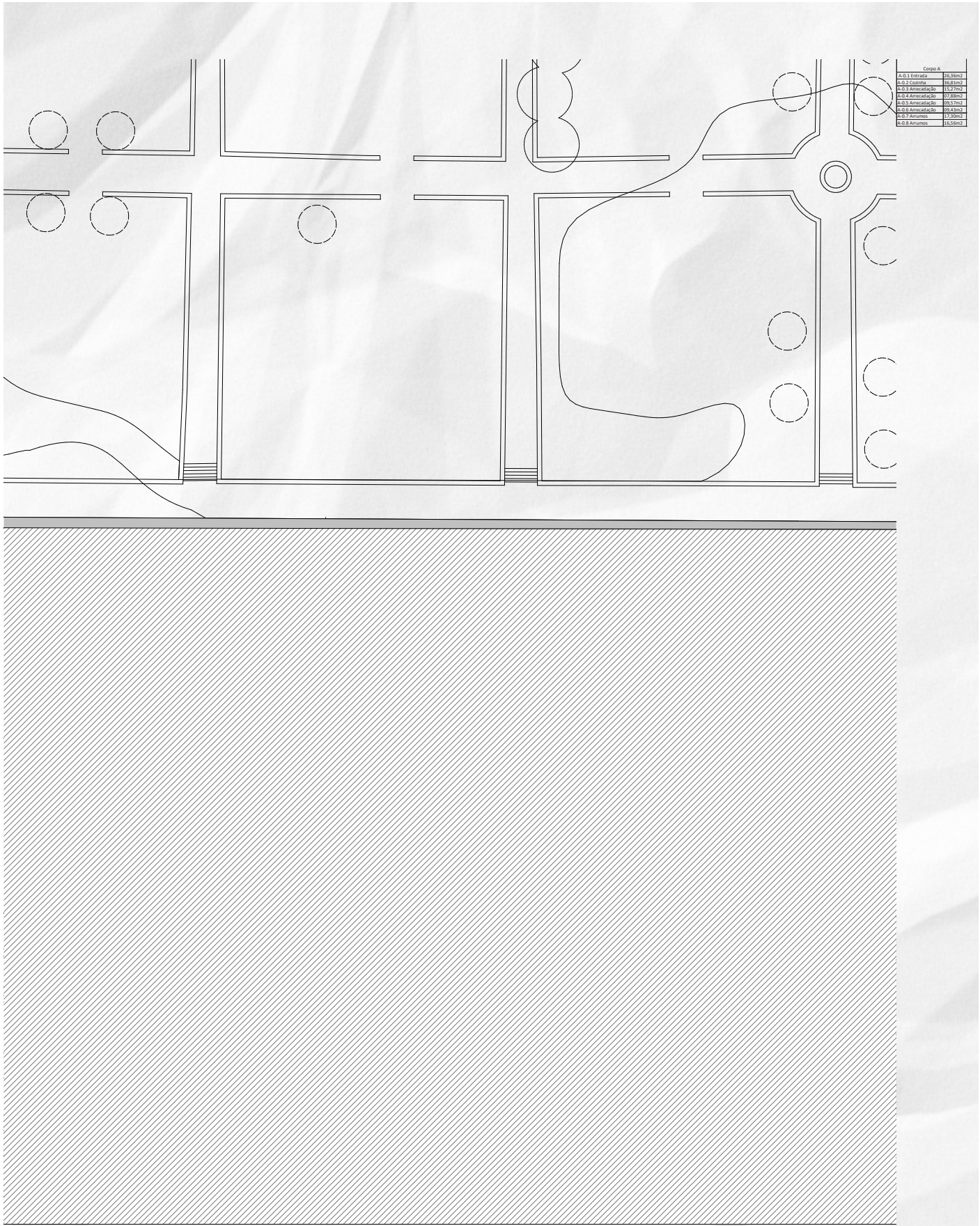
REABILITAÇÃO DA QUINTA DA RIBAFRIA CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE ARTES NUM ESPAÇO ESQUECIDO



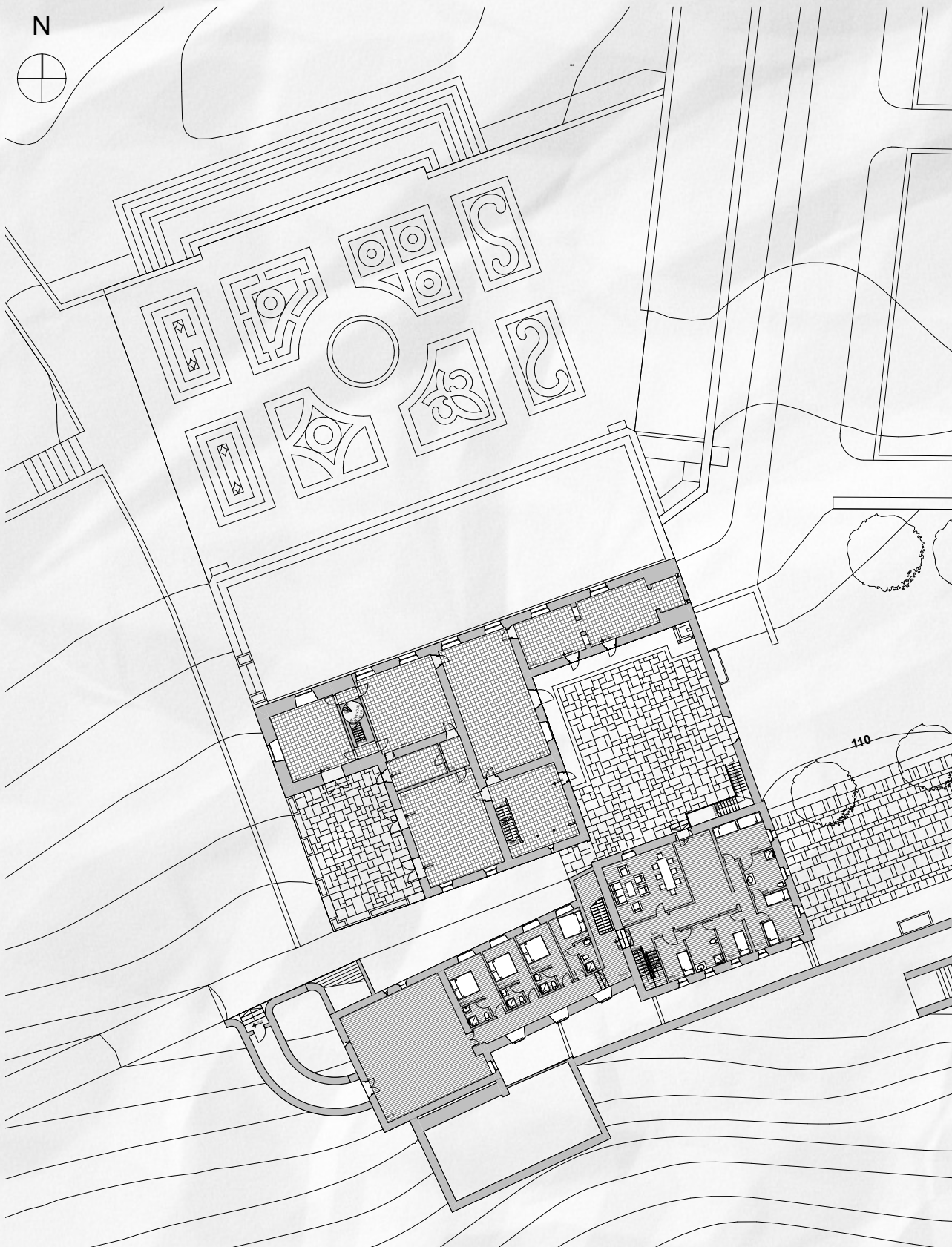


Planta Piso -1 Escala 1-200

REABILITAÇÃO DA QUINTA DA RIBAFRIA CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE ARTES NUM ESPAÇO ESQUECIDO

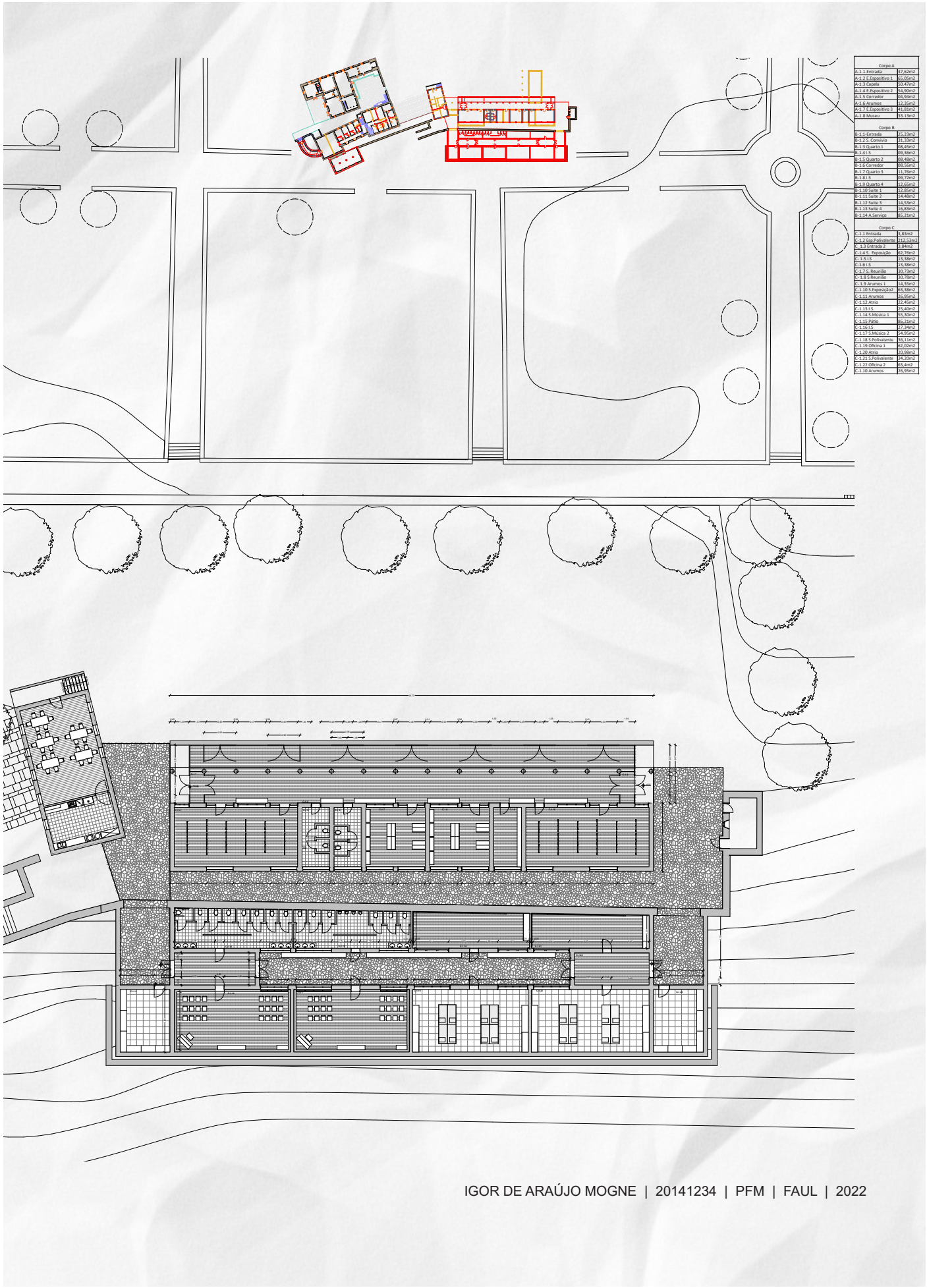


Compo A	
A.0.1 Entrada	26,96m <sup>2</sup>
A.0.2 Cozinha	36,81m <sup>2</sup>
A.0.3 Armazenagem	13,27m <sup>2</sup>
A.0.4 Armazenagem	17,88m <sup>2</sup>
A.0.5 Armazenagem	25,57m <sup>2</sup>
A.0.6 Armazenagem	24,42m <sup>2</sup>
A.0.7 Armazenagem	17,35m <sup>2</sup>
A.0.8 Armazenagem	15,56m <sup>2</sup>

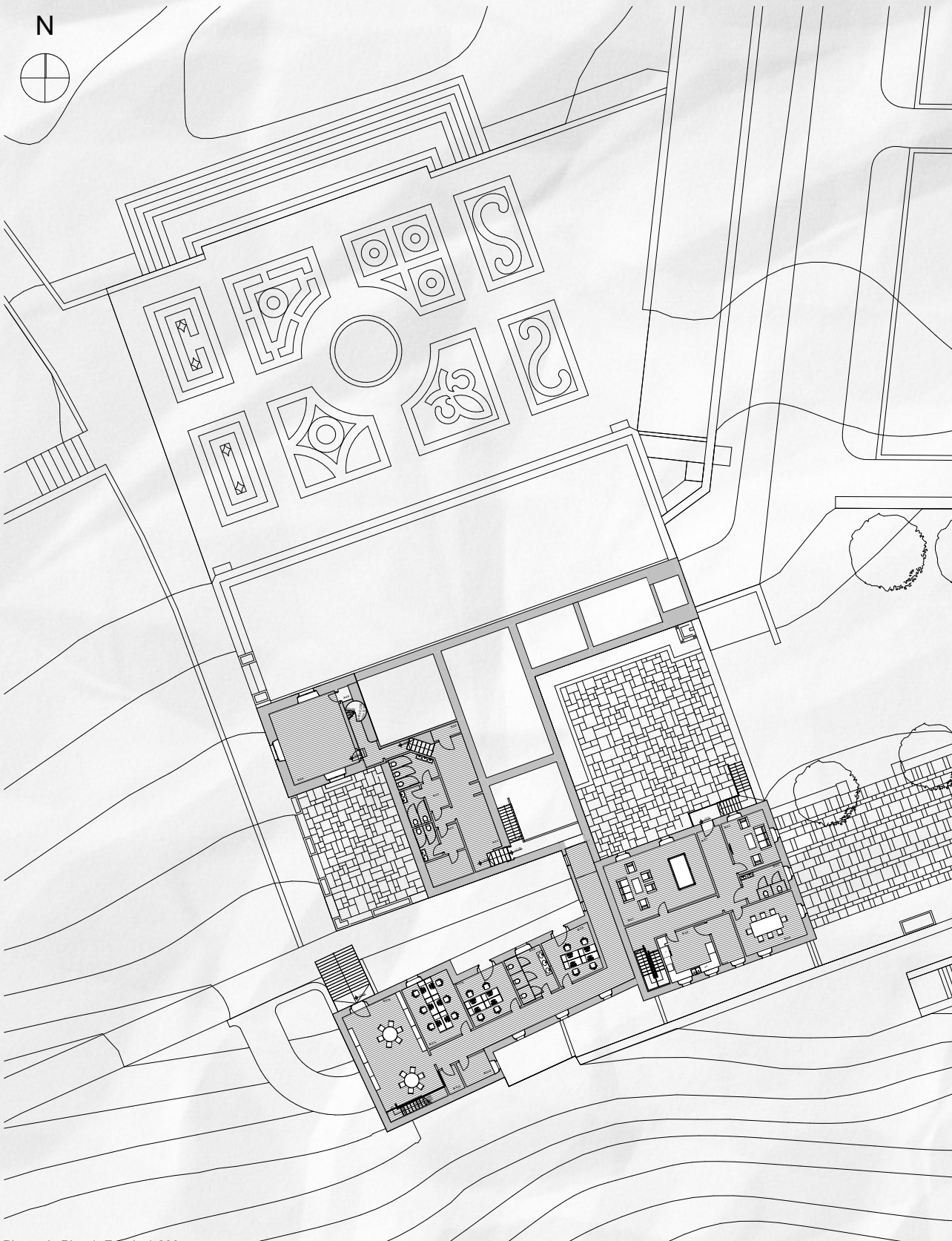


Planta do Piso de Entrada Escala 1-200

REABILITAÇÃO DA QUINTA DA RIBAFRIA CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE ARTES NUM ESPAÇO ESQUECIDO

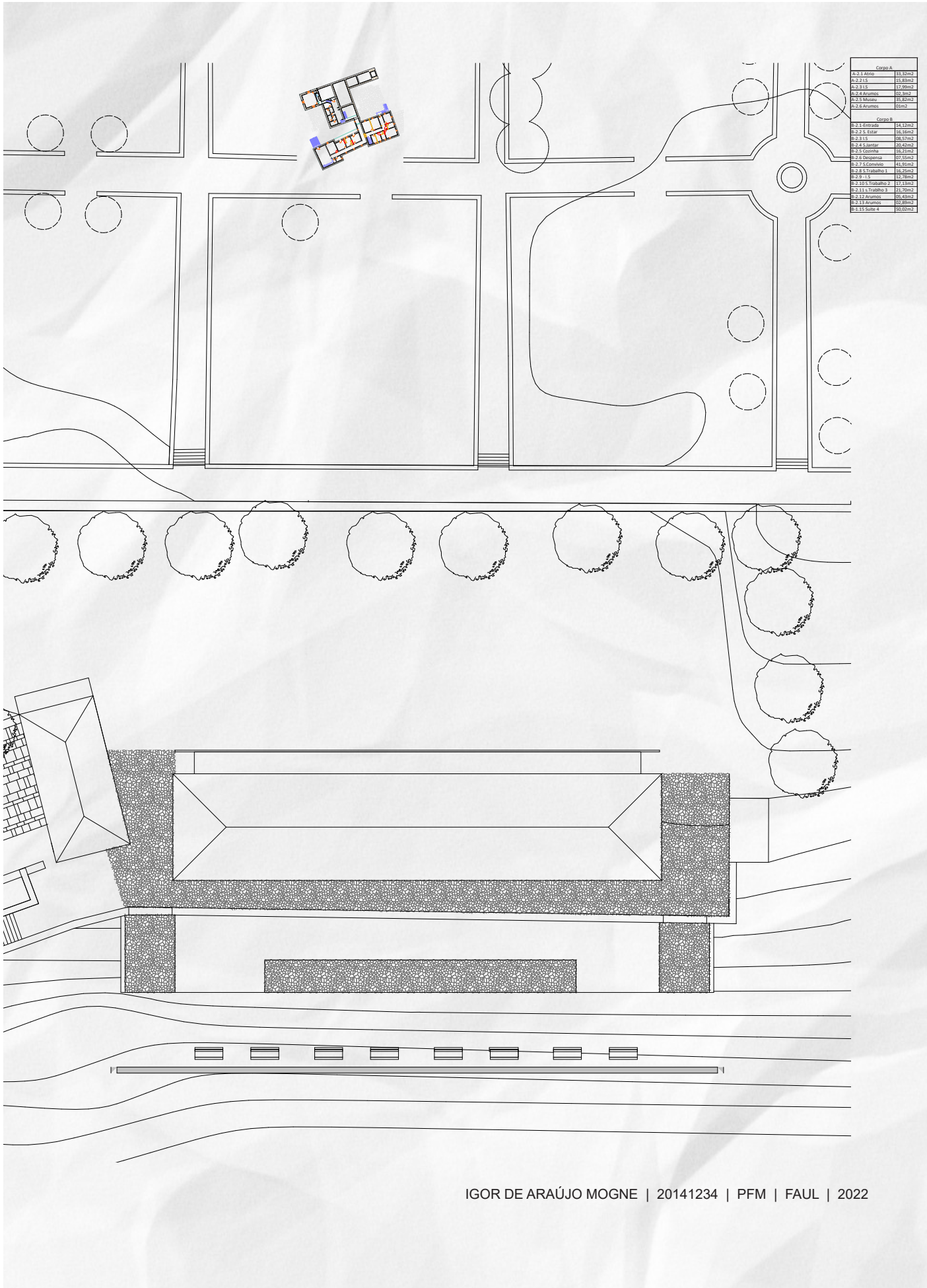


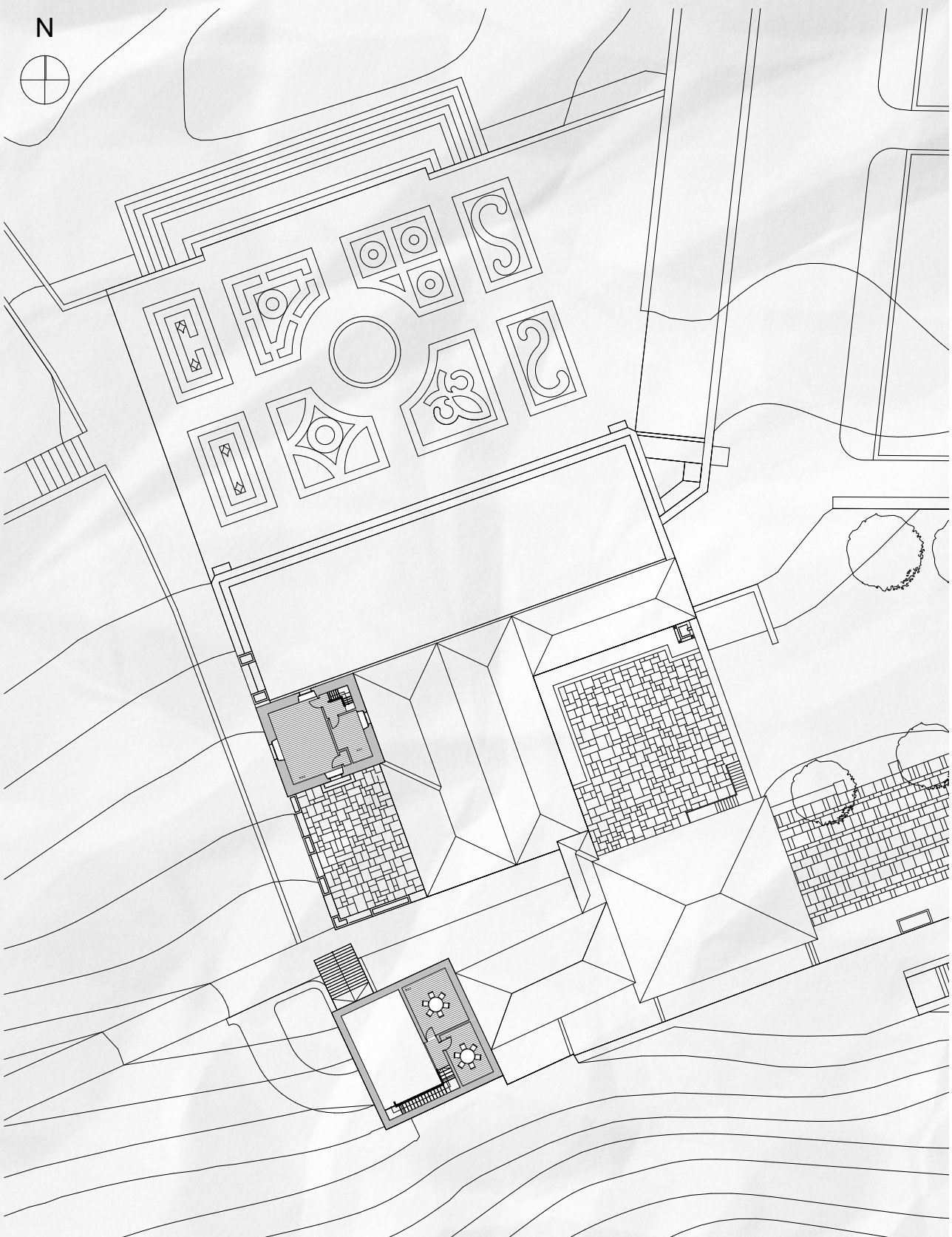
Grupo A	
A-1.1 Entrada	17,63m <sup>2</sup>
A-1.2 F. Expediente 1	35,05m <sup>2</sup>
A-1.3 Corredor	24,70m <sup>2</sup>
A-1.4 F. Expediente 2	14,60m <sup>2</sup>
A-1.5 Corredor	24,94m <sup>2</sup>
A-1.6 Arquivo	27,52m <sup>2</sup>
A-1.7 F. Expediente 3	41,87m <sup>2</sup>
A-1.8 Muro	19,12m <sup>2</sup>
Grupo B	
B-1.1 Entrada	15,13m <sup>2</sup>
B-1.2 S. Corredor	11,43m <sup>2</sup>
B-1.3 Quarta 1	36,65m <sup>2</sup>
B-1.4 L.S.	39,36m <sup>2</sup>
B-1.5 Quarta 2	36,46m <sup>2</sup>
B-1.6 Corredor	16,51m <sup>2</sup>
B-1.7 Quarta 3	11,76m <sup>2</sup>
B-1.8 L.S.	39,32m <sup>2</sup>
B-1.9 Quarta 4	13,65m <sup>2</sup>
B-1.10 S. 2	17,46m <sup>2</sup>
B-1.11 S. 2	14,46m <sup>2</sup>
B-1.12 S. 2	14,53m <sup>2</sup>
B-1.13 S. 2	16,62m <sup>2</sup>
B-1.14 A. Serviço	85,21m <sup>2</sup>
Grupo C	
C-1.1 Entrada	1,83m <sup>2</sup>
C-1.2 Top. Polivalente	111,53m <sup>2</sup>
C-1.3 Entrada 2	1,89m <sup>2</sup>
C-1.4 S. Expediente	37,36m <sup>2</sup>
C-1.5 L.S.	11,58m <sup>2</sup>
C-1.6 L.S.	11,58m <sup>2</sup>
C-1.7 S. Arquivo	19,17m <sup>2</sup>
C-1.8 S. Arquivo	19,19m <sup>2</sup>
C-1.9 Arquivo 1	14,42m <sup>2</sup>
C-1.10 S. Expediente	11,58m <sup>2</sup>
C-1.11 Arquivo	19,17m <sup>2</sup>
C-1.12 Arq.	17,45m <sup>2</sup>
C-1.13 L.S.	17,40m <sup>2</sup>
C-1.14 S. Muro 1	16,50m <sup>2</sup>
C-1.15 Pisos	86,21m <sup>2</sup>
C-1.16 P.	17,46m <sup>2</sup>
C-1.17 S. Muro 2	14,65m <sup>2</sup>
C-1.18 S. Polivalente	16,11m <sup>2</sup>
C-1.19 Oficina 1	27,62m <sup>2</sup>
C-1.20 Arq.	10,98m <sup>2</sup>
C-1.21 S. Polivalente	14,70m <sup>2</sup>
C-1.22 Oficina 2	33,46m <sup>2</sup>
C-1.23 Arquivo	26,76m <sup>2</sup>



Planta do Piso 1 Escala 1-200

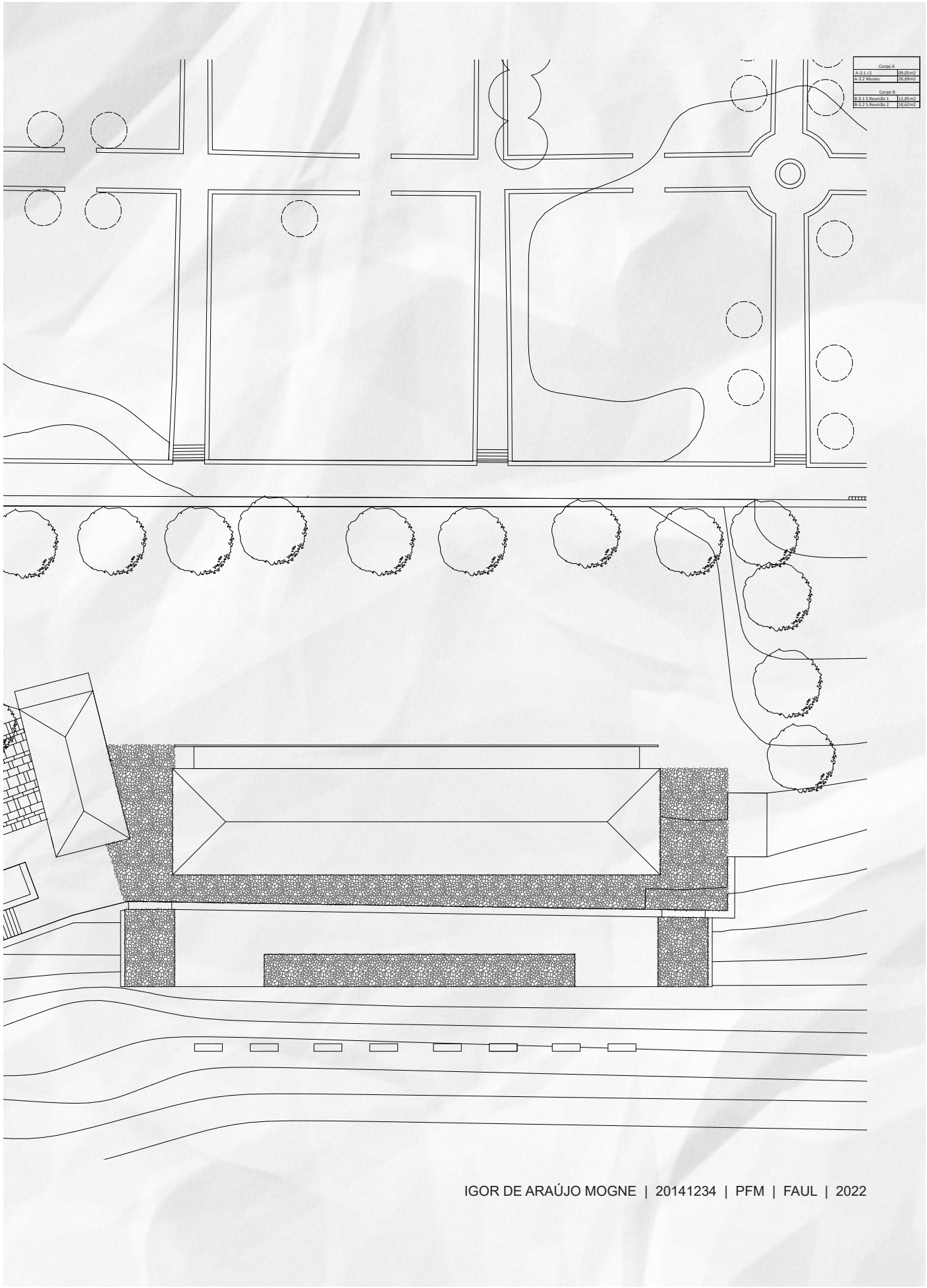
REABILITAÇÃO DA QUINTA DA RIBAFRIA CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE ARTES NUM ESPAÇO ESQUECIDO





Planta do Piso 2 Escala 1-200

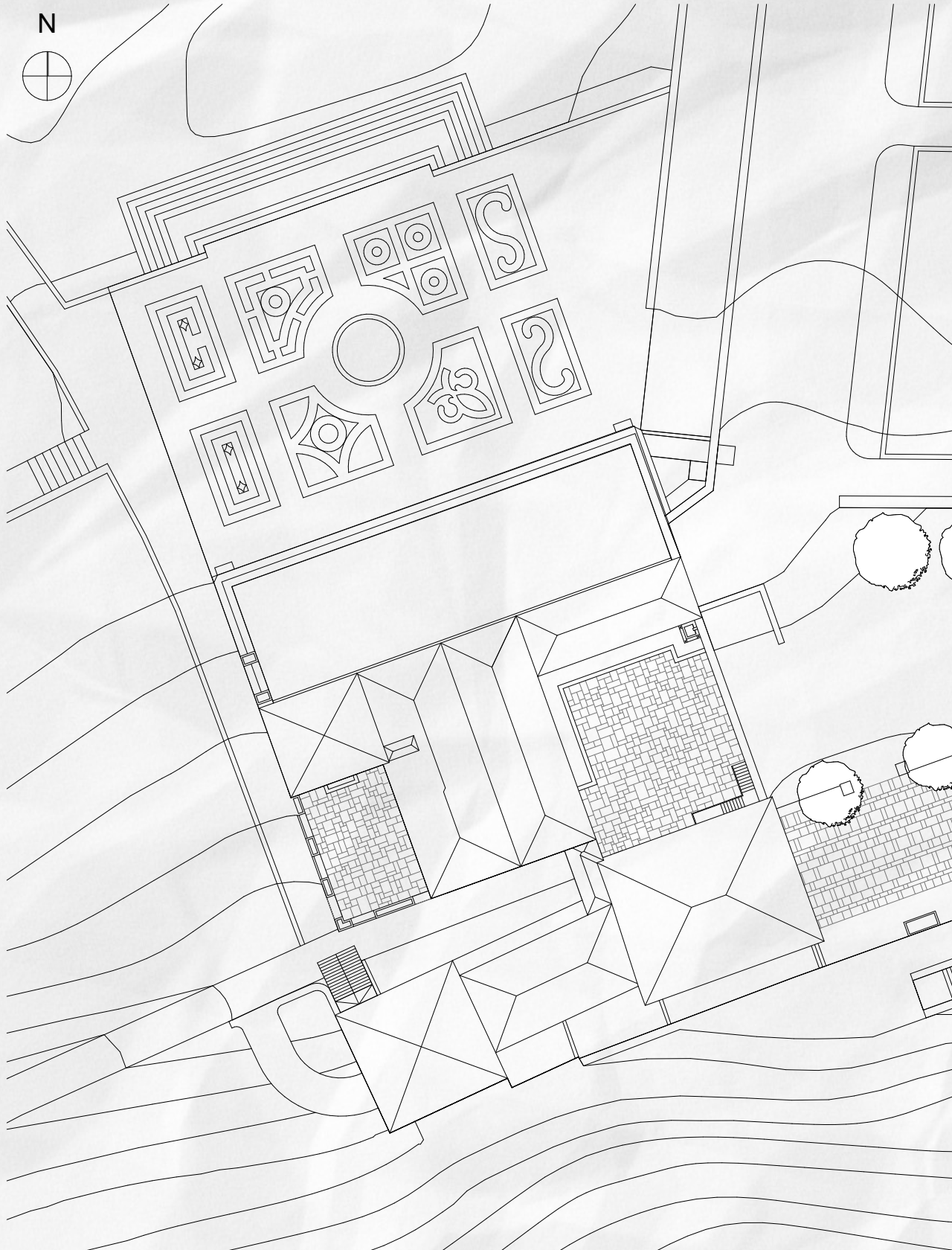
REABILITAÇÃO DA QUINTA DA RIBAFRIA CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE ARTES NUM ESPAÇO ESQUECIDO



Corpo A	
A.3.1.15	20,00m <sup>2</sup>
A.3.2 Muro	25,00m <sup>2</sup>

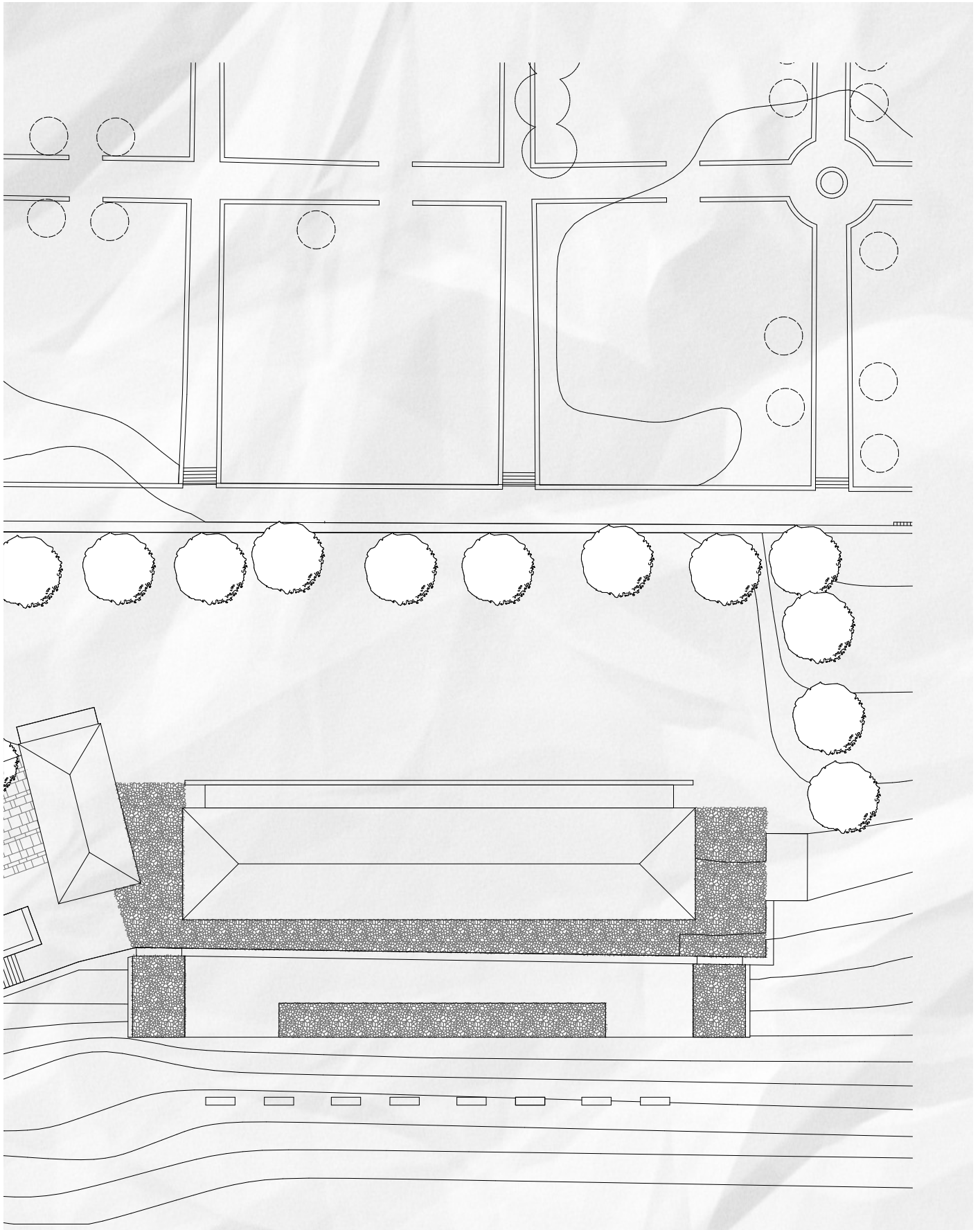
  

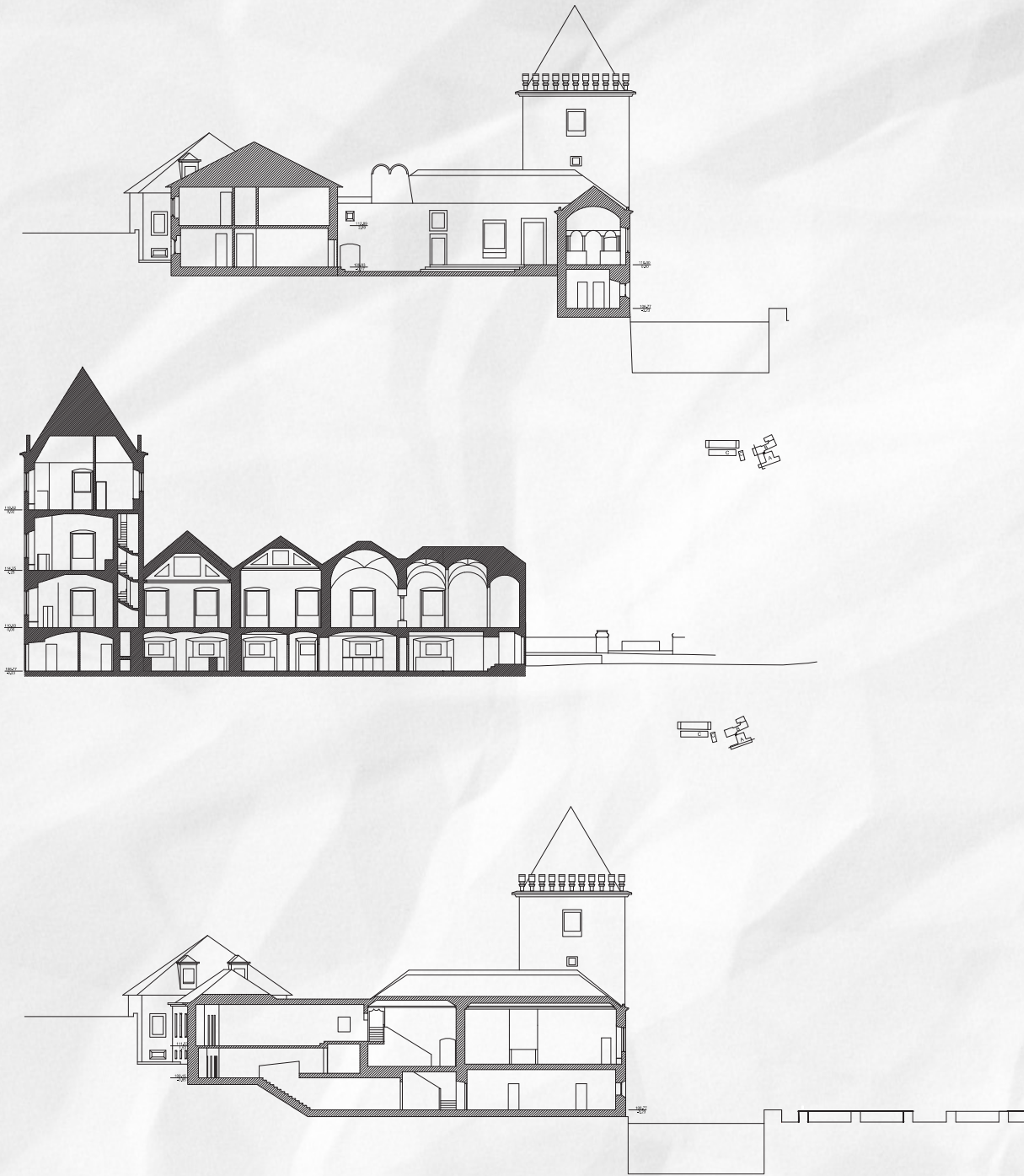
Corpo B	
B.3.1 e B.3.2-1	12,00m <sup>2</sup>
B.3.2 e B.3.2-2	18,00m <sup>2</sup>



Planta da Cobertura Escala 1-200

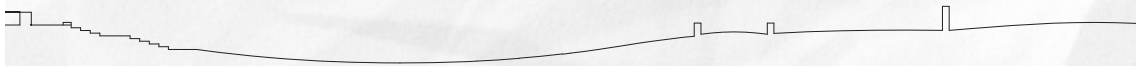
REABILITAÇÃO DA QUINTA DA RIBAFRIA CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE ARTES NUM ESPAÇO ESQUECIDO





Cortes 1-200

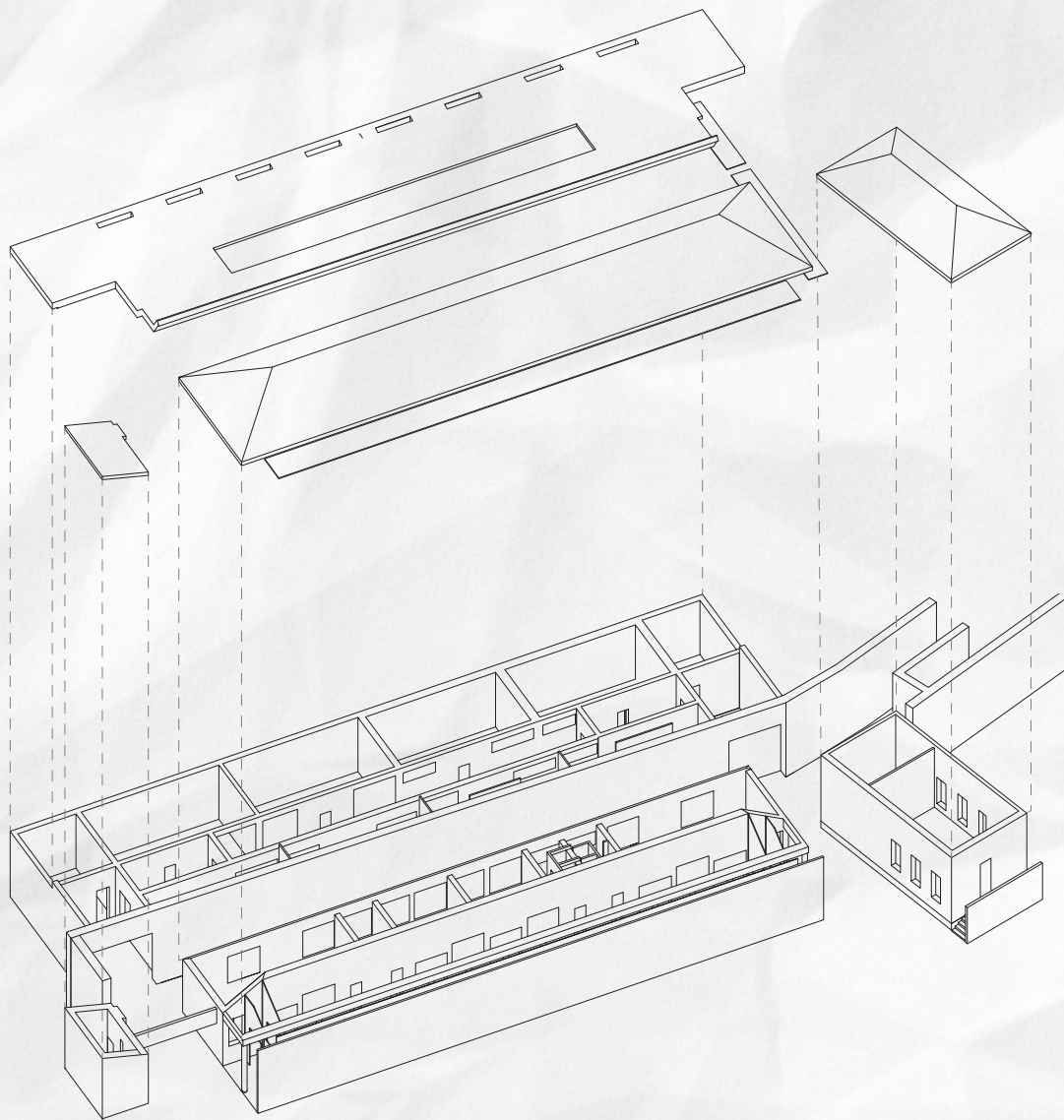
REABILITAÇÃO DA QUINTA DA RIBAFRIA CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE ARTES NUM ESPAÇO ESQUECIDO

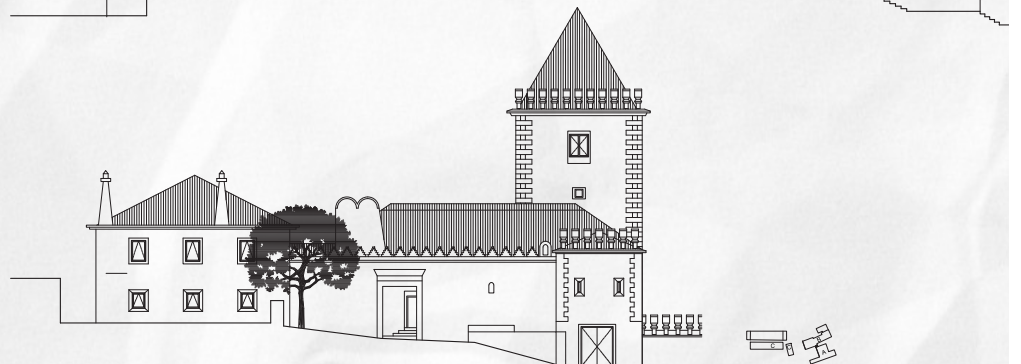
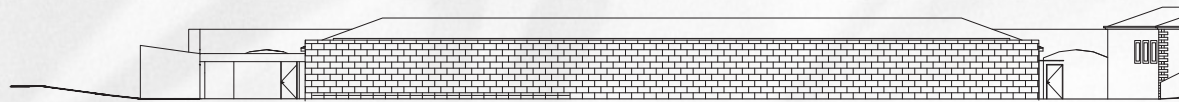
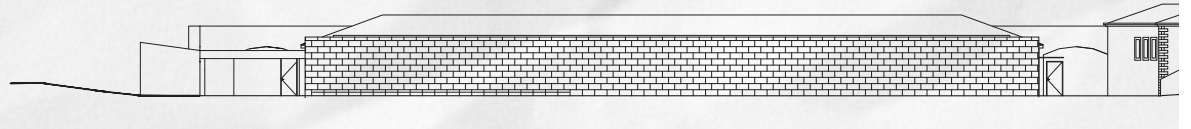




Cortes Escala 1-200

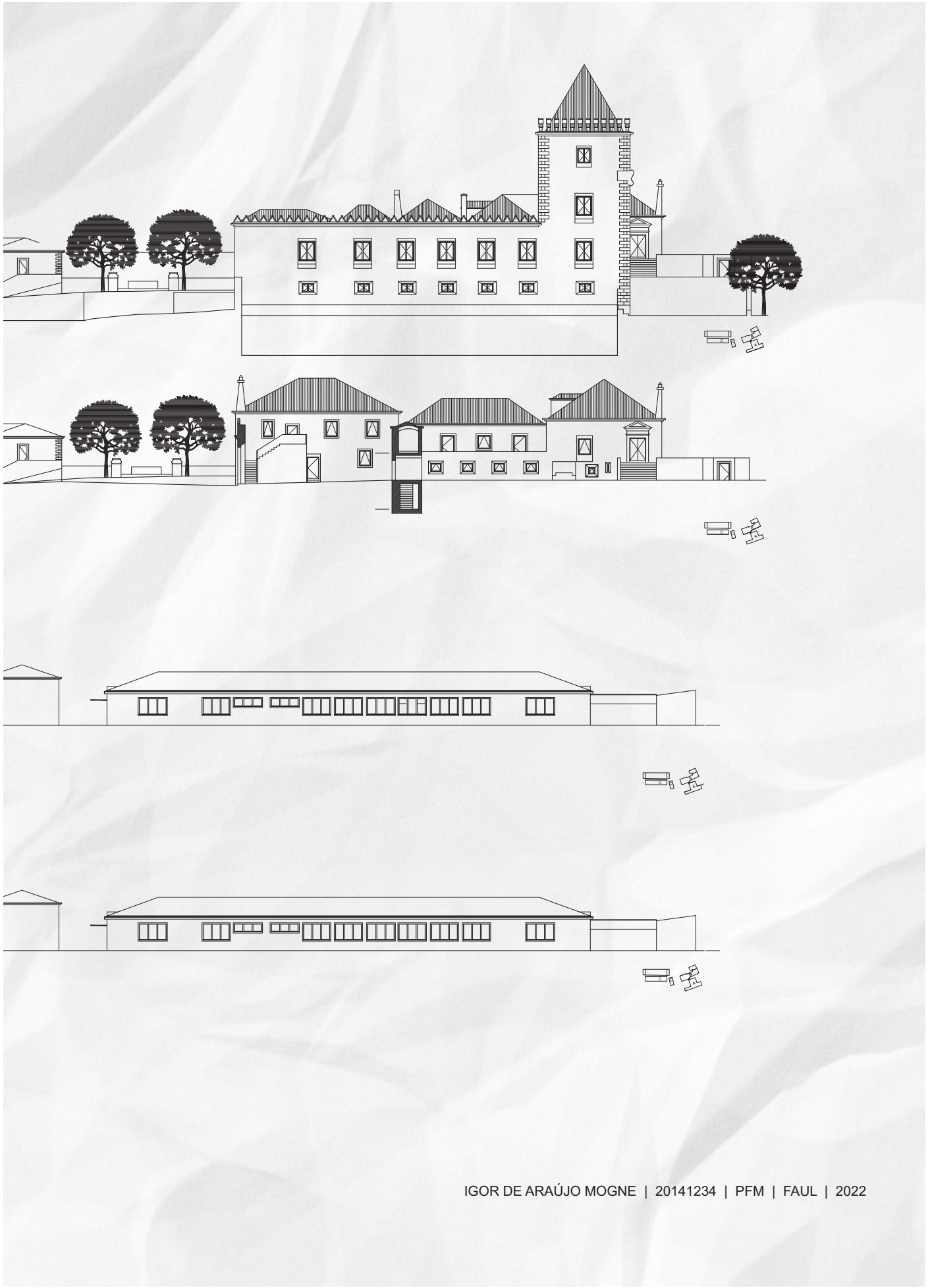
REABILITAÇÃO DA QUINTA DA RIBAFRIA CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE ARTES NUM ESPAÇO ESQUECIDO

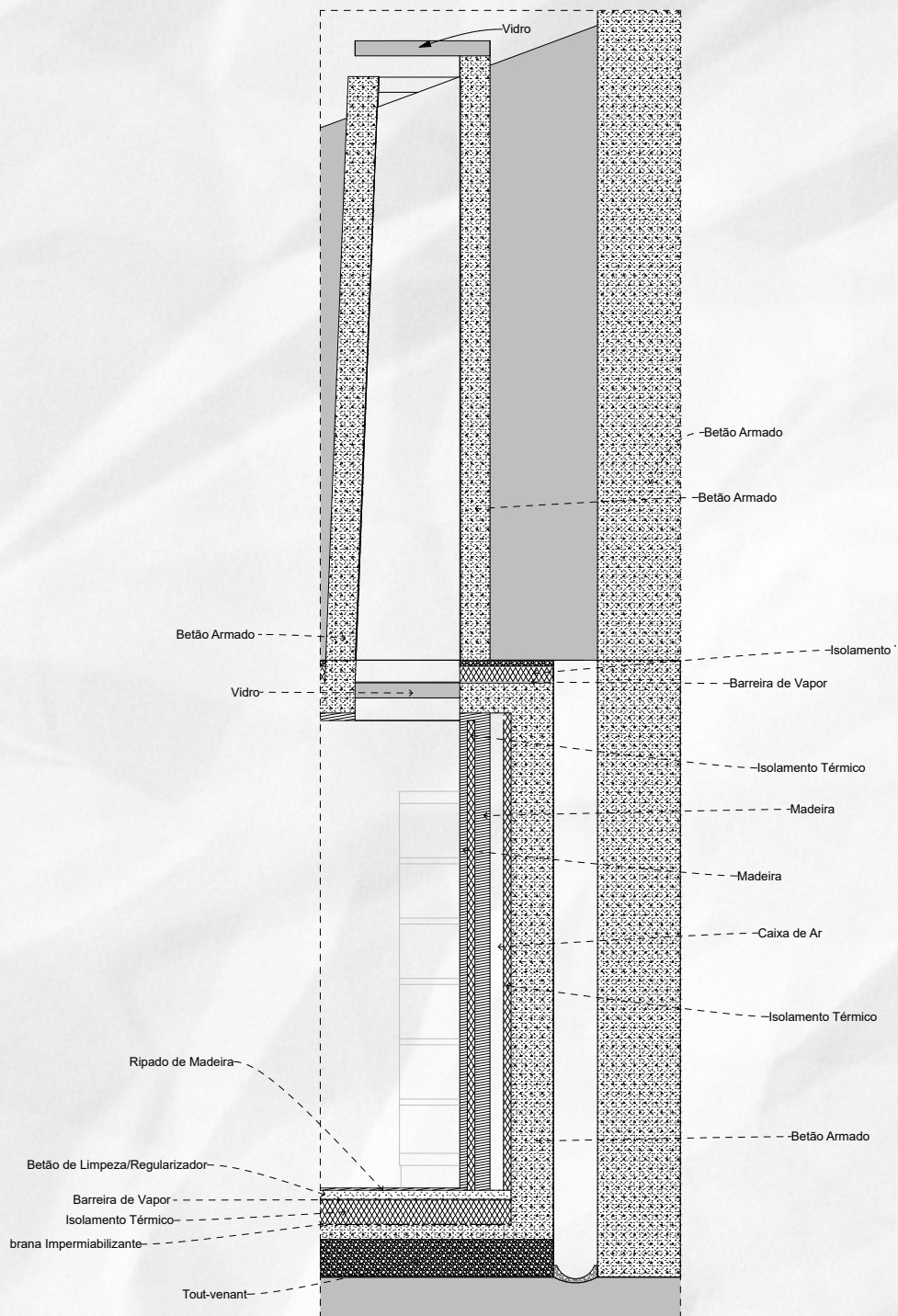




Alçados Escala 1-200

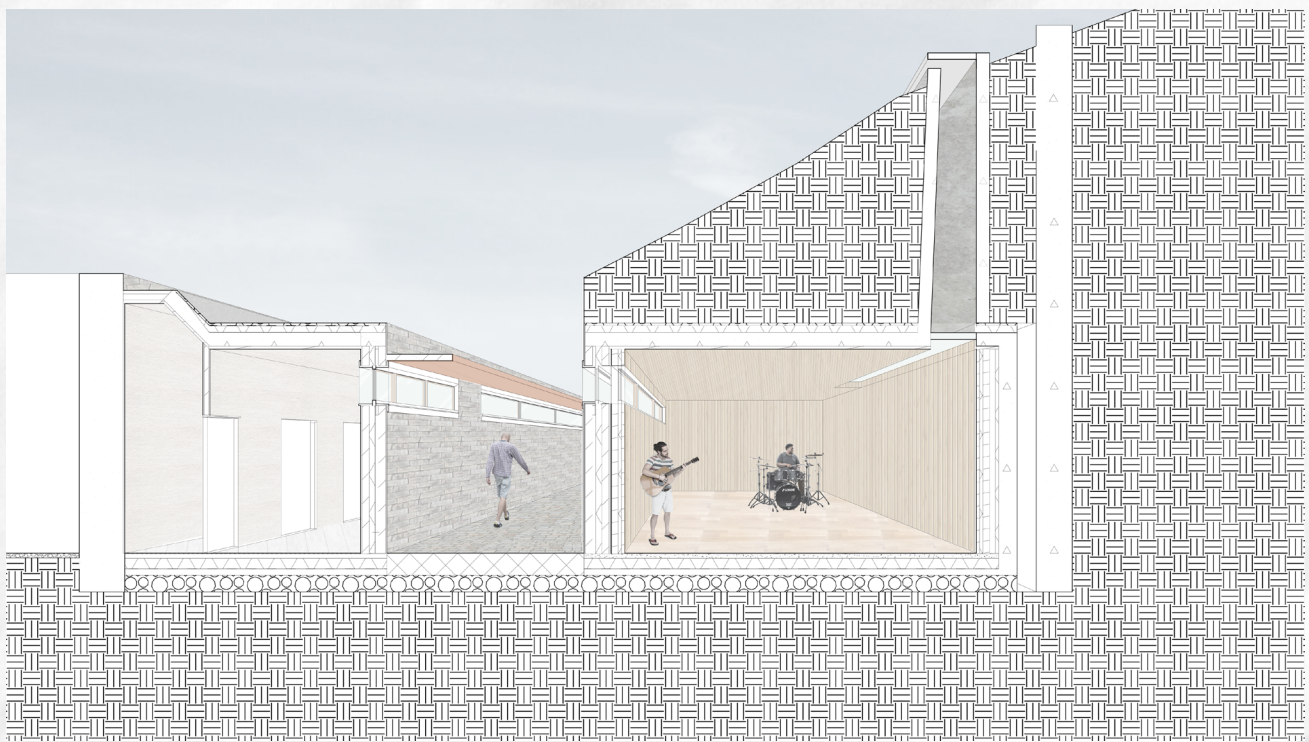
REABILITAÇÃO DA QUINTA DA RIBAFRIA CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE ARTES NUM ESPAÇO ESQUECIDO



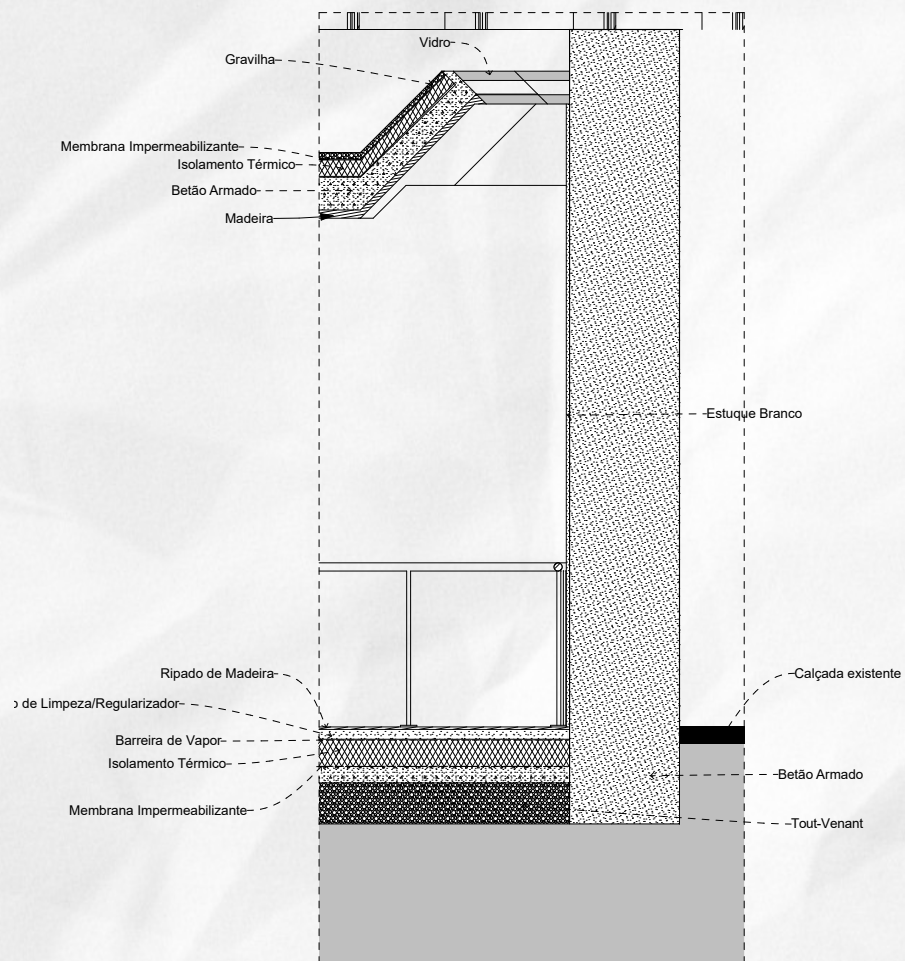


Corte Construtivo Escala 1/20

REABILITAÇÃO DA QUINTA DA RIBAFRIA CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE ARTES NUM ESPAÇO ESQUECIDO



Corte perpestico Escala 1-50



Corte Construtivo Escala - 1-20

REABILITAÇÃO DA QUINTA DA RIBAFRIA CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE ARTES NUM ESPAÇO ESQUECIDO



Corte perpestico Escala 1-50



REABILITAÇÃO DA QUINTA DA RIBAFRIA CRIAÇÃO DE UM CENTRO DE ARTES NUM ESPAÇO ESQUECIDO









